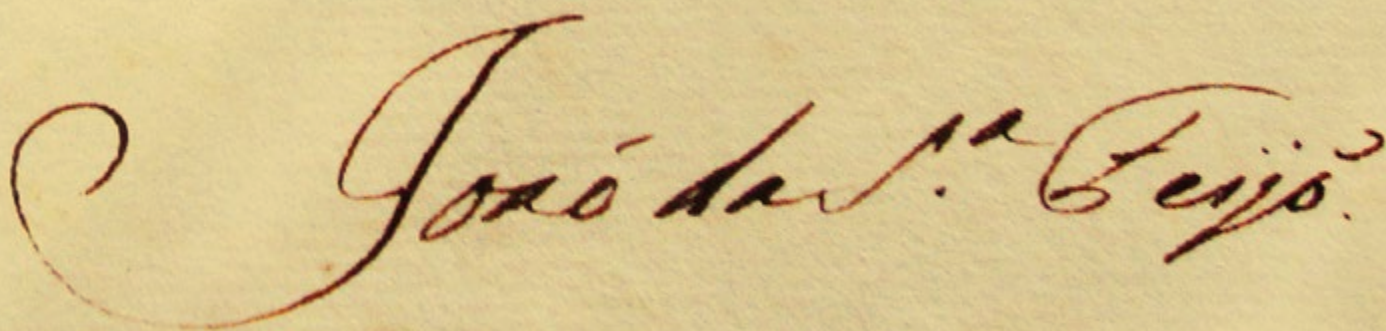


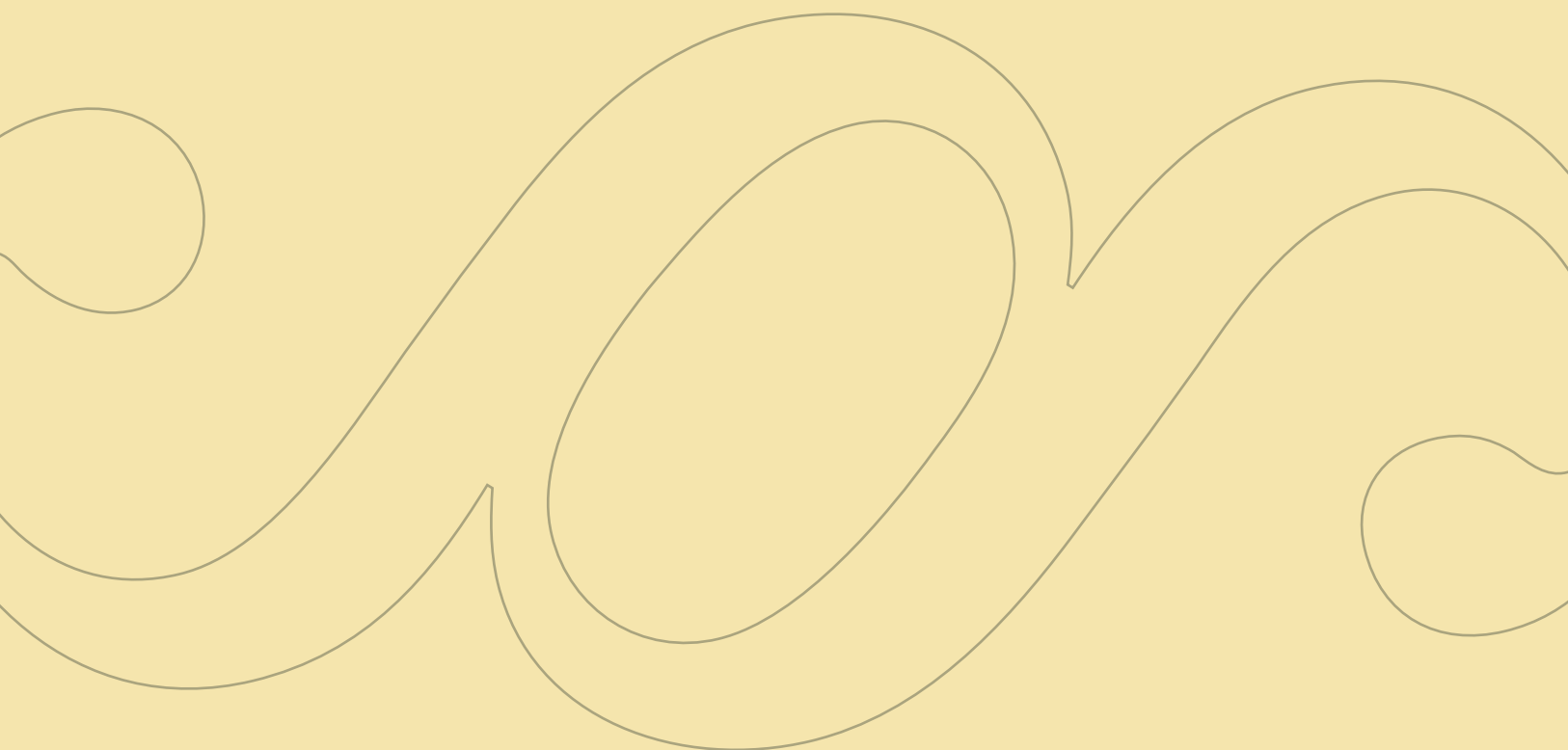
De Cabo Verde para Lisboa:

Cartas e Remessas Científicas da Expedição
Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)

Vol. I - Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino



João da Silva Feijó





De Cabo Verde para Lisboa:

Cartas e Remessas Científicas da Expedição
Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)

Vol. I - Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino

Coordenação

Ana Cristina Roque e Maria Manuel Torrão



Lisboa, Junho de 2013

Nota de Apresentação

Ana Cristina Roque e Maria Manuel Torrão 8

1. Um Naturalista nas Ilhas de Cabo Verde: A Circulação do Conhecimento Científico no Século XVIII

Maria Manuel Torrão e Ana Cristina Roque 11

2. Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino: Conselho Ultramarino, Caixas de Cabo Verde

26

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 41, doc. 33

26

Carta do Bispo Frei Francisco de São Simão, governador das ilhas de Cabo Verde ao ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 24 de abril de 1783

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 41, doc. 35

28

Carta do Naturalista João da Silva Feijó para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha Brava, 24 de maio de 1783

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 41, doc. 57

29

Carta do Naturalista João da Silva Feijó para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha do Fogo, 21 de dezembro de 1784

Lista dos caixotes que estão prontos para serem enviados para Lisboa. Ilha do Fogo, 21 de dezembro de 1783

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 42, doc. 8

32

Carta do Naturalista João da Silva Feijó para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 29 de fevereiro de 1784

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 42, doc. 13h

34

Carta do Naturalista João da Silva Feijó para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 4 de abril de 1784

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 42, doc. 20

36

Primeira remessa da expedição feita na ilha de S. Nicolau por João da Silva Feijó, enviada para o ministro Martinho de Mello e Castro, em 30 de Maio de 1784

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 42, doc. 28

40

Carta do Ouvidor José Ferreira da Silva para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de

Santiago, 29 de junho de 1784

- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 43, doc. 35** 42
Carta do Governador António Machado de Faria e Maia para o ministro Martinho de Mello e Castro, Ilha de Santiago, 6 de Julho de 1784
- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 43, doc. 53A** 45
Carta do Naturalista João da Silva Feijó para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de S. Nicolau, 30 de maio de 1784
Carta do Naturalista João da Silva Feijó para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha do Fogo, em 4 de agosto de 1786
Memória sobre a nova erupção do vulcão da ilha do Fogo de 11 de agosto de 1786
- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 43, doc. 62** 60
Relação dos produtos naturais da ilha do Fogo remetidos para o Real Gabinete, em 11 de agosto de 1786, pelo Naturalista João da Silva Feijó
- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 43, doc. 63** 76
Carta do Naturalista João da Silva Feijó para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha do Fogo, 17 de agosto de 1786
- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 44, doc. 10** 77
Carta do governador António Machado de Faria e Maia para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 9 de Julho de 1787
- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 44, doc 17.** 78
Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 2 de maio de 1788
- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 44, doc. 55** 79
Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, Praia, 2 de maio de 1788
Relação do que deve vir pera o Naturalista régio João da Silva Feijó.
- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 45, doc. 7** 80
Carta do governador António Machado de Faria e Maia para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 7 de março de 1789 (2ª via)
Calculo sobre a produto da experiencia do peixe seco, pelo Naturalista João da Silva Feijó
- A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 45, doc. 8** 84
Relação da factura do peixe seco enviada pelo Naturalista João da Silva Feijó ao governador António Machado de Faria e Maia, em 1789
Carta do governador António Machado de Faria e Maia para o ministro Martinho de Mello e Castro.

Ilha de Santiago, 7 de março de 1789 (1ª via)

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 45, doc. 15

89

Relação dos volumes enviados ao Real Gabinete de História Natural pelo Naturalista João da Silva Feijó, em 12 de março de 1789

Carta do governador António Machado de Faria e Maia para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 10 de março de 1789

Informação do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 21 de março de 1789

Conhecimento do Mestre da Escuna Nossa Senhora Madre de Deus sobre um carregamento para a Secretaria de Estado, em 20 de março de 1789

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 46, doc. 1

93

Carta do governador António Machado de Faria e Maia para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 14 de janeiro de 1790

Lista das despesas que fez à Real Fazenda das ilhas de Cabo Verde, o Naturalista João da Silva Feijó. Ilha de Santiago, 30 de dezembro de 1789

Relação das remessas dos produtos naturais das ilhas de Cabo Verde feitas pelo Naturalista João da Silva Feijó de 1786 a 1789, dirigidas ao Real Museu da Ajuda pelo governador António Machado de Faria e Maia. Ilha de Santiago, 30 de dezembro de 1789

§6

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 46, doc. 5

102

Carta do Naturalista João da Silva Feijó para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 24 de janeiro de 1790

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 46, doc. 7

104

Carta do governador Francisco José Teixeira Carneiro para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 20 de fevereiro de 1790

Relação dos volumes que se remetem a partir das ilhas de Cabo Verde para o Real Gabinete de História Natural. Santiago, 15 de janeiro de 1790

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 46, doc. 11

105

Carta do governador Francisco José Teixeira Carneiro para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 25 de abril de 1790

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 48, doc. 11

106

Carta do governador Francisco José Teixeira Carneiro para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 3 de setembro de 1793

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde 48, doc. 82

108

Carta de Francisco da Silva e João de Andrade para o ministro Martinho de Mello e Castro. Ilha de Santiago, 5 de dezembro de 1795

Requerimento do Naturalista João da Silva Feijó, s/d.

Cópia de uma carta de D. Martinho de Mello e Castro para o Governador de Cabo Verde, António Machado Faria e Maia. Queluz, 23 de novembro de 1785

3.Relação de documentação a publicar no Volume 2

Anexos	113
Ficha técnica	120

Nota de Apresentação

Nos últimos anos tem sido manifesto um interesse crescente pelas questões ligadas à biodiversidade e à gestão e aproveitamento dos recursos naturais. O conhecimento desses recursos e das suas formas de aproveitamento tem, por isso, constituído objeto de estudo específico no sentido de uma avaliação dos recursos disponíveis e da procura de soluções que visem a sua preservação e gestão racional sem prejuízo das formas seculares de utilização que as populações deles têm feito.

A transversalidade desta matéria envolve várias áreas disciplinares evidenciando as suas múltiplas vertentes e formas de abordagem, suscita discussões que ultrapassam os domínios específicos das áreas científicas envolvidas, apela à procura de soluções no domínio do conhecimento dos saberes e práticas tradicionais e, neste contexto, remete também para o conhecimento histórico do seu suporte e contextualização na perspectiva duma melhor compreensão da sua evolução.

Nas áreas geográficas marcadas pela presença e/ou influência portuguesa esta contextualização remete-nos por vezes para períodos específicos, como o da Expansão e Descobrimientos, ou da Ocupação Colonial, sendo que do primeiro decorreu a produção de um conjunto de registos hoje tidos como o *corpus* documental mais antigo para muitas regiões. Destaca-se, neste contexto, a documentação dos séculos XV-XVI que inclui os primeiros registos sobre algumas dessas regiões e que, informando sobre diversos aspetos de várias regiões e dos seus habitantes, constitui hoje um referencial relevante para uma melhor compreensão e avaliação da situação atual das áreas descritas.

A partir do século XVI, a fixação dos Portugueses em África e no Oriente, e em muitos casos a sua integração nas comunidades locais, permitiu o melhor conhecimento dos recursos locais e do seu aproveitamento, nomeadamente das formas e estratégias utilizadas por quem deles dependia. Este processo, refletiu-se no acesso aos conhecimentos técnicos e saberes específicos destas comunidades e possibilitou, sobretudo a partir do século XVIII, uma base de trabalho que enquadrou e suportou as expedições científicas incentivadas na Europa pelas ideias iluministas.

Neste contexto, as expedições naturalistas conhecidas como “Expedições Filosóficas”, empreendidas pelos europeus no século XVIII nos diferentes territórios ultramarinos, constituem matéria privilegiada para o estudo da circulação de saberes e de conhecimentos científicos num imenso espaço geográfico que, desde logo, se afirmou como intercontinental e multicultural.

Às vivências e aprendizagens nestes espaços, marcados tanto pela influência portuguesa quanto pela interação epistémica resultante do contacto entre as várias comunidades em presença, estas missões acrescentaram, pela primeira vez, um registo científico minucioso que sublinha a sua natureza interdisciplinar.

Neste contexto, os relatórios e as coleções delas resultantes são importantes repositórios de informação técnica e científica, reveladores não só do trabalho de recolha e reconhecimento sistemático que então foi feito, como de um processo de interação epistémica que importa estudar avaliando, em simultâneo, a importância da recuperação da informação que então foi coligida.

A documentação que agora se publica integra-se no conjunto de documentos produzidos por estas primeiras expedições naturalistas e respeita especificamente aos trabalhos, na sua maioria inéditos¹, do Naturalista Régio João da Silva Feijó, nas Ilhas de Cabo Verde, entre 1783 e 1796, e encontra-se dispersa por três Arquivos, em Lisboa, a cujos responsáveis se agradece o acesso aos manuscritos e a autorização para a sua publicação.

Trata-se de três núcleos diferenciados mas complementares que, no seu conjunto, permitem uma visão mais ampla dos trabalhos e recolhas deste Naturalista nas ilhas de Cabo Verde, e das muitas dificuldades que ali teve de enfrentar para cumprir a missão que lhe foi atribuída.

O primeiro destes núcleos, encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino (AHU). Trata-se de um conjunto de manuscritos constituídos por documentação avulsa dispersa, na sua maioria, cartas para D. Martinho de Melo e Castro, escritas por João da Silva Feijó e pelos diversos governadores das ilhas de Cabo Verde, entre 1783 a 1795.

O segundo, está guardado nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e reúne uma coleção de 7 cartas sobre a Ilha Brava e a Ilha do Fogo, datadas de 1783, num mesmo manuscrito intitulado “Relação das Ilhas de Cabo Verde disposto pelo methodo epistolar dirigidas ao Ill.mo e Exmo Senhor Martinho de Melo e Castro pelo Naturalista Régio das mesmas Ilhas João da Silva Feijó”.

O terceiro, pertence ao Arquivo do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e é constituído por documentação avulsa, designadamente cartas enviadas por João da Silva Feijó para Júlio Matiazzi, entre 1783 a 1796, e pelo inventário das remessas enviadas por Feijó das diversas ilhas de Cabo Verde para Lisboa, ao longo da sua estada naquelas Ilhas.

Os dois volumes de *De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e Remessas Científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)* reúnem assim, cartas, relatórios, inventários e listas de remessas dispersas que, deste modo, ganham coerência e unidade no quadro desta expedição permitindo, em simultâneo, seguir passo a passo o dia-a-dia do Naturalista, acompanhando a sua passagem por todas as Ilhas do arquipélago (Anexo 2), percebendo as suas ligações pessoais (Anexo 1) e registando as suas recolhas (Anexo 3).

Neste primeiro volume publicam-se os manuscritos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino e um estudo organizando e interpretando as informações recolhidas nestes documentos relativas à permanência e atividade científica de João da Silva Feijó nas Ilhas de Cabo Verde.

No segundo volume, publicam-se os manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal e do Arquivo do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, tal como no primeiro volume, um estudo sobre a constituição das remessas científicas enviadas por João da Silva Feijó.

1 - Para os textos já publicados veja-se o Anexo 4. Tivemos recentemente a informação de uma publicação sobre João da Silva Feijó e a sua obra, à qual não conseguimos ter ainda acesso, mas de que deixamos a referência SANTOS, Rosângela Maria Ferreira dos e PEREIRA, Magnus Roberto de Mello, 2012, *João da Silva Feijó um homem de ciência no Antigo Regime* português, Curitiba, Editora UFPR, Coleção Ciência e Império

Para a transcrição foram consultados os documentos originais nos três arquivos, respeitando a grafia original da documentação, designadamente no que respeita ao uso de maiúsculas e as minúsculas, de letras como u, v, i e y, de letras duplas no meio das palavras e pontuação. No entanto, a fim de facilitar a leitura, introduzimos as seguintes alterações:

- Transcreveu-se o documento em linha contínua separando os fólios por traços oblíquos e indicando no meio da linha ou no lado esquerdo do documento, o correspondente número do fólio dentro de parênteses retos;
- Separaram-se as palavras juntas mas reunimos as várias sílabas da mesma palavra;
- As vogais duplas foram reduzidas a uma só com o respetivo acento;
- Desdobraram-se as abreviaturas;
- Além das nossas notas, foram também colocadas em nota de pé de página algumas anotações introduzidas pelo autor conservando no entanto a sua numeração original.

A publicação deste conjunto de manuscritos no âmbito do projeto *Conhecimento e Reconhecimento em Espaços de Influência Portuguesa: registos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e na Insulíndia* (FCT HC0075/2009) tem como objetivo dar a conhecer a documentação inédita sobre esta expedição e disponibilizar todo um conjunto de dados relativos às suas recolhas, não só para uma melhor compreensão da dimensão e do alcance das expedições naturalistas do século XVIII, como para evidenciar a importância atual desta informação tendo em vista uma melhor perceção da realidade do Arquipélago de Cabo Verde e da sua evolução ao longo do tempo.

§ IO



Um Naturalista nas Ilhas de Cabo Verde: A Circulação do Conhecimento Científico no Século XVIII¹

O facto das ilhas de Cabo Verde terem sido uma região ocupada e colonizada por portugueses sem que, anteriormente, aí houvesse qualquer presença humana, condicionou a evolução de múltiplas realidades que aí se vieram a manifestar (Senna Barcellos, C.J., 1899-1905; História Geral de Cabo Verde, 1991-2002; Nova História da Expansão Portuguesa – A Colonização Atlântica, 2005). Contrariamente ao que sucedeu em regiões como a Guiné, Angola, Moçambique e mesmo com o Brasil, áreas previamente habitadas à chegada dos europeus, nas ilhas de Cabo Verde e nas de São Tomé foram os portugueses que, ao mesmo tempo que nelas se estabeleceram, promoveram a entrada nas ilhas de africanos procedentes da costa da Guiné. Neste contexto, surgiu, em Cabo Verde, mais precisamente na ilha de Santiago, o primeiro espaço de ocupação europeia nos Trópicos: a vila, e mais tarde, cidade da Ribeira Grande (Santos e Cabral, 2006).

Dado que esta colonização se processou através da ocupação das ilhas com homens vindos da Europa e de África, num espaço natural desconhecido de todos, a apropriação de conhecimentos relativamente à natureza desta região revelou-se um processo longo e peculiar. Uns e outros estavam perante uma região geográfica, geológica, hidrográfica, botânica e zoológica totalmente nova, não havendo *know-how* experimentado ou previamente acumulado passível de ser adaptado de outras regiões a esta, sem que primeiro se procedesse a um reconhecimento preliminar da realidade natural com que se estava a lidar.

O solo, por exemplo, apresentava uma cobertura vegetal diversificada, totalmente distinta da europeia ou da existente na costa ocidental africana, pelo que os novos ocupantes desconheciam as possibilidades da sua utilização; O mesmo se passava no domínio do conhecimento da flora e das suas possíveis propriedades e usos, em especial da flora endémica. Para tentar ultrapassar esta situação, europeus e africanos residentes em Santiago e no Fogo ensaiaram, desde logo, ainda que nem sempre com sucesso, a introdução de culturas e espécies que lhes eram familiares nos seus lugares de origem.

Por sua vez, o facto de se tratar de uma sociedade assente numa estrutura marcadamente escravocrata dificultou, nos primeiros séculos de colonização, a troca de informações e de experiências entre brancos e negros, entre senhores e escravos. A atitude de superioridade pessoal e cultural dos primeiros face aos segundos, e a desconfiança e ressentimento destes face ao grupo que os dominava política, económica e socialmente, invalidou um fácil entrosamento de experiências. Esta situação teve repercussões imediatas, designadamente ao nível da saúde.

De facto, uma das primeiras preocupações com que se depararam os primeiros povoadores portugueses

1. Uma versão inicial deste texto foi publicada com o título “Circulação de Conhecimentos Científicos no Atlântico. De Cabo Verde para Lisboa: memórias escritas, solos e minerais, plantas e animais. Os envios científicos de João da Silva Feijó” *O Atlântico Revolucionário circulação de ideias e elites no final do Antigo Regime*, coordenação de José Damião Rodrigues, Ponta Delgada, CHAM, 2012, pp.137-160.

que iniciaram o processo de ocupação das ilhas de Cabo Verde, nomeadamente a de Santiago, foi a de lutarem contra a chamada “doença da terra” (Torrão e Soares, 2008). Embora esta moléstia fosse amiudadamente referida na documentação dos séculos XV e XVI, quase nunca se especificavam as suas manifestações, nem tão pouco se faziam quaisquer observações de carácter científico. Pouco mais se referia do que febres e indisposições, que atacavam sobretudo a população de origem europeia, e um medo imenso desta em contrair a doença que não parecia ter outra cura que não a de entregar-se o doente nas “mãos da divina providência”.

Apenas a evolução histórica e peculiar desta sociedade insular permitiu que o tempo, possibilitando um melhor conhecimento do território e um desagrar da clivagem social branco/negro, senhor/escravo, facultasse o reconhecimento progressivo das potencialidades do território e das propriedades da flora medicinal para amenizar os estados mais graves da “doença da terra” e auxiliar na sua convalescença.

Efetivamente, a partir de finais do século XVII, verificou-se um esforço progressivo no sentido de conhecer cada vez melhor a natureza das ilhas, em particular no domínio da flora medicinal local. O investimento que então foi feito procurava não só resolver os problemas relacionados com a cura da “doença da terra”, como também dar resposta às necessidades específicas do arquipélago decorrentes das alterações verificadas nos finais do século XVII.

Por um lado, o isolamento a que as ilhas de Cabo Verde foram sendo votadas, desde o final do século XVII, devido ao afastamento progressivo de todas as rotas marítimo – comerciais e, conseqüentemente, a irregularidade das comunicações com a Europa. O abrandamento e, nalguns casos, o corte absoluto destas rotas marítimas, conduziu à necessidade imperiosa de tentar encontrar soluções locais para ultrapassar as dificuldades crescentes ao nível do abastecimento e aprovisionamento de bens de primeira necessidade, designadamente medicamentos. Neste domínio, a falta da botica do reino, estimulou tanto o conhecimento e utilização de plantas medicinais locais, como a preparação de mezinhas específicas para as doenças que mais atormentavam as populações europeias e africanas.

Por outro lado, a importância crescente das doutrinas iluministas que se manifestavam por toda a Europa de então (Domingues, 2006) e que, extravasando o espaço europeu se faziam sentir nos territórios de além-mar. Neste contexto, também em Portugal, no último terço do século XVIII, os reformismos pombalino e mariano, sob a influência de estrangeiros e estrangeirados, impulsionaram a renovação das ciências exatas e naturais em instituições como a Universidade de Coimbra, a Real Academia das Ciências de Lisboa e o Real Gabinete de História do Jardim Botânico da Ajuda. Sob a égide científica de naturalistas como Domingos Vandelli e Júlio Mattiuzzi, entre outros, e o apoio político dos ministros da Marinha e dos Negócios Ultramarinos Martinho de Melo e Castro e D. Rodrigo de Sousa Coutinho nasceu um ambicioso projeto de descrição do mundo natural ultramarino, em que se combinava, não sem contradições, política e conhecimento, poder e saber, utilitarismo económico e ciência. O enriquecimento de coleções botânicas, zoológicas, geológicas, entre outras, o aumento de conhecimentos científicos, a tentativa de criar um “mundo inventariado e catalogado” eram ideias fundamentais na Europa de então e também no Portugal setecentista procurando-se estender esta ideologia a recolhas realizadas em todos os territórios sob a alçada da soberania da Coroa Portuguesa.

Foi precisamente nesta conjuntura que o Naturalista João da Silva Feijó foi enviado para Cabo Verde. Nascido no Rio de Janeiro, provavelmente no ano de 1760, o seu verdadeiro nome era João da Silva

Barbosa²; veio do Brasil para Lisboa³ para estudar na Universidade de Coimbra, tendo cursado primeiro Filosofia e depois, Matemática. Integrou a equipa, organizada por Domingos Vandelli, composta por seus ex-alunos da Universidade de Coimbra, para trabalharem em Lisboa na organização do acervo do Real Museu de História Natural da Ajuda. Este grupo veio a ser posteriormente desmembrado com um objetivo que se entendia como sendo de grande importância: o projeto de realização de viagens filosóficas, coordenado pelo referido Domingos Vandelli e Júlio Matiazzi e patrocinado pelo Ministro Martinho de Melo e Castro, que enviou para várias partes do Império estes mesmos Naturalistas.

*

João da Silva Feijó desembarcou na ilha de São Nicolau, em Cabo Verde, em Fevereiro de 1783, tendo sido acolhido pelo Bispo D. Frei Francisco de São Simão que, de imediato, procurou integrá-lo naquela terra particularmente inóspita. Na embarcação que levava Feijó desde Lisboa até àquela ilha seguiu também o futuro sargento-mor da ilha do Fogo com uma companhia de cães, que haviam feito tantas perturbação a bordo e empestado o navio de detritos, que o cheiro procedente da embarcação era insuportável tendo o “Naturalista chegado algum tanto desfalecido” (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 41, doc.33, de 24 de abril de 1783).

Logo na travessia marítima de São Nicolau para as ilhas do Sotavento, pôde João da Silva Feijó observar algumas espécies marítimas que lhe pareceram particularmente interessantes, mas sem proceder a qualquer registo das mesmas (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 41, doc.33, de 24 de abril de 1783). Somente em 21 de maio, após o impacto inicial de adaptação à região, principiou, na ilha Brava, as funções de que fora incumbido e que se prendiam com a recolha de todo o tipo de espécies naturais; aqui deparou-se logo com as primeiras dificuldades logísticas, por falta de materiais adequados, para cumprir os objetivos propostos, escrevendo o seguinte a Martinho de Mello e Castro, em 24 de maio de 1783:

“Aviso a V. Excelência. de que não tenho mais que hum athe 2 arrateis de polvora, que sem duvida não me chegaram pera fazer as remessas dos Passaros que houverem, nem tam pouco hua gota de Agoardente pera a conservação dos Animaes, pois V. Excelência bem sabe que 2 ou 3 canadas que trouxe he impossivel que haja de chegar; tenho falado sobre isto a o Excelentíssimo Senhor Bispo e diz que não sabe onde hade hir busca pois he bem serto, Excelentíssimo Senhor, que a há na Ilha de S. Tiago prezenemente por cauza dos Estrangeiros que a tem tomado toda, não ha também caixas de madeira pera a condução dos mesmos produtos: a Rede que aqui acho a toda cheia de buracos, e per concequencia não pode servir pera nada pois podre está, participo isso a V. Excelência pera que eu não seja em todo o tempo culpado” (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 41, doc.35, de 24 de maio de 1783).

Da ilha Brava, após ter recolhido e organizado cem saquinhos de terras diferentes, embrulhos de pedras, algumas conchas, uma garrafa com água de vinagre, um potezinho de sal das rochas, um herbário com mais de cinquenta ervas distintas e sementes, e dois tabuleiros de borboletas (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 41, doc.35, de 24 de maio de 1783), o naturalista transferiu-se para a ilha do Fogo, onde aportou a 20 de junho do mesmo ano de 1783. (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 41, doc.57, de 21 de novembro de 1783).

2. Pensa-se que João da Silva adotou o sobrenome Feijó no final da década de 1770, em homenagem a Benito Jerónimo Feijoo, filósofo espanhol, muito prestigiado entre os estudiosos de ciências naturais. “A Ilustração em Portugal e no Brasil. Cientistas & Viajantes” http://www.cedope.ufpr.br/joao_feijo.htm.

3. “No Brasil setecentista não se publicavam jornais, os livros estavam na maior parte proibidos, faltavam escolas e não havia universidade” Guedes e Arruda, 2000:509

Nesta ilha, as recolhas foram muito maiores e mais diversificadas. Além da ilha ser de dimensão geográfica superior à da Brava, a especificidade de ter um vulcão, embora inativo na altura, aumentou logo à partida a variedade de registos pedológicos e mineralógicos a coligir. A par disto, o facto de a ilha do Fogo ter sido a segunda ilha a ser povoada, recuando a sua ocupação ao final do século XV, dotava-a tanto de uma multiplicidade de espécies vegetais introduzidas muito superior à existente na Brava como por uma postura de carácter mais aberta dos seus habitantes, o que permitiu uma maior interação entre o naturalista e os habitantes locais. Estes eram menos rudes que parte da população da ilha Brava, e satisfeitos de ver um homem do Reino interessado nas “riquezas naturais” da sua ilha, encaminharam-no na recolha de uma grande variedade de espécies naturais e até de elementos de cunho mais etnológico, mas que serviam, igualmente, ao cumprimento dos objetivos subjacentes à missão de João da Silva Feijó. Da lista que este naturalista elaborou, no final de 1783, com produções naturais do Fogo, constavam: três caixões com muitos saquinhos de terras algumas curiosas, produções do vulcão em quantidade, cascas de tartarugas, ninhos de pássaros com os seus ovos, algumas produções vegetais, um caixão de plantas em papéis e sementes, dois caixões de terra com plantas vivas, um caixão com um grande peixe de lixa cujos fígados deram 31 canadas de azeite e mais alguns peixes preparados, um caixão pequeno com peles de pássaros, duas cantimploras⁴ de peixes, duas caixas, cada uma, com cinco tabuleiros e cheias de borboletas, dois caixões com duas figuras em vulto grandes vestidas à maneira da terra, um caixão ou dois de animais abortivos em que entra um boi anão e um chibarro⁵ de muitas unhas e outras curiosidades e uma anã mulata (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 41, doc. 57, de 21 de Novembro de 1783). Estas recolhas, acrescidas às realizadas na ilha Brava, foram enviadas por João da Silva Feijó para Lisboa, no início de 1784, já a partir da ilha de Santiago numa galera da Sociedade de Exploração da Urzela, informando Feijó de que

“Finalmente esta he a primeira remessa que eu tenho a honra de fazer a V. Excelência. das duas Ilhas Brava e Fogo”(AHU, C.U. *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de fevereiro de 1784).

Após estas primeiras missões científicas realizadas nas ilhas Brava e na do Fogo, o Naturalista elucidou o Ministro Martinho de Melo e Castro das dificuldades que sentia e que o impediam de realizar de forma mais eficaz e mais célere o seu trabalho.

Em primeiro lugar, a falta de materiais e meios de conservação adequados, como a aguardente, para acondicionar as espécies vegetais e os animais recolhidos.

“vão mais alguns peixes, que mais hirião se me tivessem dado a agoardente necessaria pera cuja falta se perderão duas catimploras delles” (AHU, C.U. *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de fevereiro de 1784).

Em segundo lugar, a ausência de livros especializados por onde pudesse conferir certas informações, nomeadamente a nível da botânica, e por último, a falta de um ajudante especializado que lhe desse apoio:

“A maior aflição que tenho he o ver me só sem ter quem me ajude no laborioso Exercício em que me acho, se eu tivesse um homem pera a preparação dos passaros e peixes e outro que copiasse as plantas, seguro a V. Excelência, faria belissimas remessas, porem sou eu só e de risco e pintura, e de preparação não sei” ”(AHU, C.U. *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de fevereiro de 1784).

Esta falta de pessoal que o auxiliasse nos seus trabalhos foi um assunto recorrente nas cartas do Naturalista, como se vê, por exemplo, na missiva enviada, cerca de dois anos depois, com a *Relação dos Produtos Naturais da Ilha do Fogo*:

4. Cantimplora ou catimplora é um vaso metálico, como garrafa ou bilha, para esfriar e transportar líquidos. Morais Silva, 1950, vol. II: 856

5. Espécie de bode novo castrado, Idem, 1951, vol.III:56

“As relasoens dos productos destes 7 caixoens vão encluidas nas dos outros por não haver tempo não tive lugar pera as copias e a acompanhar esta, o que V. Excelência me desculpara atendendo Illmo. Senhor a grande lida que eu só tenho sobre mim sem ajuda de outrem” (AHU, C.U. *Cabo Verde*, Caixa 43, doc.63, de 17 de agosto de 1786).

De acordo com as linhas ideológicas da época, confirmadas quer por muito do que é possível apreender nas entrelinhas das missivas enviadas de Cabo Verde para Lisboa, quer nas próprias palavras de João da Silva Feijó, um dos objetivos destas Expedições Naturalistas era a procura de recursos locais, passíveis de serem explorados, que contribuíssem para um aumento dos rendimentos locais e, conseqüentemente, dos do Reino. Confirma-o com clareza uma breve alusão ao assunto, por parte de Feijó, na carta que acompanhava a sua primeira grande remessa para Lisboa:

“Entre os mesmos 13 vollumes vai hu que he a mostra do peixe preparado a maneira de Bacalhao, cuja pescaria me recomendou V. Excelência visse eu se podia estabelecer nestas Ilhas, na verdade he uma das coisas que não só podem aumentar estas decadentes ilhas, pera a grande abundancia que ha de peixe”(AHU, C.U. *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de fevereiro de 1784).

Objetivo este, permanentemente reafirmado pelo naturalista mesmo quando, motivos alheios à sua vontade, impediam a sua concretização, como se depreende de uma outra carta que escreve em abril do mesmo ano:

“Por esta partecipo a V. Excelência de como, por cauza de hum fortíssimo ataque da doença da terra que me sobreveio há hum mez, não tenho continuado com a Real Expedição pelas Ilhas de Barlavento como era a minha intenção; estava a partir pera Sto Antam e derrepente sobreveio me hua tam grande febre que me obrigou ao 3º dia a confesarme, e disporme a deixar esta vida; durou 7 dias depois a forsa de remédios foise diminuindo deixando me na maior dibilidade que não posso explicar com hum insoportavel fastio que ainda me acompanha: passados 5 dias tornei a decahir com hua grande sezão de 48 oras, as quais não me tem deixado athe aqui, dando me só de intervalo 6 horas por consequência aqui me acho nas cazas da Companhia prostrado em hua cama quase ao desamparo sem ter quem me administre os remédios nem cuide de mim”. (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 13 de 4 de abril de 1784)

Ainda debilitado e em fase de convalescença, mas antes de partir para as ilhas do Barlavento, Feijó enviou ainda de Santiago para Lisboa, em abril de 1784, um casal de uma espécie de falcões que ele considerava especiais e dignos de nota quanto ao seu modo de caçar:

“...estes chamão se Asoutadores, seo modo de casar he celebre, logo que vem a casa feixão as azas deixão se cahir com toda a forsa sobre ella de sorte que se a não matam poena de sorte que fica ferida e atordoada, logo tornão a subir ao ar e de lá tornão a deser a vir boscar a casa nas unhas” (AHU, C.U. *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de fevereiro de 1784).

Antes de seguir para São Nicolau e Santo Antão para continuar as suas recolhas científicas e o seu respetivo envio para o Reino, e embora com queixas de saúde, no espaço de um mês João da Silva Feijó colheu, organizou e preparou o envio de cinco caixas de pedras e terras, três de peixes, uma de plantas, uma de produções do mar e um barril de peixes conservados em aguardente. Na carta enviada de São Nicolau para Martinho de Melo e Castro, a 30 de maio de 1784, relatava o seguinte:

“Participo a V. Excelência. que aqui cheguei a esta Ilha e logo dei prencípio à recolha de suas produsoens: acho me summamente encomodado das sezoens e hua fortissima e impertinentissima obstrução do baso não me deixa fazer coisa algua, porem assim mesmo não perco hum só instante de procurar servir com zello e agradar a V. Excelência com o complemento das minhas obrigoens. Remeto aos Aministradores Geraes 10 caixoens, e hua catimplora de Peixes em agoardente pera elles fazerem remeyer a V. Excelência.” (AHU, C.U. *Cabo Verde*, Caixa 43, doc.53 A).

Permanecendo desde abril de 1784 a agosto de 1785 nas ilhas do Barlavento, João da Silva Feijó prosseguiu os seus trabalhos, verificando-se, no entanto, alguns desentendimentos com as autoridades locais (Pereira, 2002).

Estas discórdias e mesmo ameaças de morte já haviam sido referenciadas pelo naturalista, logo após o falecimento do Bispo, D. Francisco de São Simão, ocorrido em 10 de agosto de 1783, no Tarrafal, que, como já se referiu, fora a autoridade local que enquadrara a sua chegada às ilhas, desconfiando Feijó que fora assassinado pelos homens poderosos das ilhas.

Efetivamente, tanto ele como muitos dos seus companheiros naturalistas dispersos por vários pontos do Império Português encontraram resistência às suas atividades por parte de muitos dos membros das elites locais, como se pode depreender deste excerto de uma das cartas de Feijó em que se refere ao coronel João Freire de Andrade, homem poderoso das ilhas de Cabo Verde e que assumiu por várias vezes a direção dos governos interinos camarários:

“Não sei que mal tenho feito a este Senhor que aqui governa que não faz mais que me ultrajar sem eu dar couza a isto diz que se ha de vingar de mim per eu mandar dizer a V. Excelência que ele era dispotico nesta Ilha; fiz lhe hum requerimento obrigado pela necessidade pera que me mandasse satisfazer o meu ordenado vensido, respondeo verbalmente que V. Excelência não governava na Fazenda Real e que não tinha ordem nem Aviso algum de Sua Magestade pera isso” (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 42, doc.13, de 4 de abril de 1784).

Muitos dos membros do oficialato local tinham dificuldade em compreender os objetivos das missões destes homens da ciência. Aceitar que havia funcionários do governo de Lisboa que eram enviados para estes espaços geográficos para se ocuparem somente na observação, recolha e anotação de informações sobre plantas, conchas, pedras, terras, animais em geral, e de insetos e borboletas em particular, recebendo um pagamento por tal serviço, era algo considerado por muitos quase como um ultraje. Suspeitavam que tais missões deviam, provavelmente, obedecer a propósitos nebulosos ou mesmo obscuros, envolvendo intuítos de “espionagem” encapotada com o fito de vigiarem as atividades dos oficiais locais. Ora, estes homens poderosos, estabelecidos nos vários pontos do Império, não podendo deferir o seu desagrado contra as decisões tomadas pelos Ministros do Reino faziam recair o seu descontentamento pela presença dos naturalistas sobre os próprios homens de ciência. Estes sentiam a rudeza e a displicência pelo seu trabalho, sendo alvo de injúrias, críticas e desaprovação pelos seus comportamentos. Não admira, portanto, que, por exemplo, o ouvidor das ilhas José Ferreira da Silva, que andava sempre em conluio com o já mencionado Coronel João Freire de Andrade, se referisse a João da Silva Feijó da seguinte forma:

“Ainda não vi ao Naturalista, dizem-me que prezentemente se acha na Ilha de São Nicolao e que aly tem feito algumas dezordens, na do Fogo parece que ainda forão maiores” (AHU, C.U. *Cabo Verde*, Caixa 42, doc.28, de 29 de junho de 1784).

Não se sabe exatamente quais os ecos que estas notícias e reparos quanto ao comportamento de Feijó tiveram, em Lisboa, junto do Ministro Mello e Castro e de Júlio Matiazzi, um dos responsáveis das expedições dos Naturalistas. Contudo, há notícias relativas à insatisfação destes dois dirigentes, um político e outro cientista, quanto aos envios realizados por Feijó a partir de Cabo Verde. A pobreza do material enviado e a falta de um acondicionamento eficaz das remessas foram as principais queixas mencionadas quanto à atuação de João da Silva Feijó, independentemente das condições em que este trabalhou e que, tudo indica, não foram tidas em conta nestas críticas.

Porém, perante a pobreza das produções naturais existentes passíveis de serem recolhidas em Cabo Verde, as dificuldades em se socorrer de métodos de conservação minimamente satisfatórios, de dispor

de meios para os embalar convenientemente e de encontrar transporte para os fazer chegar ao Reino em espaço de tempo razoável que não permitisse a sua deterioração, poderia Feijó ter tido uma atuação mais eficaz?

Para quem conhece o arquipélago e as condições em que nele se vivia no final do século XVIII, muito dificilmente esperaria que Feijó realizasse um trabalho melhor do que aquele que efetuou.

Não sendo aqui o espaço próprio para equacionar a controvérsia desta questão, não podemos deixar de nos questionar sobre a classe de iluministas que existia em Portugal. Que “iluminados” eram estes que tinham dificuldade em compreender que as ilhas de Cabo Verde dificilmente poderiam fornecer produções naturais de grande riqueza? Como era possível não entender que, numas ilhas então tão afastadas das rotas de circulação mercantis do Atlântico, seria difícil obter os materiais necessários a uma boa conservação dos envios científicos e encontrar quem aceitasse carregar nos seus navios materiais que, supostamente, não tinham qualquer utilidade económica nem prática?

No entanto, apesar destas adversidades, Feijó não abdicou dos seus objetivos científicos nunca se coibiu de rever as informações já anteriormente registadas. Veja-se, por exemplo, o que sucedeu quando, por indicação de Júlio Mattiazi, Feijó realizou uma curta passagem na ilha Brava, para conferir e reanalisar o salitre, que já tinha recolhido anteriormente, mas a que, segundo opinião dos seus superiores em Lisboa, não dera a atenção devida, dado que nem enviara amostras suficientes passíveis de serem analisadas no Reino, nem apresentara conclusões concretas ou “cientificamente” provadas sobre a existência de jazidas economicamente aproveitáveis. Assim, depois de uma segunda verificação da qualidade e do valor deste minério, Feijó concluiu e informou que a exploração dos filões existentes na ilha Brava, não tinha viabilidade

“Pella mesma Gallera fis siente a V.Exa. da quimerica ideia que se tem feito sobre o imaginario salitre da ilha Brava: fui aquela Ilha positivamente pera cumprir com as determinasoes de V. Excelência donde não pude obter mais do que a pequena quantide (sic) que nesta ocasião remeto: eu já fiz ver a V. Excelência que em primeiro lugar o que chamavão de salitre naquella Ilha não o era, nem podia ser pelas rezões chimicas que aleguei como tão bem ainda que fosse hum verdadeiro salitre não era coiza de concequencia pela pouquíssima quantidade que se acha como efflorescencia na mais perigosa roxa daquela Ilha” (AHU, C. U., *Cabo Verde*, Caixa 43, doc.63, de 17 de agosto de 1786).

Depois de cumprida mais esta missão estabeleceu-se, então, na ilha do Fogo para se debruçar demoradamente sobre o estudo das produções naturais decorrentes do acidente vulcânico ocorrido em 1785 e registar os resultados da observação do fenómeno vulcânico.

Visitou as imediações da cratera do vulcão por três vezes, recolheu amostras e organizou-as a fim de as remeter para Lisboa e redigiu uma *Memória sobre a nova irrupção vulcânica do Pico da Ilha do Fogo*, onde enumerou todas as diferentes produções que se espalharam e formaram depois da erupção, e à qual anexou duas estampas desenhadas pela sua própria mão, representando graficamente registos científicos da erupção. Tendo terminado tudo em Agosto de 1786, remeteu para Lisboa, para o Real Gabinete, além de uma relação de vinte e uma páginas dos produtos naturais da ilha do Fogo, uma barrica com diferentes peixes em aguardente, uma caixa de folha da Flandres com três tabuleiros de borboletas recolhidas na ilha de Santiago e outra com as amostras das produções da erupção vulcânica da ilha do Fogo com suas relações e a referida Memória; noutro navio enviou mais oito caixões com as amostras minerais recolhidas perto do vulcão e as da ilha Brava, tudo acompanhado com as suas respectivas relações (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 53 A e doc. 62). Em simultâneo, João Feijó informava D. Martinho de Melo e Castro de que:

“Presentemente fico nesta ilha /do Fogo/, afim de formar nestas agoas, o novo herbário, e outra

collecção de sementes e borboletas ...por ser este o tempo próprio para isso e logo que isto for concluído devo passar a S. Nicolao e Sto Antam pera recolher e fazer remeter os lagartos e peixes que me forem possíveis, com o mais que for da minha obrigação” (AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 63, de 17 de agosto de 1786).

Importa assinalar que, no caso dos registos sobre o vulcão da Ilha do Fogo e ao contrário do que era habitual em Portugal, a informação escrita foi complementada por ilustrações (AHU, CARTm- Cabo Verde, doc.1323/24), que hoje, constituem um documento único não só para a história da ciência em Cabo Verde, como para a história do vulcanismo da ilha do Fogo, uma vez que são os primeiros desenhos que se conhecem sobre este fenómeno natural.

Riscadas pela mão de João da Silva Feijó, as duas gravuras são, segundo as suas próprias palavras um complemento de dois documentos escritos designadamente, a 5ª Carta da Relação das Ilhas de Cabo Verde, escrita por Feijó logo em 1783 e a *Memória sobre a nova irrupção vulcânica do Pico da Ilha do Fogo*, redigida na mesma época em que desenhou as duas estampas. E, efetivamente, os dois tipos de registo são importantes para que se tenha uma ideia mais clara e completa do vulcão da ilha do Fogo e desta erupção de 1785.

Por um lado, só as estampas davam-nos um depoimento visual do vulcão mas, dado que eram um testemunho limitado e restringido ao desenho de um fenómeno ocorrido num tempo circunscrito, seriam nitidamente insuficientes para apreendermos toda a multiplicidade de fenómenos envolvidos na erupção vulcânica (tipo de solo, duração da erupção, tipo de erupção, regiões afetadas, acidentes naturais surgidos na sequência da erupção, etc.); por outro lado, só os textos escritos, embora dotados de uma grande riqueza de pormenores, obrigavam a um esforço de visualização difícil para quem não conhecia o espaço geográfico da ilha do Fogo.

Este sentido de cumprimento das suas obrigações e o recurso a todos os meios possíveis e disponíveis para os concretizar, designadamente através da ilustração do que apenas podia observar e não enviar para Lisboa em caixotes ou frascos, é um constante nas missivas de João da Silva Feijó, que, apesar de se sentir incomodado com a pressão que sobre ele faziam os seus responsáveis em Lisboa, persiste em reafirmar o seu intento de cumprir com o maior desvelo os propósitos da sua missão científica:

“Deos permita, Ilustríssimo Senhor que todo este meo trabalho seja do agrado de V. Excelência pois só devo assegurar a V. Excelência. que busco por cumprir com o meo dever conforme as minhas forsas. Sobretudo V. Excelência. me ordene o que for de seu serviso pera conhecer no complemento das minhas obrigoens” (AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 44, doc. 55, de 2 de maio de 1788).

Com efeito, sabe-se que, depois de terminar mais estas recolhas na ilha do Fogo e após uma passagem pela ilha de Santiago, o naturalista embarcou novamente para as ilhas do Barlavento, onde permaneceu até aos primeiros meses de 1789. Em Santo Antão, onde a Coroa tinha instalações para a exploração experimental do anil, pesquisou a exploração desta planta tintureira e das suas aplicações, tendo escrito a sua *Memória sobre a Fábrica do Anil da Ilha de Santo Antão*.

Compreendido e apreciado pelo governador, António Machado de Faria e Maia, Feijó prosseguiu as suas recolhas beneficiando do apoio deste governador que, para facilitar os trabalhos do Naturalista pedia que, de Lisboa, fossem enviados os materiais necessários para serem utilizados na conservação e envio das remessas científicas, como, por exemplo, caixas de folhas da Flandres com tabuleiros, alfinetes, alcanfor (os seja, cânfora), papel de marca para a coleção das plantas e barris com alçapão (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 44, doc. 55, de 2 de maio de 1788).

Importa salientar que o governador António Machado de Faria e Maia, bem como o seguinte, Francisco Teixeira Carneiro, eram homens muito interessados nestes trabalhos de índole naturalista e que, ao invés de outros oficiais régios locais, procuraram sempre apoiar e elogiar as atividades do Naturalista Real nestas ilhas.

Regressado das ilhas do Barlavento à ilha de Santiago no início de 1789, sabe-se que em Fevereiro de 1789 já estava na principal ilha do arquipélago, dado que desenvolveu experiências sobre a conservação do peixe, de que resultou um pequeno ensaio intitulado *Relação da Factura do Peixe Seco que por ordem de Vossa Senhoria foi fazer ao Portete João da Silva Feijó Naturalista Real nestas Ilhas* (AHU, C.U. Cabo Verde, caixa 45, doc. 7). Feijó esteve no Portete — local que distava cerca de uma légua da vila da Praia — a mando do Governador António Machado Faria e Maia, uma vez que o próprio oficial superior também tinha interesse no conhecimento e exploração da fauna piscícola das ilhas e que o individuo enviado do Reino para executar tal missão não o fizera. O naturalista permaneceu no Portete de 3 a 9 de Fevereiro de 1789 e embora este porto não fosse dos mais abundantes em peixe permitiu a recolha de 85 bicudas, 32 bicas e 26 badejos; esta ação de índole económico-científica foi sintetizada pelo referido Governador da seguinte forma:

“Alli se de morou o Naturalista poucos dias, porque se offereceo oportunidade de o mandar a Ilha de Sam Nicolau tentar a mesma obra: com tudo, em tão poucos dias como V. Excelência verá no seu jornal n^o1 e a pezar de ventos furiosos, de ter pouca gente de trabalho e hua muito piquena canoa, sempre preparou 223 toneladas de peixe que eu acho de excellente qualidade e tem sido approvada por alguns Americanos” (AHU, C.U., Cabo Verde, Caixa 45 doc. 7, de 7 de março de 1789).

Entendia ainda este governante que este peixe se poderia aproveitar para aprovisionar navios de guerra o que, juntamente com a significativa quantidade de carne que era possível reunir nas ilhas procedente do gado aí existente, permitira uma solução eficaz e não muito dispendiosa para suprir as necessidades de abastecimento das armadas em circulação no Atlântico.

Ainda em abril de 1790 há menção a uma tentativa de envio de mais uma remessa científica que não chegou a ser embarcada por não ser considerada carga prioritária pelo mestre da embarcação.

“Querendo fazer embarcar na presente chapula os volumes da Expediçam que me entregou o Naturalista, contudo participo a V. Excelência não me foi possível por me dizer o Mestre della que não tinha lugar a bordo para os receber” (AHU, C.U., Cabo Verde, Caixa 46, doc. 11, de 25 de abril de 1790).

Deveria ser particularmente difícil trabalhar não só com a falta de condições existentes em Cabo Verde, como com o próprio desinteresse de quem poderia fazer chegar ao Reino os resultados dos seus estudos. Havia uma indiscutível indiferença por estas recolhas consideradas por muitos como atividades diletantes e sem qualquer utilidade, não trazendo qualquer proveito ou lucro. Todas as outras mercadorias tinham primazia no embarque para Lisboa. Plantas, terras, pedras, peixes em aguardente ou insetos em tabuleiros eram para muitos simples curiosidades não entendendo muitos de que forma estes despachos poderiam contribuir para um avanço dos conhecimentos do mundo natural e conseqüentemente conduzir a uma mudança na vida dos homens a médio e longo prazo.

Não admira, pois, que nesse mesmo ano de 1790, já novamente estabelecido em Santiago, João da Silva Feijó pedisse para regressar a Lisboa, dando por concluída a sua missão naturalista:

“A triste situação em que me contemplo depois de sete anos de trabalhos e desgostos em hum país tão terrível como é este pera onde foi V. Excelência servido mandar-me, me obriga novamente a

ser importuno na presença de V. Excelência rogando lhe se digne por comiseração lembrar se de mim e fazer que eu seja removido per outra qualquer parte onde possa dar provas do que desejo agradar a V. Excelência, até porque não haver pera estas ilhas mais coiza algua digna de atenção dando me per concluídas as minhas observações” (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 5, de 24 de janeiro de 1790).

Carta esta em tudo semelhante a uma já remetida cerca de 6 anos antes, logo em fevereiro de 1784, cerca de um ano após a chegada de Feijó a Cabo Verde e após o envio das primeiras remessas procedentes da Brava e do Fogo, onde referia:

“Por ultimo permita me V. Excelência a licença de lhe pedir que se digne conceder me a faculdade de para o anno próximo chegar athe essa Cidade afim de se me restabelleso a minha saúde que a tenho toda perdida como posso expressar a V. Excelência segurando a V. Excelência de tornar a voltar logo na primeira ocasião que pera cá se offerecer”(AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de fevereiro de 1784).

Mesmo tendo solicitado insistentemente o regresso ao Reino e suplicado que se lembrassem dele e o livrassem das agruras daquela terra, nem os pedidos das autoridades locais conseguiram um rápido retorno a Portugal. A este propósito, veja-se o teor da carta enviada a Martinho de Mello e Castro pelo governador Francisco José Teixeira Carneiro, em 1793, que não surtiu qualquer efeito, dado que depois da sua redação João Feijó ficou ainda mais três anos em Cabo Verde

“Este pobre Naturalista que já se acha aqui a dez pera onze annos se tem comportado em todo o tempo de meu governo digno de que V. Excelência o atenda e o felicite. V. Excelência pelos estímulos de humanidade de que he ditado queira lembra-se da sua infeliz situação attendendo a seus rogativos”(AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 11, de 3 de setembro de 1793).

§ 20

A partir de 1790 Feijó deixou de lado a sua atividade de “naturalista no terreno” e começou a ocupar cargos do oficialato régio, como forma de assegurar a sua subsistência económica e de dominar um pouco os meandros políticos e sociais das ilhas de Cabo Verde (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 82, de 5 de dezembro de 1795). Embora esta seja uma faceta da atividade de Feijó que não se pretende explorar neste estudo, importa mencionar que a assinatura deste naturalista surge na documentação como “secretário interino do governo (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 21, /ant. a 6 de julho de 1790), continuando a exercer este mesmo cargonos anos de 1791 até meados de 1795, quando na documentação surge a seguinte informação “José de Rezende da Costa que serviu de secretário a impedimento do actual o escrever” (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 68, /ant. 15 de julho de 1795/. O nome de João da Silva Feijó surge também como escrivão da matricula de guerra (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 47, doc. 26) havendo queixas de que Feijó se apropriara indevidamente do cargo de juiz dos órfãos, tendo-se envolvido em algumas tramóias e desvios de bens em conluio com o Coronel Freire de Andrade (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 44, doc. 55, de 2 de Maio de 1788); para além deste officio, foi igualmente sargento-mor de uma companhia de ordenanças, tendo sido, posteriormente, conduzido ao posto de sargento-mor da Ribeira Grande (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 24).

Ao mesmo tempo, supõe-se que se dedicou à organização por escrito das suas recolhas, publicadas mais tarde sob a forma de *Memórias*. Quanto ao despacho de recolhas de espécies científicas, após 1790, apenas em Setembro de 1793 se registou mais uma tentativa de um envio de produções naturais da Ilha para o Real Museu da Ajuda. Esta componha-se de um caixote com uma árvore de madrépora⁶ vermelha,

6. Madrépora é a designação comum a diversos corais- pétreos, importantes formadores de recifes de coral dos mares tropicais, in *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2007, tomo XII:5174-5715.

diversas conchas e três espécies de gorgoneas⁷, mais um casal de cabras anãs nascidas na Boavista e uma gazela da costa do Senegal (AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc.11, de 20 de setembro de 1793);

contudo, este despacho não chegou a efetuar-se. Foi o corte definitivo entre Feijó naturalista em atuação no espaço de Cabo Verde e Feijó o oficial local fazendo por sobreviver em terras tropicais tão votadas ao abandono por parte das autoridades do Reino.

A conjugação de todas estas informações permite dividir em dois períodos, de cerca de 6 anos e meio cada um, a estada de João da Silva Feijó nas ilhas de Cabo Verde.

A primeira, entre finais de 1783 e finais de 1789, como “naturalista no terreno” caracterizada pela observação, análise, recolha, organização, conservação e envios regulares de materiais científicos de Cabo Verde para Lisboa. Daí que no final de 1789 lhe tenham sido feitas as contas dos seus ordenados relativos a oito anos de trabalho – de Janeiro de 1783 a Dezembro de 1789 – que montavam a 2.800.000 reis, correspondendo a 400 mil reis anuais, 1.800.000 reais de comedorias e outras despesas. Ascendiam, igualmente, as despesas com materiais para as remessas científicas feitas durante o seu exercício a 319.575 reis, entendendo o governador António Machado Faria e Maia que Feijó nunca fizera gastos excessivos, bem pelo contrário fora muito cauteloso nas despesas realizadas, auxiliado pelo zelo do próprio governador:

“Parece me que se não pode ter feito com mais economia e exacção; tendo eu pessoalmente zelado quanto he possível procurando os meios mais proporcionados para diminuir as despesas desta Expedição”(AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 1, 14 de janeiro de 1790).

O segundo período de permanência de Feijó nas ilhas, ocorrido entre 1790 e 1796, pautou-se por uma época dedicada à organização das suas notas, começando a esboçar os seus primeiros escritos que viriam a dar origem às várias *Memórias* que editou mais tarde. Uma fase que se pode designar de ação de “naturalista de gabinete mas no terreno da recolha”, e em, ao mesmo tempo, Feijó se integrou na sociedade local, exercendo cargos oficiais, como já se mencionou, encontrando formas de fazer face à situação de “semi-esquecimento” a que fora votado, pelo seu mestre Júlio Matiazzi e pelo ministro Mello e Castro.

Finalmente, regressou a Lisboa em 1796, apresentando-se a Domingos Vandelli em Setembro desse ano, voltou ao contacto com alguns dos seus antigos companheiros, nomeadamente Alexandre Rodrigues Ferreira; dedicou-se a organizar no Real Museu da Ajuda um herbário com as espécies, ainda minimamente conservadas, que enviara das ilhas de Cabo Verde na década de 1780⁸.

Depois da já referida passagem por Lisboa, Feijó regressou ao Brasil, sua terra de berço. Aí em Jornais Literários como *O Patriota*⁹, e em Lisboa, nas *Memórias da Real Academia das Ciências* publicou algumas das Memórias e Ensaios Filosóficos e Económicos sobre as Ilhas de Cabo Verde, sobre os seus habitantes, sobre as suas produções, sobre a urzela, sobre a fábrica do anil de Santo Antão. Nunca Feijó votou ao abandono os registos da sua estada nas ilhas de Cabo Verde e procurou, mesmo dar-lhes visibilidade como se pode avaliar pela lista de publicações referidas no Anexo 4.

É de referir que, embora do primeiro grupo de Naturalistas enviado para as várias zonas do Império nos primeiros anos da década de 1780, Alexandre Rodrigues Ferreira tivesse sido o único a ser admitido como membro da Real Academia das Ciências, mas João da Silva Feijó foi, de fato o único a editar

7. Gorgónia designação comum aos cnidários gorgonáceos do género *gorgónia*, conhecidos como leques-do-mar in *Ibidem*, tomo X, p. 4215.

8. Segundo se sabe o naturalista alemão Heinrich-Fredrich Link, que esteve em Portugal entre 1797 e 1799 examinou o dito herbário e elogiou-o. “A Ilustração em Portugal e no Brasil. Cientistas & Viajantes” http://www.cedope.ufpr.br/joao_feijo.htm.

9. Em Lima, no Perú, existia uma publicação similar a esta denominada *O Mercúrio*, onde também se publicavam textos de índole científica similar aos editadas por João da Silva Feijó. Veja-se Garcia, 2012:323-346

Memórias na publicação desta Academia.

Assim, importa questionar o que se fez realmente com tantos escritos e memórias filosóficas e com as remessas enviadas, neste caso, das ilhas de Cabo Verde para Lisboa. Pouco ou muito pouco para tanta informação... Quem lia estas informações, o que se fazia ou fez com elas? De tanto investimento resultou efetivamente o quê e para que fins? Estas são questões que subsistem sem resposta e que importa atualmente esclarecer.

Hoje é difícil, para não dizer impossível, conseguir localizar, identificar, observar e conhecer com exatidão as remessas científicas enviadas por João da Silva Feijó desde as ilhas de Cabo Verde para Lisboa. Sabe-se, por exemplo, que parte do seu herbário foi incluído no de Saint-Hilaire e levado, para o Museu de História Natural de Paris, em 1808, por ocasião das invasões francesas¹⁰. Contudo, a documentação que ficou nos Arquivos, nomeadamente no Arquivo Histórico Ultramarino e no Arquivo Histórico do Museu de História Natural, bem como as informações que se extraem dos seus *Ensaio*s e *Memórias* acima mencionadas, permitem conhecer em parte o espaço natural geográfico, populacional, hidrográfico, pedológico, mineralógico, botânico e zoológico de algumas das ilhas de Cabo Verde no final do século XVIII.

A flora, a fauna, os solos, os minerais e a própria população insular nunca, até então, tinham sido objeto de um levantamento e observação, registo e tentativa de interpretação sistemática de forma tão exaustiva como a que Feijó realizou. Apesar das lacunas, das imprecisões, da fraca qualidade das remessas e do mau acondicionamento das mesmas, referidas pelos mentores de Feijó em Portugal – Júlio Matiazzi e Martinho de Mello e Castro - jamais fora dado a conhecer no Reino toda esta panóplia de conhecimentos científicos acerca do espaço natural caboverdiano. As novas práticas iluministas adotadas pelos dirigentes da época na Europa estenderam-se, neste caso concreto, à realidade das ilhas de Cabo Verde. Procurou-se, pela primeira vez, de forma considerada metódica na época em questão, encontrar produções que permitissem uma rentabilização das diferentes regiões do Império Português, e neste caso concreto nas ilhas de Cabo Verde.

João da Silva Feijó residiu 13 anos nas ilhas de Cabo Verde (1783 – 1796). A ele se devem as primeiras as remessas de solos, minerais, plantas e animais enviadas de Cabo Verde para Lisboa que, acompanhadas das respetivas memórias escritas constituíram um primeiro contributo para uma ampliação do saber científico sobre a população, geografia, mineralogia, pedologia, botânica e zoologia desta região.

Para já para não mencionar apenas o levantamento mais ou menos metódico das espécies botânicas ou dos insetos e particularmente as borboletas, nunca até então haviam sido obtidas amostras de restos de lavas e de solos num período de tempo tão curto a seguir a uma erupção do vulcão da ilha do Fogo; da mesma forma, sabia-se que havia uma riquíssima variedade de fauna piscícola nesta região, mas esta jamais fora cuidadosamente estudada, do ponto de vista, da sua potencial rentabilização para as receitas do arquipélago, bem como nunca se tentara explorar devidamente o anil, erva tintureira tão importante dar cor às manufaturas produzidas no arquipélago.

Algumas das amostras científicas perderam-se, outras chegaram em mau estado - o que não será de estranhar se se atender aos métodos de conservação da época e à falta de meios existentes em Cabo Verde, como se mencionou ao longo do texto - mas, grande parte, da informação escrita ficou e permaneceu até hoje disponível a todos que a queiram consultar. A ação de João da Silva Feijó foi indiscutivelmente significativa para um aumento do conhecimento científico sobre esta região, para uma acumulação de informações sobre estes espaços geográficos insulares, contribuindo para um acréscimo do saber e uma nova forma de encarar a própria história atlântica.

10. Liberato, 1994:15-38; Brigola, 2011

No entanto, convém referir que esta expedição filosófico-naturalista não teve qualquer seguimento imediato de outras missões científicas semelhantes nem consequências efetivas relativamente às ilhas de Cabo Verde. Embora imbuído de uma doutrina ideológica iluminista, João da Silva Feijó não representou de forma alguma a “chegada” do Iluminismo a este espaço geográfico. Fez o que lhe foi possível dentro das condicionantes locais, contudo a herança daqui decorrente foi pouco significativa, não por culpa própria, mas essencialmente porque para a diminuta classe de Iluministas estabelecidos em Portugal e as ilhas de Cabo Verde eram indiscutivelmente um espaço marginal aos seus interesses dado que não dispunham nem de riquezas economicamente vantajosas de explorar, nem de elementos naturais que despertassem uma significativa curiosidade científica.

Contudo, não se pode ignorar que autores posteriores, quando fizeram as descrições do arquipélago de Cabo Verde, as missões científicas do século XIX quando partiram para este terreno insular, dispunham já de um *Know-how* prévio da região, um ponto de partida comparativo para as suas novas observações, herdado do trabalho de João da Silva Feijó. Mais perto ou mais afastadas da realidade, as remessas científicas, as memórias escritas e ensaios económicos e filosóficos aumentaram, alteraram e enriqueceram o que anteriormente se sabia sobre as ilhas de Cabo Verde.

O papel do saber e a sua função nas sociedades europeias de Setecentos e de Oitocentos ficou mais firmado e ampliado com estas primeiras expedições científicas de cariz naturalista de que João da Silva Feijó se tornou uma figura incontornável quando se refere o espaço natural caboverdiano.

Referências no Texto

Fontes Manuscritas

- AHU, C.U., Caixa 41, doc.33, de 24 de abril de 1783.
- AHU, C.U., Caixa 41, doc.35, de 24 de maio de 1783.
- AHU, C.U., Caixa 41, doc. 57, de 21 de novembro de 1783.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de fevereiro de 1784.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 13, de 4 de abril de 1784.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 42, doc.28, de 29 de junho de 1784.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, caixa 43, doc.53 A, de 11 de agosto de 1786.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 62, de 11 de agosto de 1796.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 43, doc.63, de 17 de agosto de 1786.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 44, doc. 55, de 2 de maio de 1788.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 45, doc. 7 ou 8, de 7 de março de 1789.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 46, doc.1, de 14 de janeiro de 1790.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 5, de 24 de janeiro de 1790.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 46, doc.11, de 25 de abril de 1790.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc.11, de 3 de setembro de 1793.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc.11, de 20 de setembro de 1793.
- AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 24

AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 82, de 5 de dezembro de 1795.

AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 89, 1795.

AHU, *CARTm- Cabo Verde*, doc.1323/24.

Fontes Impressas

“Ensaio político sobre as ilhas de Cabo Verde para servir de plano à história filosófica das mesmas – 1797”, publicado no *Jornal Literário O Patriota*, Rio de Janeiro, tomo III, nº5, Novembro de 1813, e in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, 1815 e também por CARREIRA, António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp.1-26.

“Memória tirada do Ensaio Filosófico e Político sobre as Ilhas de Cabo Verde” (acrescento do primeiro texto citado com os capítulos sobre “Do número e configuração das ilhas”, “Da grandeza e altura das suas montanhas”, “Do clima, ventos e etc”, “Das produções” “Dos vegetais”, “Dos minerais”, “Dos animais”), manuscrito do A. Nacional do Rio de Janeiro, Secção Administração, Caixa nº721, Pacotilha nº2, doc. 57, publicado por CARREIRA, António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp.27-33.

“Memória sobre Urzela de Cabo Verde”, in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, 1815, pp.145-154 e publicado por CARREIRA António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp.35-43.

“Memória sobre a Fábrica Real do Anil da Ilha de Santo Antão”, in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo I, 1815 e publicado por CARREIRA António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp. 45-56.

Dicionários

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, (2007), Lisboa, Circulo dos Leitores, tomo X e XII.

MORAIS SILVA, A. de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1950- 1951), 10ª edição, Lisboa, Ed. Confluência, vol. II e III.

Estudos

DOMINGUES, Ângela (2006) “Circulação de informação científica no Império em finais de Setecentos” In *O Domínio da Distância* (coordenação de Maria Emília Madeira Santos e Manuel Lobato), Lisboa, IICT, pp.71-75.

“A Ilustração em Portugal e no Brasil. Cientistas & Viajantes”. Disponível em http://www.cedope.ufpr.br/joao_feijo.htm.

GARCIA, Margarita Eva Rodríguez, “La Ilustración posible en la Lima setecentista: debates sobre el alcance de las luces en el mundo hispánico”, In RODRIGUES, José Damião, *O Atlântico Revolucionário circulação de ideias e de elites no final do Antigo Regime*, CHAM, UA, Ponta Delgada, pp.323-346

GUEDES, Maria Estela e ARRUDA, Luís (2000), “João da Silva Feijó, naturalista brasileiro em Cabo Verde” in *As Ilhas e o Brasil*, Região Autónoma da Madeira, pp. 509-523

História Geral de Cabo Verde (1991-2002), (direção do I volume ALBUQUERQUE, Luís de e SANTOS, Maria Emília Madeira Santos, direção dos II e III volumes SANTOS, Maria Emília Madeira Santos) 3 vols. Lisboa, IICT.

LIBERATO, Maria Cândida (1994) “Explorações botânicas nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa”, in *Garcia de Orta*, Série Botânica, 12 (1-2), pp.15-38.

Nova História da Expansão Portuguesa – A Colonização Atlântica, (coordenação de A.T. de Matos), 2005, Lisboa, Editorial Estampa, volume III, tomo 2.

PEREIRA, Magnus Roberto Mello (2002), “Um jovem naturalista num ninho de cobras, a trajectória de João da Silva Feijó em Cabo Verde no final do século XVIII” (2002), in *História. Questões e Debates*, n°36, pp.29-60.

SANTOS, Maria Emília Madeira e CABRAL, Iva (2006), “O primeiro centro urbano colonial nos Trópicos: Ribeira Grande (Cabo Verde), séculos XV-XVII”, *Anais de História de Além-Mar*, Lisboa, CHAM, vol. VII, pp.55-64.

SENNA BARCELLOS, C.J. (1899-1905) *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, Partes I-VI, Lisboa, Academia Real das Sciencias.

TORRÃO, Maria Manuel e SOARES, Maria João (2008) “Ervas e Curandeiras. Remédios e Boticários. Formas de Curar em Cabo Verde (sécs. XVIII- início do XIX)”, Actas do Workshop *Plantas Medicinais e Práticas Fitoterapêuticas nos Trópicos*, ed. ROQUE, Ana Cristina, HAVIK, Philip, TORRÃO, Maria Manuel, Lisboa, IICT, ISBN 978-972.672-982-2. Disponível também em <http://www2.iict.pt/?idc=15&idi=14082>.

Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino: Conselho Ultramarino, Caixas de Cabo Verde

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde

41, doc. 33

Carta do Bispo de Cabo Verde, Frei Francisco de São Simão, para D. Martinho de Mello e Castro, sobre a chegada do Naturalista régio João da Silva Feijó a São Nicolau, seguida da viagem até Santiago.

Santiago, Ribeira Grande, 24 de abril de 1783

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor¹

§ 26

Em o ultimo de fevereiro chegou a S. Niculau a Embarcação, que Sua Magestade foi servida por sua Piedade e Grandeza mandar conservar. Nella vinha o Sargento mór da Ilha do Fogo, que com hua companhia de cães, que trazia tinha a camera tão immunda, que me foi preciso mandallo deitar na dita Ilha primeiro que eu entrasse nella. Veyo tãobem o Naturalista algum tanto desfalecido, e convalesceo nesse tempo, em que Eu tãobem acabei de abrir junto do Porto da Preguiça duas Fontes de Agoa boa pera agoada das Embarcações que o hião fazer muito longe, e pouco boa; e para beberem os gados.

Chegou a Embarcação da Ilha do Fogo e nella parti a 3 de Abril pera esta capital. Vim pela Ilha do Mayo a collocar hua Imagem de Nossa Senhora do Rozario titular da Igreja, a qual mandei vir de Lisboa á minha custa por estar despedaçada a, que la se achava. Aqui me foi preciso demorar 8 dias pera se consertar o Bote da Embarcação, que tinha todo o fundo podre, e neste tempo convoquei ao capitão mór, ao Juiz e ao vigário pera se acharem na Povoação e o povo, que se pudesse ajuntar. Propuz a todos a necessidade que havia na dita Ilha de Cadeya pera os Delinquentes e pera os que pera ella capital, daqui tal que lhe fica perto, e passão em lanchinhas; e todos espontaneamente se offerecerão a fazella; mas conhecendo eu a Preguiça delles mandei ao Vigário que nomeasse dez homens pera trabalharem dous dias na semana; e pedi ao Capitam mór que fizesse o mesmo pera outros dous dias, e o Juiz o mesmo; e mandei fazer disto termo assinado por eles. Fui deitar os Alicerces pera 3 casas// [fl. 1v] de 20 pes em quadro ficando a do meyo pera casa da Camera, que ali não havia, e as lateraes hua pera molheres outra pera homens com suas portas, e janellas com grades, ensinando-lhe como havião de fazer as paredes seguras e prometendo-lhe madeiras e ferrage a minha custa.

Passsei a ver com o Naturalista a costa do Galião, aonde ainda achei algumas carretas quebradas, e algus Barris com algum Peixe do Navio que ali deu a costa. Ali vio o Naturalista tantas e tão diversos cazos de insectos marinhos formados pedras, que não sabia qual escolhesse pera o Museo, e eu lhe disse que deixasse a escolha pera quando se lhe seguir o Exame desta ilha, porque lhe tenho determinado o exame de cada huma por sua ordem, e com distincção.

1. Anotação escrita no canto superior esquerdo do documento: “Respondeo em o 1º de Dezembro de 1783”.

Tãobem ali vi a muita erva pera fazer Barril pera a fabrica dos vidros, e sabão, cuja cinza preparada, diz elle, se compra nessa corte aos Estrangeiros a 600 R. a libra, e que lhe encomendara muito V.S... o exame deste produto. Fizemos da dita Erva cinza que trouxemos pera fazer experiencia della, quando houver tempo. Deixei tãobem feito no Porto do Pau seco hum forno de cal de mariscos, e parti pera a capital na noute 11 pera 12.

Neste dia vim apportar pelas 9 pera as 10 da manhã, na Vila da Praia por entre 8 Navios olandezes, e dous Ingleses, que estavam senhores da Bahia, e teve hum deles o aRojo de mandar tomar conta da Embarcação e fazer lista, sem atenção a nossa Bandeira nem a declaração que se lhe fez, de que era do Governo das Ilhas; mas a tudo // [fl.2] lhe da animo o ver a Praça sem Palamenta as Pessoas descavalgadas e a terra sem milicia.

Parti no mesmo dia pera a cidade, e no outro, que era a de Palmas, fui pera a Sé, e continuei toda a semana Santa fazendo as Funções do modo possível. Dei ordens no Sabado, fis Pontifical no Domingo, chrismei nas outavas. Fiz convocar a Camara pera hontem 23; em que tomei posse com a carta de S. Magestade, que aqui se me entregou quando cheguei: Mande logo appromptar 4 soldados pera irem aproveitar os pedaços de carretas, e de Peixe á Ilha de Mayo, e conduzir tudo nos meos carros pera o Pau seco, pera dali virem na Embarcação quando puder ser, pera a Vila da Praia. Esta Vila com hum Forte de meya Lua em hum Ilheo, que esta na entrada da Bahia, a 4 Pesas em hum Fortim da parte da terra correspondente, tendo Artilheiros, e Munição, estava deffendida mas necessita de hum Escaler bom ao menos, pois não tem nem hum Bote pera ir a bordo dos Navios, que entrão; sendo este hoje o Porto, que só se frequenta. Em outra occazião fallarei nisto com mais exame, e no mais que V. Excelência me tem ordenado, pera o que fico nesta cidade alguns dias com hum só Famulo e ja hoje mandei embarcar a mais Familia pera a Ribeira da Pratta pera onde hei-de ir por terra, quando me puder desembarcar daqui.

O Naturalista há de ir principiar ao mez de Mayo o Exame da Ilha Brava com as ordens precisas, e com a commodidade que permitem estas terras mas não como as da Europa. Dali o hei-de ir fazendo transportar pera as outras na Embarcação da Mitra, que he a unica pera serviço de S. Magestade e bem commum. As da Companhia ou da Sociedade só ser pera sy; verdade que // [fl.2v] a experiencia esta mostrando, e que parece se deixa ver das condições da Sociedade que V. Excelência me fez a honra de remetter, as quaes eu não entendo bem, assi por se referirem ás da Companhia do GãoPara, que não vi, como por se não conformarem bem com a Ethica, que estudei, especialmente na Condição 4 que diz: Será a S. Magestade livre² o mandar socorrer etc. quando eu estudei, que toda a liberdade civil esta no Summo Imperante como Fonte donde deve dimanar pera os Vaçallos, e não destes pera o Sumo Imperante.

Em fim Senhor eu não tenho experiencia civil, não tenho forças pera o estudo, e trabalho necessario, não tenho sujeitos de conselho, sou hum Pobre Frade insufficiente pera o governo Eccleziastico, quanto mais pera o civil. Desejo muito cumprir com o que se me manda, e ser assim agradecido á honra, que se me faz; mas sou inapto pera cumprir o que desejo farei o que puder, emquanto S. Magestade não prove este Estado de Governador, e ouvidor, que vinhão a viver pera elle, e não pera sy; porque me parece, que isto bastará pera que as Rendas de S. Magestade cheguem pera as folhas, como eu outra occazião lhe farei ver. Agora que o Mestre da Escuna da Sociedade diz que esta esperando por esta há dous dias, não o quero deter mais, e em outras occaziões, que tiver irei dando conta de mim e dos meus deveres. Deus nos conserve a Illustrissima Pessoa de Vossa Excelência por muitos anos. Ilha de S. Thiago cidade da Ribeira Grande 24 de Abril de 1783

De V. Excelência

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Martinho de Mello e Castro

O Servo muito obrigado

Frei Francisco De S. Simão

Bispo de Cabo Verde

2. Palavra sublinhada no texto

Brava, 24 de maio de 1783

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Da Ilha de S. Thiago, por hua Escuna de Contracto, que dali sahio para essa Corte, tomei a ousadia de escrever a V. Excelência participando-lhe a boa ou má viagem que tive, e agora novamente tomo o mesmo atrevimento pedindo-lhe permita-me V. Excelência a honra de participar-lhe que no dia 21 do corrente cheguei a esta da Brava, pera onde com o socorro de Deos intento dâr brevemente principio a minha lida segundo as sabias e prudentissimas determinasoens de V Excelência: e como desta ainda não tenho feito hum justo juízo, rezão por que não dou presente a V. Excelência a relação que devo.

Avizo a V. Excelência de que não tenho mais que hum athe 2 arrateis de polvora, que sem duvida não me chegará pera fazer as remessas dos Passaros que houverem, nem tam pouco hua gota de Agoardente pera a conservação dos Animaes, pois V. Excelência bem sabe que 2 ou 3 canadas que trouxe he impossivel que haja de chegar; tenho falado sobre isto ao Excelentíssimo Senhor Bispo e disse que não sabe onde ha-de hir busca, pois he bem serto, Excelentíssimo Senhor que a ha na ilha de S. Thiago presentemente por cauza dos estrangeiros que a tem tomado toda não ha tambem caixas de madeira pera a condução dos mesmos productos: a Rede que (..) acho-a toda cheia de buracos e por consequencia não pode servir pera nada, pois podre esta, participo isto a V. Excelência pera que eu não seja em todo o tempo culpado.

V. Excelência por sua grandeza, e alta prudencia se digne em passar-me com a sua Protecção, pois só a sombra della, Excelentíssimo Senhor, poderei ser feliz: Deos Guarde a preciosissima pessoa de V. Excelência por muitos e felicissimos anos como deseja a V. Excelência hum quem he

*De V. Excelência**Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor**O mais obediente e obrigdo Servo**João da Silva Feijó**Ilha Brava, 24 de Maio de 1783¹*

§ 28

¹ Data escrita na margem esquerda do documento

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para D. Martinho de Mello e Castro informando-o da morte do Bispo de Cabo Verde, Frei Francisco de São Simão e do início da sua expedição na ilha do Fogo. Relata os problemas com os homens poderosos das ilhas, levantando suspeitas quanto à possibilidade da morte do Bispo não ter sido natural mas tratar-se de um assassinato.

Lista dos caixotes que estão prontos para serem enviados para Lisboa.

Fogo, 21 de dezembro de 1783

Depois de ter concluído a Expedição da Ilha Brava fui obrigado em 20 de Junho a passar pera a do Fogo segundo as determinasoes do Excelentíssimo Bispo em hua lanxa de Figueira de bouca aberta não sem bastante perigo de minha vida; e depois de haver concluído a Expedição da Ilha vendo que tardava a Embarcação do Bispo fiz hir a S. Thiago a mesma lanxa pera saber do mesmo Prelado o que determinava; veo me a triste notícia de seu falecimento em o dia de S. Lourenço, e vendo me empatado por esta causa e sem recurso, tornei a fazer avizo ao Governo interino da dita Ilha pedindo lhe as providencias, e observando que não resolvia coisa alguma tornei a saudar, avisando não só ao Governo, como V. Excelência me havia ordenado fizesse em semelhante conjuntura, pera que visto estar o Bargantim do dito Prelado desocupado mo mandassem pera continuar a Real Expedição, mas ainda ... Administradores Geraes da Sociedade pera que logo que ouvesse alguma Embarcação pera Lisboa a mandassem pera esta Ilha a receber os caixoes da Expedicam della, e da Brava, que se achavã concluzos; Responderão-me o Governo que não havia Embarcação alguma, e que a do Bispo andava a Recolher o seu Espolio mandando me, como por ludibrio, que me servisse de hum lanxão que agora ha nesta Ilha, em que não cabe nem a metade do trem da Expedicam e de risco nestas cousas por ser pequeno; os Administradores que estão promptos a obedecer as ordens de S. Magestade tam somente no que fosse do serviso da Sociedade da Urzella.

Já em Junho podia-se ter remetido a V. Excelência a Expedicam da Brava porem o Bispo não fes cazo de a mandar conduzir, pelo que julgo não serei culpado pera com V. Excelência agora achão se mais 7 ou 8 caixoes com duas caixas de Borboletas promptos desta Ilha, e julgo terão a mesma sorte que os da Brava pelo pouco cazo que vejo fazer-se por câ destas coizas não deixão de cauzar isto grande prejuízo a mesma Expedição, e por não me darem o que he necessario donde tem nascido o perderem-se 2 catimploras de Peixes por falta de agoa ardente, não por que a não haja em S. Thiago, porem por não ma querem mandar.

Desta sorte, Excelentíssimo Senhor, me acho emprazado nesta Ilha sem recurso algum, nem ainda pera noticiar a V. Excelência pera determinar o que for servido, pois não só não aparese por aqui Embarcação alguma, mas ainda // [fl. 1v] estou certo me desviarão toda occazião que possa ter pera isso, procurando apanharem-me as minhas cartas, pelo que me vejo obrigado agora a valer me de hum honrado sogeito daquella Ilha a fim de enviar com inviolavel segredo esta a V. Excelência pois de outra sorte não chegará a ter a honra de hir às mãos de V. Excelência de quem anciosamente fico esperando o recurso: daqui pode V. Excelência concluir athe onde chega muita fortuna, que pera complemento so me resta perder o patrocinio de V. Excelência

O Governo interino segundo me noticião, e comprova o pouco cazo que fas da Expedição esta determinado a não dar me providencia alguma, e por medita meios de tirar-me a vida aleivosamente (da mesma maneira que como dizem se fes ao pobre Bispo, havendo antes de sua morte huas differensas entre elle e os magnatas daquela terra) pois dis que dara a V. Excelência conta delle em Maio passado:

isto não me atreveria a participar a V. Excelência se não tivesse em meu poder 4 cartas de huns onrados homens de S. Tiago pera o comprovar, em que me avizão me haja de por em segurança, pois elle dis se ade vingar de mim: em hua palavra Senhor tudo por ca são despotismos, e mais despotismos, pois so vendo, e observando V. Excelência propriamente chegaria a compreender athe que ponto chega.

O mesmo commandante que veio pera esta Ilha depois que faleceu o Bispo, não tem deixado demenos perseguir unicamente por eu não querer consentir nas suas Ladroeiras, com que vai cruel e despoticamente opprimindo estes pobres insulanos, metendo em si todo o producto da condenasoens que fas todos os dias em nome de S. Magestade dizendo-me que são os seos prós e percalso, e dizendo-lhe eu que me parecia impossivel S. Magestade permitir-lhe tal respondeu me que então por 80 reis não veria as Ilhas de Cabo Verde, e que quando S. Magestade mandava algum militar pera algum governo era pera se desempenhar trazendo-me pera exemplo muitos que elle diz fizeram o mesmo, e S. Magestade em recompensa os aumentou com outros cargos; taes são os falsos odeos que ocupão a sua honra, que nestes 6 meses que tem commandado não tem senão dado evidentissimas demonstrasoens de cruel, de avarento, de louco e de ignorantissimo nos seos deveres; tem desmanxado alguas cazas de moradores desta villa pera se servir dos materiaes com que tem construido muros do seu // [fl. 2] quintal etc. ficando os pobres na rua; e sobretudo logo no 1º ano do seu governo mandou buscar a telha das cazas do forte de Nossa Senhora da Incarnação hum dos de mais circumstancia pera a Ilha pera cubrir dois quartos que tinha em sua caza cobertos de palha a maneira da terra ficando aRuinado aquelle corpo de guarda e os soldados expostos ao rigor do tempo sem ter onde se recolherem quando vão nesta guarda e achando eu isto mal feito o adverti que havia cahido em hum crime terrivel de que S. Magestade o havia de castigar, como tambem por prohibir com bandos em nome da mesma Senhora e penas pecuniarias aos que procurem em Juízo de mandar ao seu antesor pera obterem os seos bens que se acham em poder delle que dispoticamente os tomou quando governava cujos factos se achão em meu poder pera apresentar a V. Excelência ao que respondeu-me que ... com as muitas palhas, e pedras, e que era elle que governava: em hua palavra Excelentissimo Senhor tem chegado a tanto a loucura deste homem que fui obrigado a aplacar ha dias hum manifeste levante do povo, que não podendo ja soportallo se levantarão, e vierão procurar-me pera os socorrer da escravidão em que vivem ha tantos tempos; pelo que fui ter com o dito comandante e lhe fis ponderar o que fazia, e o que soccedia pelas suas absolutas fazendo-o lembrar que se elle o havia mandado não pera arruinar porem pera distribuir a justissa que acompanhasse aquelle povo, pelo que S. Magestade o castigaria quando fosse sabedora respondeu-me que S. Magestade governava em Lisboa e elle na Ilha do Fogo e que tanto se lhe dava de morrer em ferros como na cama, pois não seria pera elle os proveitos e que demais que tinha o Senhor Marques de Angeja da sua parte se eu tinha a V. Excelência e outras semelhantes blasfemeas que bem mostravão serem nacidias de hum celebros hum pouco arruinado e ignorante.

Ex aqui Excelentissimo Senhor relatada ainda menos da milesima parte do que estou abreviando, cuja relação faso a V. Excelência por ter dó destes miseraveis e lhes ter prometido os por na presença de V. Excelência de cujo patrocínio os fis seguros pera o consolo de suas esperanças, a fim de atalhar maior mal que necessariamente deve nascer de hua desesperação.

Deus Guarde e felicite os annos de V. Excelência pera nosso amparo

Ilha do Fogo 21 de Dezembro de 1783

*De V. Excelência
Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor
O mais obediente e obrigado Subdito
João da Silva Feijó*

Lista dos Caixoens que se acham prontos

1°	Saquinos de terras diferentes	100 e tantos números
	Embrulhos de pedras	
	Conxas	Alguas
	Garrafa com agoa do vinagre	1
	Sal das roxas	1 potezinho
	Herbario	50 e tantas hervas
	Sementes	
	Borboletas	2 tabuleiros
	Ilha do Fogo	
3°	Caixoens com muitos saquinhos de terra e algumas curiosas	
	Produsoens do Vulcano, em quantidade	
	Cascas de tartaruga	
	Huns ninhos de passaros com seus ovos	
	Alguas produsoens vegetaes como goma	
	Rosinas; lans; raizes etc.	
1.	Caixão de plantas em papeis	
	Generos novos dellas curiosas	
	Sementes de todas	
2.	Caixoens de terra com plantas vivas	
1.	Caixão com hum grande peixe de lixa cuyos figados derão 31 canadas de azeite	
	Alguns mais tambem preparados //	
[fl. 1v]	Caixão pequeno com pellos de passaro	
1.		
2.	Catimplora de pexes, cuja agoardente comprei a muita custa	
2.	Caixas com 5 tabuleiros cada hua que vieram de Lisboa cheias de borboletas de que há 14 especies excepto os coleopteros, heminopteros, etc.	
2.	Caixoens com 2 figuras em vulto grande vestidos a maneira de terra de que faz hum sogeito apaixonado com todas as manufacturas do Pais coisa admiravel	
1.	Caixão ou 2 de animaes abortivos em que entra hum boi e hum chibarro de m.tas unhas etc. com outros curiosos pela vista	
1.	Anem mulata etc.	

E o mais q.e vou recolher daqui e dali etc.a

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para D. Martinho de Mello e Castro informando-o da sua saída da ilha do Fogo e chegada à ilha de Santiago. Menciona também o envio dos caixotes com as recolhas de produtos referentes às expedições na ilha Brava e na ilha do Fogo.

Santiago, Praia, 29 de fevereiro de 1784

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Depois de eu haver perdido as esperanças de sahir da Ilha do Fogo com a morte do Excelentíssimo Bispo, por me faltarem as providencias necessarias, e ficar dezenganado da parte dos Administradores da Sociedade a quem escrevendo eu pera que ouvessem de me valer nas circunstancias em que me achava participando-os da parte de V. Excelência pera que quando tivessem occasião de embarcação pera essa cidade houvessem de mandar por aquella Ilha receber os caixoes das Remessas da Expedição Real para S. Magestade, em que não teria demora alguma por se acharem promptos, e os poder tomar ainda mesmo nella, ficando certos que a mesma Senhoria lhes pagaria todas as despezas que fizessem, responderão que estavam promptos a servirem a S. Magestade porem naquillo que fosse do serviso da mesma Sociedade e que seos navios não podiam ser embarasados com qualquer pretexto que fosse, ainda mesmo no caso de esterillidade, chegou finalmente a 15 do presente mez hum Bargantim da mesma Socciedade que com a mudansa dos novos Administradores foi com ordem de me transportar, como tambem de exportar tudo quanto fosse pera S. Magestade: logo me fis conduzir pera esta capital onde me acho não com pequeno susto, onde cheguei aos 20 de presente ; e como esta a partir a Gallera da mesma Socciedade pera essa fis entrega de todos os caixoes da Expedição ao primeiro Administrador, cuja honra e zello de servir a S. Magestade tinha demorado a mesma embarcação pera esse fim // [fl.1v] o qual depois que os recebo foi pessoalmente entregar ao Cappitam da mesma Gallera, e lhe intimou fizesse pôr tudo com toda a cautela e cuidado possivel na maior arrecadação, offerecendo-se me igualmente pera tudo quanto eu percizasse, ainda que elle não tinha ordens algumas de seos Directores em Lisboa pera me fazer coisa alguma porem que pera tudo estava prompto pella honra e gloria que concebiam em ter ocasião de servir a S. Magestade e a V. Excelência: donde tenho colligido que tanta he honra e seriedade deste proximo Administrador, como o vil procedimento e pouco respeito do outro, que acabou, que occupado unicamente com os seos interesses proprios, se esquecia dos deveres de homem de bem.

Finalmente esta he a primeira remessa que eu tenho a honra de fazer a V. Excelência das duas Ilhas Brava, e Fogo; dezejaria ter encontrado coisas dignas do depozito para onde são destinadas; V. Excelência bem sabe que em mim só está a diligencia, e na minha fortuna a felicidade de encontrar preciosidades: encluzamente vão as listas das remessas das producçoens das duas Ilhas, vai uma collesão de Borboletas, e outros insectos, taes quaes pude encontrar; todas as pedras e terras, que achei, e as plantas com suas sementes que obsevei e entre ellas algumas novas, de que tomo a ousadia de oferecer hua dellas a V. Excelência em sinal do grande respeito que devo a V. Excelência de cujo atrevido arrojio espero o perdão da grandeza de V. Excelência; fis sem duvida toda a diligensia de que me não escapasse alguma; vão mais alguns peixes que mais hirião // [fl.2] se me tivessem dado a agoardente necessaria pera cuja falta se perderão duas catimploras delles; V. Excelência fique certo de que disso eu não sou o culpado, pois a minha obrigação he pedir; vão mais outras coisas que tudo compreende 13 vollumes: goardo a Rellação Topografica, fisica e Moral daquelas Ilhas, tal qual eu pude formar, pera quando V. Excelência me determinar seja remetida, pois me lembro da recomendação que V. Excelência de que o não affligisse com papeis.

Entre os mesmos 13 vollumes vai hum que he amostra de peixes preparada a maneira do Bacalhao, cuja pescaria me recomendou V. Excelência visse eu se podia estabelecer nestas Ilhas, na verdade he hua das coizas que não só podem aumentar estas decadentes Ilhas pela grande abundancia que ha de peixe, como pelo abatimento que ha-de necessariamente occazionar ao Bacalhao dos Inglezes: ha dois sogeitos na Ilha do Fogo dos principais, e abonados que estão prompts a estabelecerem a dita pescaria, a quem fiado na suas pessoas encinei o methodo de o preparar, e fis seguros do patrocínio de V. Excelência: elles estão prontos, e ja ficão de algua maneira principiando a sua pescaria porem mostrarão me que sem que V. Excelência lhes fassa seguros as suas condisoens, e os patrocine, não poderão fazer coisa algua; incluzo apresento a V. Excelência o que elles pedem pera aquelle fim. V. Excelência como autor deste estabelecimento e protector do bem commum determinará o que for servido; elles prometem do 2º anno em diante darem sem falencia pera sima de 5 embarcacoens de peixe annualmente // [fl.2v].

Por descuido do Excelentíssimo Prelado não fis em Junho passado a primeira remessa e por culpa delle não estou mais adiantado nas averiguacoens destas Ilhas pois ateimou a não me querer deixar principiar pela primeira Ilha em que entrei: V. Excelência capasite se de que elle tinha mui pouco gosto nestas coizas de que fazia mui pouco cazo; não digo sobre isto mais pera não abuzar da attenção de V. Excelência eseguro a V. Excelência que cheio de tantos desgostos quantos eu tenho soffrido e soffro, me vejo presentemente envergonhado de ser descomposto prezentemente pelo Jullio sem rezão; paciencia, eu não sei que mais possa fazer pera poder agradecer a quem devo obedecer.

Aqui me acho nesta Capital e pera fugir a huas coizas que encubro a V. Excelência fico de partida pera S. Nicolao e se não fosse o temor de cahir em o desagrado de V. Excelência eu hia sem duvida prostar me aos pes de V. Excelência pera trazer as providencias que necessito, por estimo mais o morrer do que cahir da graça de V. Excelência donde espero toda a felicidade

A maior aflicção que tenho he o ver me só sem ter quem me ajude no laborioso Exercicio, em que me acho; se eu tivesse hum homem pera a preparação dos passaros e peixes, e outro que copiase as plantas, seguro a V. Excelência faria bellissimas remessas, porem só eu só e de risco e pintura e de preparação não sei. Por ultimo permita-me V. Excelência // [fl.3] a licensa de lhe pedir se digne conceder me a faculdade de pera o anno proximo chegar athe essa cidade a fim de se me restabelleso a minha saude, que a tenho toda perdida como eu posso expressar a V. Excelência segurando a V. Excelência de tornar a voltar logo na primeira occazião que pera cá se offerecer.

A remessa que vai consta de 13 volumes aos quais tomei a ouzadia de agregar mais 5 que envio pera a minha caza se V. Excelência não levar a bem eu ficarei advertido pera outra ves ao Julio participo disso pera que obtendo a Licensa de V. Excelência possa fazer a entrega no meu Procurador.

Depois de haver concluído esta longa relação troserão-me aqui hum papel pera o fazer apresentar a V. Excelência eu o li, e se não visse que continha coisa de importância digna de V. Excelência saber, sertamente não tomaria o atrevimento de remeter: V. Excelência me perdoe o arrojo que he nascido da vontade de fazer bem principalmente aos aflitos, e nesta mesma occazião vai hum sogeito por-se aos pes de V. Excelência pela mesma cauza.

Eu tenho na verdade, Excelentíssimo Senhor que participar a V. Excelência, porem falta-me a Liberdade pera o poder fazer: V. Excelência me determine os seos perseitos pera os executar como devo.

Deos Guarde e prospere os dias de V. Excelência

Vila da Praia 29 de Fevereiro de 1784

*De V. Excelência
O mais obdiente e humilde subdito
João da Sylva Feijó*

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para D. Martinho de Mello e Castro descrevendo o terrível ataque de “doença da terra” de que sofrera que o impedira de prosseguir as suas expedições nas ilhas do Barlavento. Menciona também o envio de um casal de falcões com características específicas quanto à forma de caçar, e queixa-se dos ultrajes a que tem sido sujeito pelas autoridades locais.

Praia, Santiago, 4 de abril de 1784

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Por esta partecipo a V. Excelência de como, por causa de hum fortíssimo ataque de doensa da terra que me sobreveio há hum mez não tenho continuado com a Real Expedição pelas Ilhas de Barlavento como era a minha intenção: estava a partir pera Santo Antam, e derrepente sobreveio me hua tam grande febre que me oobrigou ao 3º dia a confessar me, e dispor me a deixar esta vida; durou 7 dias depois a forsa de remedios foi se diminuindo deixando me na maior dibilidadade que não posso explicar, com hum insoportavel fastio, que ainda me acompanha: passados 5 dias tornei a cahir a hua grande sezão de 48 oras as quaes não me tem deixado athe aqui, dando-me so de entervalo 6 horas, por consequência aqui me acho nas cazas da Companhia prostrado em huma cama quase ao desamparo sem ter quem me administre os remedios, nem cuide de mim: tal he a minha felicidade Illustríssimo Senhor.

Este desamparo como também o querer ver se fasso huma colleção de Peixes pera hirem na Corveta, que dizem parte pera Lisboa por todo Junho, me obriga a embarcar, e partir para S. Nicolao em hum Bergantim que esta a partir, que he da Sociedade.

Pello capitão deste Bargantim que foi do Bispo com quem eu vim, e a quem eu sou obrigado, remeto hum casal de hua espésie de Falcoens, que quanto a mim são os mais extimaveis pelo diferente modo com que cassão; estes chamão-se Asoutadores, seu modo de casar he celebre, logo que vem casa feixão as azas, deixão-se cahir com toda a forsa sobre eles de sorte que se a não matam procuram de sorte que fica ferida e atordoada, logo tornão a subir // [fl. 1v] ao ar, e de lá tornão a deser a vir buscar a cassa nas ondas; e he tam forte o tal encontrão que elles dão que se pilhão a hum homem sertamente o derrubão: hei-de ter o gosto que la cheguem vivos, como são pequenos, e novos, pode ser que cheguem, pois tive hum grande ja prompto que durou 2 mezes vivo, e por não haver ocasião de o remeter, e elle ser muito bravo morreu.

Não sei que mal tenho feito a este Senhor que aqui governa, que não faz mais que me ultrajar sem eu dar causa a isto, dis que se há de vingar de mim por eu mandar dizer a V. Excelência que ele era dispotico nesta Ilha: fis-lhe um requerimento obrigado pela necessidade pera que me mandasse satisfazer o meu ordenado vencido, respondeo verbalmente que V. Excelência não governava na Fazenda Real, e que não tinha ordem nem Avizo algum de Sua Magestade pera isso, e que nas ordens ultimas do Marques dAngeja não vinha tal determinação, e que por essas he que se havia de guiar, e não pelo que V. Excelência dissesse sem avizo expresso de Sua Magestade: tudo isto Excelentíssimo Senhor são pareceres de hum homem perverso que aqui ha que veio degredado do Reino pera aqui, o que he o que dá os dias Santos, e so se faz, o que elle dis, e nada mais, o que tem cauzado hum notavel prejuizo publico, elle chama-se João da Sylva, todos os officios de escrivaninha são por elle ocupados, jamais se despacha coiza alguma quenão seja elle que dê o rascunho pera isso, tanto no Judicial, como no Militar, Civil etc. e sobre os

demais procedimentos não digo nada, V. Excelência // [fl.2] facilmente podera ter grande noticia delle se se informar.

Pesso a V. Excelência por quem he me não desampare com o seu patrocínio, e que me conceda licença de me retirar, logo que conclua a Expedição destas Ilhas, pois não sei se a acabarei pelo deplorável estado em que me acho, pelo que desejava hir restituir-me a minha perdida saúde a esses ares; e V. Excelência ha de estar lembrado que me disse se eu me achasse mal, que pedisse Licença ao Bispo, e com ella poderia vir: V. Excelência lembre se deste deste infelix, que se ve de todas as partes perseguido pois se me falta o patrocínio de V. Excelência que ha de ser de mim. Deus Guarde e felicite os dias preciosos de V. Excelência por muitos anos como lhe deseja que he com o mais profundo respeito

Vila da Praia 4 de Abril de 1784

*De V. Excelência
Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor
O súbdito mais obdiente e o Criado mais obrigado
João da Silva Feijó*

Primeira Remesa da Real Expedição feita em a Ilha de S. Nicolao e remetida ao Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro para o Real Gabinete d’Ajuda em 30 de Maio de 1784

§36

Pedras

3 Caixoes

Nº1

Leva este 23 pedras diferentes

Nº2

Leva este 32 pedras diferentes

Nº3

Leva este 12 pedras diferentes

Terras

1 Caixão

Nº4

Leva este 87 saquinhos com as a mostras e das diferentes terras

Peixes

3 Caixoes

Nº5

Leva este 8 peixes

Nº6

Leva este 16 peixes

Nº7

Leva este 8 peixes

Pedras e Terras

1 Caixaão

Nº8

1º Leva pedras numeradas e avulsas

2º Terras em saquinhos numerados

3º Hum instrumento muzico e outro de que uzão pera o governo das suas calvagaduras

Plantas

1 Caixaão

Nº9

1º Leva plantas secas 24 e sementes

2º ...hua espécie de Madrepora da mesma, que vai na catimplora

3º ...Conxas e Gorgoneas

Produsons do Mar

1 caixaão

Nº10

1º Leva conglutinasoens de Tubiporas

Nº2 Esponjas marinhas

Nº3 Conxas, Gorgoneas e Coralinas

Peixes em aguardente

1 Catimplora

Nº11

1º Leva 28 peixes diferentes muitos

2º ... Camaroens das Ribeiras

3º ... Madreporas das que vão no Caixaão nº 9

Produsões do Mar

Caixão

Nº 1

1º Seda conglutinosa de *Tubiporas*.

2º Espenjas marinhas

3º Conchas, Gorgoneas, e Corallinas.



Peixes em agoard^e

Catimptora



N.º 11.

1.º Leva-28 peixes diferentes
das m.^{tas}

2.º Camaroens das Ri-
beiras

3.º Madreporas das q^{as}
vão no Caix. N.º 9.



Carta do ouvidor José Ferreira da Silva para D. Martinho de Mello e Castro na qual este oficial régio menciona que o Naturalista régio João da Silva Feijó se encontrava na ilha de São Nicolau onde tinha causado algumas desordens.

Santiago, Praia, 29 de junho de 1784

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Dou parte a V. Excelência que tomando posse do lugar de Ouvidor destas Ilhas, e entrando logo em Correicam visitei o Prezidio, o Forte Real, e Baluartes da Cidade, e achei tudo em tam deploravel estado, que passa a ser vergonhoso; pois alem de estarem as Muralhas muito arruinadas, não se achava montada hum a so pessa, nem tambem pera isto havia carretas em termos, porque todas estão feitas em pedaços; as espingardas sem feixos e a algumas dellas lhes servião de braçadeiras huns cordeis: Passei depois à Villa da Praya na mesma diligencia, e achei que o Capitam Mor desta Praça cuidava em Reparar as muralhas da Fortaleza, e em ter como tinha muitas pessos montadas em boas carretas, que segundo me constou, se devem ao seu cuidado, porem as espingardas se achavão no mesmo estado que as da Cidade, de que o mesmo Capitam Mor muito se lastimava; e eu me persuado que os Governadores pouco zelosos tem sido a cauza de tam lastimoso estado, não o representando a V. Excelência pera dar as precisas providencias.

§40

Entrando depois disto a examinar o estado da agricultura achei também esta na maior decadencia, porque os moradores desta Ilha se entregão inteiramente ao ocio: eu lhes tenho feito muitas admoestações pera os capacitar do quanto lhes he util, e do agrado de S. Magestade que se trate da agricultura com maior zelo: elles porem não querem deliberar se, e dizem que não cultivão tanto, como poderão cultivar porque alem de não poderem dar extracção aos seos fructos, e de não terem escravos bastantes; não ha quem por jornal queira trabalhar; nesta atendivel circumstancia, olhando eu pera o grande numero de gente ociosa que ha nesta Ilha, e que absolutamente dizem que não querem trabalhar, me lembrei dizer a V. Excelência; que para se desterrar de hum a vez a tal ociozidade, seria conveniente determinar // [fl.1v] S. Magestade, que todos os que não quizessem sogeitar se ao trabalho por jornal, que as Camaras lhes baixassem, ou não quizessem cultivar por sua conta ficassem escravos da Real Fazenda; cuja pena me persuado não chegaria a verificar se, porque todos estimão, e desejão a sua liberdade.

O Excelentíssimo Bispo era falecido ao tempo que cheguei a esta Ilha, como a V. Excelência ja sera constante; pois se me fes certo que o Governo interino havia dado conta a V. Excelência. Neste Governo achei o Coronel João Freire de Andrade, e o Juiz ordinario mais velho que servira de Ouvidor; porem so o dito Coronel era reconhecido por Governador, e julgo que somente em seu nome se passavão as Patentes, pelo que mostrão os Passaportes das outras Ilhas; mas logo que tomei posse, e que tive a certeza de que o Tezoureiro Mor se achava substituindo o cargo de Deão, e que como tal devia ser Adjuncto no dito Governo, segundo a disposisam da Lei de 12 de Dezembro de 1770, lhe dei parte ainda que isto foi contra a vontade do dito Coronel, que muito o impugnava.

O inventario do espolio do mesmo Excelentíssimo Bispo tambem se achava ja feito ao tempo que cheguei, e se fez um Leilam, em que se vendeu parte do dito espolio, ainda daquelas mesmas couzas, que não estão sogeitas a corrupção, e dolozamente . Lavrou o Escrivam alguns termos de arremataçã;

não declarando nelles com especificação o que se arrematava, isto he, pelo que pertencia ao numero, pezo ou medida sem duvida com prejuízo considerável; mas como também me dizem que de tudo se dará conta a S. Magestade pelo mesmo Governo, parece que não devo adiantar –me aqui mais.

Ainda não vi o Naturalista; dizem que presentemente // [fl.2] se acha na Ilha de S. Nicolao, e que aly tem feito alguas desordens; na do Fogo parece que ainda forão maiores, porque athe chegou a determinar em nome de S. Magestade e aos Juizes e os officiaes da Camara ; que não largassem no fim do anno a Jurisdição, nem abrissem os Pilouros sem determinação da mesma Senhora pela conta que pretendia dar: Isto o fizerão certo os mesmos officiaes da Camara em carta que escreverão a este Juizo da Correicam quando eu for às ditas Ilhas averiguarei tudo, e darei parte a V. Excelência .

Deos Guarde a V. Excelência por dilatados annos. Ilha de Sant'Iago de Cabo Verde 29 de Junho de 1784

De V. Excelência

O mais humilde e verdadeiro Subdito

O Ouvidor Joze Ferreira da Silva

§41

Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro sobre as atividades científicas do Naturalista régio João da Silva Feijó nas ilhas dhe Cabo Verde.

Santiago, Praia, 6 de julho de 1786

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Devo responder a Vossa Excelência sobre a carta de 3 de Novembro de 1785 em que Vossa Excelência me falla do Naturalista João da Silva Feijó: obedecendo a Vossa Excelência, e devendo tocar diversos pontos relativos à Expedição, a que o dito Naturalista foi mandado para estas Ilhas, me explicarei com aquella verdade, de que me preso, e que espero apareça sempre na Prezença de Vossa Excelência, quando se proceda hum exame austero das minhas acções.

Tendo chegado o Naturalista a estas Ilhas, e devendo sempre empregar-se debaixo da direcção do Reverendo Bispo D. Fr. Francisco de Sam Simão, principiou a sua desgraça pela morte deste Prelado; não só porque não póde justificar muitas ordens que recebéo boccalmente; mas porque lhe faltou muito cedo hua pessoa de maior idade, e mais conhecimentos do mundo, que fosse pouco a pouco dando-lhe a conhecer, quaes deviam ser os seos verdadeiros cuidados, e quaes podião ser os seos precipicios. He certo, que nas Ilhas de Santo Antão, e Sam Nicoláu houvêrão queixas do referido Naturalista; porque elle emprendeo o fazer hum numeramento dos Gados todos; e achando, que muitos diminuião o numero, que lhes pertencia, fazia passar para a Fazenda Real o acrescimo destes Gados, dizendo, que não tinham dono, e que consequentemente pertencião á Real Fazenda; o que participou ao Administrador Joze Lopes Quaresma: o Naturalista, diz que recebera ordens a este respeito do Prelado defunto, que então servia como Governador: além disto eu não passei áquellas Ilhas; aonde só me podia informar // [fl.1v] individualmente dos Sucessos; devo porem confessar, que desde que cheguei, até agora hua unica pessoa chegou a minha presença com queixas contra este homem: não obstante entrar eu de novo em hum Governo: devo tambem confessar, que hé cheio de bondade, e innocencia, humilde para com os seos superiores, e ainda o não encontrei maldicente: eu lhe não conheço riquezas que facilmente se não escondem, quando existem: antes Paternalmente o tenho aconselhado, para que economize alguma couza; Se Vossa Excelência me permite liberdade de fallar; eu o considero hum homem pouco forte para trabalhos, e pouco activo, o qual por falta de malicia, ou dos conhecimentos do homem, tem praticado algumas rapaziadas, mal pensadas sim; mas longe de hum espirito malévolo, e temerario.

Logo que tive a honra de receber a carta de Vossa Excelência em que me mandava dirigir para a Ilha do Fogo o dito Naturalista, eu me aproveitei de hua Curveta da Ilha da Madeira, que hia carregar de Milho e juntamente fiz embarcar o coronel Joze Maria Cardozo; tendo com elles largas conversações, sobre o que me podia ocorrer naturalmente relativo aos interesses do Serviço de Sua Magestade e tambem entregando-lhe ordens para o Sargento Mór Comandante, e Administrador da Caza do Contracto do Comercio exclusivo, e também para o Capitão Mór da Ilha Brava: insinuei a todos, quanto aborrecia tudo, o que era intrigas, e falta de Ordem; e lhes roguei, que concorressem todos para o mesmo fim, cuja soma era servir bem a Sua Magestade; porem sendo aquella Ilha de Gente a mais laboriosa, e perfeita nas suas manufacturas, ha entre // [fl.2] elles alguns individuos, que tendo principiado a sua vida, ensopados somente na ambição, a querem acabar sempre acompanhada de vicios: o Sargento Mór nada cohibe;

talvez porque os seus muitos annos, lhe tenham dissipado a força do Espirito necessario para governar; e até tenho algumas noticias, de que muitas vezes fecha os olhos sobre contrabandos. Consta-me, digo, que houveram algumas disputas sobre a maneira do appanho do Enxofre, que tinha produzido a erupção do Fogo, e sobre outras observações, que dezechava fazer o mesmo Naturalista, e que por hua especie de sangue revoltoso, e de pouca razão, se inquietarão de forma certos individuos, que me dirigirão bastantes queixas: eu as considerei de pouco momento; porém quiz passar áquella Ilha, a fim de dissipar a desordem, que reinava; mas receando, que Vossa Excellência tomasse a mal esta minha resolução, passei novas ordens, e lhes intimei em Nome de Sua Magestade, que serão castigados asperamente, se cada hum se não limitasse nas suas obrigações, e fossem a cauza de se acender hum fogo indiscreto; nascido das paixões particulares, que devião ter vergonha áquelles, que entrassem na contenda. Consta-me pois, que o Naturalista não merece ser tão carregado de crimes, quantos tem apparecido na Prezença de Vossa Excelência; e hé tão certo o elle ter padecido muitas molestias, que mesmo na minha caza o vi soffrer sezões muito fortes, que o impedião até de voltar à sua por muitas horas; e geralmente ouço dizer, que elle passou a doença da terra na Caza da Sociedade do Comercio exclusivo nesta Ilha, e embarcou para as de Sam Nicolau, e Santo Antão bastantemente doente.

Logo que recebi a Carta de // [fl.2v] Vossa Excelência assim indicada, eu o fiz chamar para o adevirtir sobre a assistencia de sua Mulher, a que elle voluntariamente assentio parecendo-me sufficiente a mezada de dez mil reis por mez para a dita sua Mulher: dez mil reis por mez para a sustentação d'elle, e ficar o resto reservado para alguma despeza extraordinaria, e para elle poder beneficiar a sua filha para o futuro: como Vossa Excelência me fez a honra de deixar em meo arbitrio a assistência da Mulher do Naturalista, me pareceo acertado, o que acabo de dizer a vista do seo ordenado, que he de quatrocentos mil reis por anno e Vossa Excelência podera determinar, o que for servido.

Agora he justo tambem, que eu me defenda na Prezença de Vossa Excelência a respeito dos dinheiros, que se pagarão ao Naturalista, e que eu abonei participando-o a Vossa Excelência; eu, Excelentíssimo Senhor não costumo adiantar-me; e talvez a minha exacção seja origem da desgraça, que me pode combater na Real Prezença: eu não me atreveria a abonar dinheiros sem ordens positivas de Vossa Excelência; porem tendo visto, as que Vossa Excelência dirigio ao Prelado defunto, que governou em Chefe; pelas quaes era disposto pagarem-se as despesas feitas nas especulações, que Vossa Excelência mandava fazer; e no que fosse necessario fazer as remessas para o Real Muzeum: e tendo eu achado estas despesas já feitas, e satisfeitas pela Caza da Sociedade, por ordem do Governo Interino; me parecô, que não podia ter duvida, em abonar as Letras: e assim // [fl.3] espero que Vossa Excelência conheça, que eu não achei as somas constantes das Letras em divida aberta; mas sim em pagamento feito, e que passei as Letras em consequencia: comtudo Vossa Excelência decidirá, se com effeito acertei, e rogo humildemente a Vossa Excellência queira acreditar me, que eu não tenho outros dezechos, que o acertar no Real Serviço.

Em o mez que vêm espero mandar o dito Naturalista ás Ilhas de Santo Antão, e Sam Nicolau, na conformidade da Ordem de Vossa Excelência, recomendando-lhe as particulares observações sobre cada hum dos generos, para poder informar a Vossa Excelência com precizão; porém se Vossa Excelência me permite, que eu fallo com aquella verdade, que deve trazer na boca hum subdito fiel, e honrado; devo dizer a Vossa Excelência que por mais, que se trabalhe nestas Ilhas, nunca se tirarão grandes proveitos; porque o ar hé contrario ao chão e a gente absolutamente inhabil: aqui não se conhece, o que hé arte, e vivendo cada hum na fé dos seus antepassados, abominão innovações, ainda demonstrando-se-lhes a verdade, e os effeitos. Essa quantidade de Milho, que he a unica couza, que eu considero mais util; porque hé a mais possivel, apenas hé sufficiente, para carregar seis Navios piquenos de cem até cento e trinta môios nos annos mais abundantes. He certo, que a medida val por duas do Reino, pouco mais ou menos; porém que difficuldades há para as conduções: os caminhos, e a fraqueza dos animaes faz, que hum Burro não carrega mais de dois alqueires, e hum cavallo quatro alqueires: não se servem de Bois,

§44

que poderão fazer maior carga, e de que esta terra // [fl.3v] abunda. Eis aqui a razão porque os Navios, que se carregão deste genero, se demorão muito. O algodão hé tão pouco, que não he bastante a suprir o necessario para os panos, que servem para a troca da escravatura. Os cativos, que vem da Guiné tambem são poucos; e como estes são pagos na Companhia somente por generos da terra, que os moradores sabem reputar muito bem, talvez não anime aos interessados da dita caza o introduzir maior numero, e melhores cativos. Demais Excelentíssimo Senhor, estes habitantes, ou por não terem necessidades, ou por não conhecerem as comodidades, ou por força de Natureza não querem ser jornaleiros, ainda pagando-se-lhes bem, e amão, antes o durmir ao sol hum dia inteiro, que o trabalhar duas horas. Pode ser, que não mereça credito esta minha informação; porem eu não entendo o contrario; e ainda que falo com Vossa Excelência, que tera tido informações diferentes, devo relatar, o que me dicta a consciência. A Goma Arabia, que podera produzir esta Ilha, fara hum artigo de oito athe dez arrobas, se he possível, que hua oitava de rezina, que tenho encontrado em alguns Espinheiros, possa resultar esta soma contando athe dois mil. Anil ha bastante, que nasce bruto, e assim morre, servindo so para a tinta dos panos ja ditos: Só Sua Magestade ou a Caza da Sociedade, he que pode dar tom a este ramo do comercio; porque os particulares nem podem, nem tem habilidade, amor, ou zelo para estas couzas. Ouço dizer, que ha bastante sene, e Sangue de // [fl.4] Drago nas Ilhas de Sam Nicoláu, Santo Antão e do Maio, e segundo as observações, que deve fazer o Naturalista nellas, que serão mais eficazes na Ilha de Sam Nicolau, por serem debaixo dos olhos do Reverendissimo Bispo D. Fr. Christovão de Sam Boaventura, podera Vossa Excelência certificar-se da verdade. A respeito da Ilha do Fogo, as noticias, que tenho são: o haver-se colhido athé ducentas arrobas de Enxofre, e algum vitriolo Romano, que se achou em outra parte distante do vulcano que lançou Enxofre, e que me fez esperar grande utilidade pela primeira carta, que recebi do Naturalista. Por hum Bargatim, que fica a partír, hei-de mandar a Vossa Excelência hua informação mais larga sobre estes dois produtos, e a narração de todas as particularidades da erupção do Fogo do anno passado, que tenho pedido ao mesmo Naturalista; e sobre a qual eu dei as providencias, que me parecerão necessarias, athe que Sua Magestade determinasse, o que devia seguir-se mandando receber, e aguardar todo o Enxofre, que se apanhasse.

Deos Guarde a Vossa Excellência muitos anos

Ilha de Sam Thiago 6 de Julho de 1786¹

Antonio Machado de Faria Maia

1. Na margem inferior esquerda do documento está escrito: “2ª V.ª”.

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para D. Martinho de Mello e Castro informando-o sobre as suas recolhas na ilha de São Nicolau e respetivo envio das mesmas para posteriormente seguirem para Lisboa.

São Nicolau, 30 de maio de 1784

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para D. Martinho de Mello e Castro relatando o seu regresso à ilha Brava, por ordem de Júlio Matiazzi, para reanalisar o “salitre” da dita ilha. Daqui seguiria logo que possível para a ilha do Fogo para recolher todas as produções naturais e informações relacionadas com a erupção vulcânica de 24 de janeiro de 1785.

Fogo, 4 de agosto de 1786

Memória sobre a nova irrupção volcânica do Pico da Ilha do Fogo

Fogo, 11 de agosto de 1786

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Partecipo a V. Excelência que cheguei a esta Ilha e logo dei principio a recolha de suas produsoens: acho-me summamente encomodado das sezoens, e hua fortissima, e impertinentissima obstrução do Baso não me deixa fazer coisa alguma, porem assim mesmo não perco hum só instante de procurar servir com zello e agradar a V. Excelência com o complemento das minhas obrigasoens.

Como parte daqui um Bargantim da Sociedade pera a Capital, não quis deixar de fazer alguma remesa a V. Excelência das produsoens desta Ilha: Remeto aos Administradores Geraes 10 caixos, e hua catimplora de Peixes em agoardente pera elles fazerem remeter a V. Excelência pela Curveta que ha-de chegar agora de Guinè: inclusamente vai a lista dos ditos volumes; a minha molestia não me permitio fazella como devia de ser, o que farei com a outra relação do restante da mesma Expedição. Hei-de dezejar que V. Excelência se agrade dos meos trabalhos, atendendo as aridas terras deste Pays, e ao meu incansavel dezejo de agradar a V. Excelência

Deus Guarde e prospere os preciosos dias de V. Excelência por muitos anos pera meu amparo

S. Nicolao 30 de Maio de 1784

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

De V. Excelência

O mais reverente Subdito e Criado

João da Silva Feijó

§45

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor¹

Em cumprimento às ultimas ordens de V. Excelência a mim dirigidas por via de Julio Matiazzi, fui logo a Ilha Brava, e ali fis toda a diligencia de novamente me asegurar do que dizia respeito ao chamado Salitre, e depois de hir, e ver pessoalmente, onde se dis he a sua mina: fis recolher todo quanto ali havia, e com novos exames tornei a tirar as mesmas conclusoens, que ja em outra minha letra fis participar a V. Excelência quaes são: primeiramente que nunca aquella materia salina foi salitre, mas sim hum sal amargo, que em efflorescencia se cria pellos vapores da athmosfera nas superficies das pedras arentas e ocraceas que constitutem aquella roxa; em 2º lugar que he a sua quantidade tão limitada, e a mesma extração tão arriscada, que ainda que fosse Salitre, se fazia de si mesmo de nenhua concideração, e importancia: Este he Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor, o prudente juizo que devo fazer, e participar a V. Excelência de hua coisa meramente imaginaria.

Daquella Ilha logo fis me conduzir a esta do Fogo, onde sem perca de tempo, não só pera cumprir com as mesmas determinasoens de V. Excelência, senão pelo summo dezejo que me acompanhava de observar hua coiza pera mim toda nova qual era aquella irrupção volcanica, sucedida ultimamente a 24 de Janeiro do anno proximo passado, fui vizitar por 3 vezes aquelle vulcano ainda insendiado, e ali puz toda a diligen // [fl. lv] cia de me não escapar coiza algua ás minhas observasoens, as quais me derão materia a formar hum pequeno discurso filozofico, que com o titulo de Memoria eu tenho a honra de pôr na Presença de V. Excelência.

Nella mostro numero, depois de discrever todos os fenomenos em geral que precederão aquella nova irrupção, todas as differentes producções que tem espalhado e formado, a mesma irrupção: he verdade Excelentíssimo Senhor que tenho achado algua porção de enxofre, e a maior parte impurissimo, mas não naquela quantidade que se tinha informado a V. Excelência pera carregar navios: tenho descoberto alem do enxofre mais avultada porção de caparroza, que por ignorancia se tem deixado perder a maior parte nas cheias das agoas passadas; sobre isto tenho indicado o metodo que se deve praticar no cuidado desta producção pera a sua extracção, como também na do enxofre, e ja com este meo parecer, se fês recolher algua porção de mesma caparroza, que com a do enxofre se remete nesta occasião aos Directores da Sociedade.

Sobre qualquer destes productos tenho feito, segundo as mesmas ordens de V. Excelência o calculo de suas despezas, que a mim me tem parecido ser mais prudente, o qual faz parte do mesmo discurso mencionando, e sobretudo tenho procurado com o mais vigilante cuidado, que todo este meo trabalho correspondesse aos dezejos de V. Excelência pera meo credito.

Sobre a gomma arabica, que fas o 3º ponto das determinasoens de V. Excelência não participo por ora nada a V. Excelência por ser coiza // [fl. 2] que depende de observasoens repartidas nesta estação, o que eu promptamente farei e darei conta a V. Excelência na primeira occazião, ainda que pelos prudentes raciocinios que sobre isto tenho feito me persuado ser coiza que nunca podera ter exito algum felis na contemplação 1º de não serem infaliveis as boas conjunsoens dos tempos: 2º pelo prejuizo destes povos, que tudo que não he milho, feijão mandioca, e cana, contemplão o mais por coiza quimerica, pois he certo que hum pais, Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor, que de sua natureza produz hum milheiro de arvores que fornecesse a gomma arabica, não lhe he certamente impossivel que produza 20 mil, tudo está em que haja esta plantação, mas esta he o que se faz imposivel praticar-se em terras semelhantes, onde não há nem forsa, nem dilligencia, onde só domina a ignorancia, e a ociosidade onde em hua palavra todos se contentao com a mediocridade ou pera melhor dizer com a mesma mizeria.

Fico ainda nesta Ilha com o fim de formar hum novo Erbario, por ser esta a propria estação, e fazer hua colheita de sementes, e hua colleção de Borboletas, pera serem remetidas a V. Excelência

1. Na margem superior esquerda do documento estão escritas as seguintes anotações a lápis: “Cabo Verde 1786 Agosto 4” e “a mesma sobre a erupção do Pico está encadernada na col. especial” a 2ª anotação está assinada também a lápis.

na primeira occasião da proxima monção: e daqui partindo, depois de ultimamente visitar o Lugar da nova erupção, pera me informar de suas mudanças que necessariamente deve occasionar as cheias destas Agoas na caparroza, transportar-me com a devida Licença do Governador as Ilhas de Barlavento, onde farei toda a dilligencia de remeter a V. Excelência hua completa colleção de peixes, e os lagartos exquisitos, e passaros de suas dezertas.

Prezentemente remeto a V. Excelência pela Gallera da Sociedade de // [fl.2v] invocação N. Senhora da Nazareth o Capitão Joaquim dos Santos Roza huma barrica com diferentes peixes, hua caixa de folha de Flandres com as amostras dos saes e enxofre do novo vulcano, alguas plantas, e hua pequena colleção de sementes; e outra da mesma natureza com 3 taboleiros de borboletas da Ilha de S. Thiago. Pella Corveta S. Francisco de Paula, Capitão Avaristo Domingues de Campos taobem remeto 7 caixoes com as amostras mineraes da mesma nova irrupção, e da Ilha Brava, que tudo vai acompanhado com as suas respectivas Rellasoens incluzas: na mesma Corveta vai hum oitavo caixão, que he da borrhuma de Inglaterra, que por me ser desnecessaria pela sua mà construcção a fasso remeter a Julio Matiazzi.

Não remeto nesta occasião, como era a minha intenção, a conta corrente das despezas que novamente se tem feito nestas duas Ilhas por me ser necessario hir fazella à Capital na prezença do Governador, e o que só posso dizer a V. Excelência he que por mais economia que tenha procurado não me foi possivel fazer a concerva dos peixes, que remeto com menos de 9 frasqueiras de agoardente pelas mudansas que julguei necessarias.

A Julio Matiazzi remeto hua lista do que se me fas necessario pera cumprir com as minhas obrigasoens, pera que elle pondo na prezença de V. Excelência e julgando-se ser justo mas remeta na primeira occazião. V. Excelência determinará de mim o que for servido: Deus Guarde e felicite os preziosos dias de V. Excelência de quem sou

Com o mais profundo Respeito
Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

De V. Excelência
O subdito mais fiel e obdiente Criado
João da Silva Feijó

Ilha do Fogo 4 de Agosto de 1786

Memoria

Sobre
anova irrupcao' volcanica
do Pico

da
Ilha do Fogo

que deve servir de Suplemento
a Letra Filosofica n.º 5.^o
sobre
omegma objecto

Pelo Naturalista J. J. Feijó

1786

Memoria Sobre a nova irrupção volcanica do Pico da Ilha do Fogo

que deve servir de Suplemento a Letra Filozofica nº 5º sobre o mesmo objecto Pello
Naturalista J. S. Feijó 11/08/1786 //

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Vossa Excelência tem-me feito a honra de ordenarme que fosse segunda vez vizitar a Ilha do Fogo para observar, e discrever a nova irrupção Volcanica sucedida em o dia 24 de Janeiro do anno proximo passado, e averiguar suas produçõins principalmente o Enxofre calcolando a sua quantidade, e despezas que poderia fazer na sua Extração, e transporte.

Em comprimento a esta determinação de V. Excelência fis me transportar aquella Ilha honde cheguei em 26 de Abril proximo passado e logo me conduzi por 3 vezes ao lugar da sobredita erupção aonde fis todas aquellas observaõins possiveis de que me acho encarregado as quaes debaxo do titulo Memoria sobre a ultima irrupção Volcanica do Pico da Ilha do Fogo, tenho a honra de por na prezença de V. Excelência // [fl.1v] com aquella Confiança que me inspira a Summa bondade de V. Excelência.

Tenho procurado que todas estas minhas novas investigaçoins fossem fundadas na pura Verdade, e que o Calcolo que as acompanha fosse coerente, e Racionavel.

Devo dizer a V. Excelência que este meu discurço deve servir de Suplemento a minha 5ª Letra Fizica dirigida a V. Excelência com a data de dezembro de 1783 a que me rreporto para sua mayor Clareza, e tendo figurado para isso mesmos duas estampas que aCompanhão a mesma memoria em hua mostro em spacto a disposição, e lugar da nova irrupção, e na Segunda o todo do Pico visto da parte de Leste.

O pouco tempo que ali se pode demorar hum observador e os limitados conhecimentos que V. Excelência sabe orna o meu Espirito serão // [fl.2] suficientes motivos para serem perduados os meus descuidos em hum ponto que so elle por tantos anos tem occupado vidas enteiras de sabios Naturalistas. O mayor sentimento que tenho de grandeza he do profundo Respeito com que sou

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro

De V. Excelência

O mais humilde e obidiente Subdito e Criado

João da Silva Feijó //

Ilha do Fogo 11/8/1786

Vidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam
Flamarum que globos liquefacta volvere saxa
Virgil. Georg. Lib. 1º v. 472 //

Memoria Sobre A nova irrupção volcanica do Pico da Ilha do Fogo

§. 1

O Pico volcanico da Ilha do Fogo, que ha 12 anos estava como extincto, acaba ultimamente de fazer nova irrupção em o dia 24 de Janeiro do anno proximo passado de 1785², as onze oras pera o meio dia.

§. 2

Hua grande commução subterranea que aballou, e se fez sentir por toda a Ilha com fortissimos estrondos em o interior do Pico foi o primeiro fenomeno que precedeo aquella irrupção.

§. 3

Depois deste signal §2 principiou o Pico a fen // [fl 1.v] der-se perpendicularmente e a lansar pellas fendas do seo interior, como em golfadas quantidade de cinzas escoriformes (a)³, tornando depois a feixar-se ficando no seo primeiro estado.

§. 4

A materia insendida que circulava no centro daquelle vulcano, correndo por onde menos rezistencia encontrava, foi abrindo logo pellos lados daquelle montanha, que olhão pera L.; e L.N.E., e no corpo da Serra (b)⁴ aqui, e ali athe o mâr, differentes rombos por onde lansou torrentes de fogo; e de diversas lavas (c)⁵ e fumo, tendo sido a ultima explosão antiga em o outro lado opposto que olha pera L.S.E. onde chamão monte d'Aipo (d)⁶.

§. 5

A grande abundancia das materias, que forão expulsadas (§4) // [fl.2] parte tem formado 4 não pequenos monticolos (e)⁷ successivamente hum immediato ao outro em a mesma direcção junto ao chamado monte de Losna, outro antigo monticolo volcanico extincto(f)⁸: outra parte descendo pello lado de L.S.Este e dividindo-se em dois ramos, hum delles foi entulhar hua grande e profundissima Ribeira ou Valle,

2 Palavra sublinhada no texto

3 (a) N° M Escora preta, fina, que o Pico lansou nesta irrupção; he hua sorte de lava.

4 (b) A Serra he a terminação dos montes da Ilha, que unidos formão da parte de Leste., onde esta o Pico, hum como muro a pique, que com a metade da circumferencia do mesmo Pico, discreve concentricamente hum semicircolo: esta terra não he separada delle, senão por hum grande valle, que chamão Xão de Caldeira (Est. 1ª letra aa) a qual tem de comprimento ½ le-gua. sobre ¼ de largura, isto he da Serra ao Pico (Letra bb): hê mais baixa que o mesmo Pico; e sua figura da parte d'Oeste // [fl.1v] he hum conico truncado; ella he representada nas letra ccc da mesma estampa. Esta pozição, que se asemelha com a de muitos volcanos da Italia ja extinctos, me persuade que ella, e o Pico não erão antigamente senão hua só montanha de figura conica infinitamente mais vasta, e mais elleuada do que he hoje o mesmo Pico; e que sua extremidade foi arrebatada por algum fortissimo fogo subterraneo, donde abatendo-se dentro de si mesmo tem dado origem a hum valle circular, cujo ponto centrar foi o Pico, não restando hoje do valle, pelas repetidas irrupsoens, mais que a meia circumferencia que he a Xam de Caldeira e quem sabe se este mesmo Pico vira tãobem algum dia a abater-se, porque está occo, e passará a formar com as suas paredes hua circumferência e o seu fundo, ou centro hum lago circular com o tem succedido em muitos extinctos vulcanos. (vid: as minhas Letras Filosoficas carta 5).

5 (c) Os Naturalistas chamão lava a toda // [fl.2v] materia queimada, que he transformada, e lansada pelos volcanos como a Pouzollana, bazaltes, etc.

6 (d) Aipo: monticolo antigo volcanico junto ao qual está a boca da ultima irrupção, onde ainda se acha algum enxofre impuro.

7 (e) São representados na Estampa 1ª em as letras e, f, g, h: a letra (d) representa o Pico.

8 (f) Losna he outro antigo monticolo volcanico, composto d'escoras pretas, e tem na sua sumidade hua boca do feitto de hum funil; toda a sua superficie he coberta de Losna, donde lhe vem o nome, e da mesma sorte todo aquelle sitio.

que chamavão de Antoninha, que ali havia, de sorte que parece não ter nunca existido naquella lugar semelhante Ribeira (g)⁹: o outro ramo em fim foi allagar hum grande plano inclinado, immediato aquella Ribeira onde se dis a Relva (h)¹⁰ onde havia alguas cazas, terras de sementeiras, vinhas, e algodoeiros, ficando parte debaixo desta innundação. // [fl.2v]

§. 6

A materia que correo pellas outras bocas (§4) innundarão igualmente muita porção de terreno, e da ultima, que demora junto ao mâr (i)¹¹ onde chamão João Martinz foi athe entrar pelo mesmo mâr dentro mais de 20 lansas fazendo ali naquella costa, onde era hua enceada, hua ponta de pedras queimadas (l)¹².

§. 7

Durou esta irrupção 32 dias succcivos athe 25 de Fevereiro sendo a sua maior forsa nos primeiros 7 dias, e athe hoje (m)¹³ ain- // [fl.3] da continua o fogo, porem em maior profundidade principalmente em os novos montes, onde he intensissimo mesmo na superficie do terreno.

§. 8

Esta materia (§4) que geralmente tem sido expulsada, parte hé hua lava preta, pezada cavernoza com alguns cristaes pretos de Schols podres, embutidos, que parece não ser outra coiza senão o saxum ordinário (n)¹⁴ a que chamão pedra do Lagido, queimado, tal he a que tem corrido principalmente pello Sitio da Relva, e entulhado a Ribeira de Antoninha (§5).

§. 9

A outra sorte de lava era expulsada em estado de fluidez, e corria mansamente a maneira de hum metal em fuzão (o)¹⁵ formando grossos bancos, em abobedas, ficando por baixo grandes e dilatados canaes subterraneos, e alguns // [fl.3v] delles de 2 varas de largura; tal he a sorte de lava que tem sido expulsada das bocas do Sitio de João Martinz principalmente, e tanto mais se penetra o interior desta lava, quanto mais densa, e compacta, e firme se encontra.

§. 10

Sobre esta 2^a sorte de lava (§. 9) ainda correo outra 3^a especie, preta, espumoza, a maneira de escora metalica (p)¹⁶, effeito, que sem duvida provem do ar, que estando, compresso, forma no meio das correntes de lava grandes bolhas, ou vacuos que depois fazem a sua superficie mui aspera, esponjoza, leve, e desigual; no seo curso vai tomando varias comfigurasoens agradaveis (q)¹⁷; e a primeira vista parece com a materia de que se fabricão os cadilhos de Alemanha (r)¹⁸.

9 (g) Antoninha: assim se chamava a hum profundíssimo valle, que havia daquela parte junto ao sitio que se chama Relva; a cheia que correo dos montes novos a entulhou de sorte que tudo forma hum só plano direito.

10 (h) Relva: he a parte do terreno que he mais fértil em toda a Ilha: he composto de cinzas, e escoras volcanicas; ali produz muita mandioca, muito milho, feijão, vinhas, anil etc.

11 (i) Na primeira Estampa são representadas estas bocas pelas letras i, l, m, n, o, as três primeiras em o sitio de Domingos Fernandez; n.o. em João Martinz.

12 (l) Estampa 1^a letra p.

13 (m) Tenho visitado este vulcano por vezes, sendo ultimamente em 20 de Ju // [fl.3] lho de 1786.

14 (n) N^o A lava preta etc. que correo em grossas massas e tem formados bancos em os lugares de Domingos Fernandez e João Martinz.

15 (o) N^o N^o B. F. G.; G. correo por baixo da precedente em ondas etc. //.

16 (p) [fl.3v] N.N^o C. D. E. Lava escoriforme espumoza, leve que correo pela superficie de outra mais solida e pezada, formando figuras.

17 (q) N. E. figuras de lava.

18 (r) Esta lava na côr asemelha-se com o Lapis de que se constroem os cadilhos em Alemanha. //

§. 11

As bocas volcânicas que se abirão em Domingos // [fl.4] Fernandez (s)¹⁹ são interiormente adornadas de agradaveis configuraçoens tofaceas (t)²⁰ vermelhas (u)²¹ procedidas de haver-se ali demorado o fogo por mais tempo.

§. 12

A lava que constitue os novos montes (§. 5) he em geral hua escora, tincta de oca de ferro, mais, ou menos grossa (x)²². O primeiro destes montes, a que chamão da Rainha (z)²³ tem hua parte desta escora sustentada sobre grossos bancos de outra lava (§. 9) preta, pezada cavernosa, disposta de maneira que constitue hua grande abobeda fendida por infinitas partes pela forsa do fogo subterraneo, a que em partes se deixa vêr escalvada.

§. 13

Em cada hum destes novos montes se observão grandes e profundissimas bocas perpendiculares com a figura // [fl.4v] de hum funil, grutas, e dilatadas fendas, que mostrão terríveis precipícios, por onde exala do interior por espessos golfadas de intencissimo, e insuportavel calor, e cheiro forte, e sofocante de enxofre.

§. 14

Encontra-se por estas cavidades (§. 13) e pella superficie dos taes montes novos quantidade de enxofre, e caparosa, em differentes estados, que com a forsa do calor (§. 13) exala do interior daquelle vulcano, em forma de vapores, de que parte sublimando-se pelas abobedas das grutas, e nas superficies inferiores das pedras que cobrem aquelles montes (aa)²⁴ se vai unindo em forma de finissimas agulhas (bb)²⁵ e outra parte se espalha pela athmosfera, donde provem o insuportavel cheiro sulfureo, e sufocante, que se sente naquelle sitio, e todo o seu contorno. // [fl.5]

§. 15

Estas chrializaçoens de enxofre (§. 14) se deixão vêr ao primeiro golpe de vista em hum estado admiravel unindo-se huâs às outras agulhas pera formarem hua massa maior, principalmente naquellas novas grutas (13) onde se observa, a maneira de statectites, grossos pedassos de purissimo enxofre pendentess pellas abobedas (cc)²⁶ que por ser ali mui forte o calor, se vai desfazendo, e succcevamente regenerando sem utilidade algua por ser perigozissima a sua extracção, emquanto prezistir aquelle fogo.

§. 16

Em as paredes interiores da boca²⁷ do 2º monte novo chamado do Principe (dd)²⁸, que terá 5-6 varas de diametro, tãobem se observa enxofre virgem; porem igualmente inutil pelas mesmas // [fl.5v] causas (§. 15)

19 (s) [fl.4] Estampa 1ª letra i. l. m.

20 (t) Tofus, se chama a toda a comcreção feita pelo fogo.

21 (u) Nº caixa 2 são as amostras deste Tofo.

22 (x) N. M.

23 (z) Este he hum dos novos montes que fica immediato ao Pico e he o maior de todos os 4. //

24 (aa) [fl.4v] Toda a pedra que se levanta da superficie daquelles montes principalmente nos do Maxado, Castro, e Principe, se acha na sua superficie que estava virada pera baixo, agulhas de enxofre como em flor, e cavando ali não se acha vestigio algum delle mais, donde he de presumir que pela sublimação ali se vai formando (vide amostra N. 66). //

25 (bb) [fl.5] N.66 N. I. flor de Enxofre.

26 (cc) N. O. Enxofre puro que se acha pellas grutas do monte da Rainha.

27 As palavras “da boca” foram acrescentadas na margem esquerda do texto.

28 (dd) Fica immediato ao monte da Rainha (Estampa 1ª letra f) e logo junto o chamado de Castro (letra g) e immediato a esta a do Maxado (letra h). //

§. 17

A primeira vista parece que todos estes novos montes não contêm senão tudo enxofre, pela côr que affectão, principalmente o monte da Rainha, cuja superficie he a maior parte de hua terra amarellada, que não he outra coiza mais do que hum selenites calcareo (ee)²⁹ com a mistura de algum enxofre descomposto (§. 13) donde vem que algua porção della pega o fogo mais ou menos como o mesmo enxofre (ff)³⁰, o que tem feito enganar aquelles, que pouco sientes nos conhecimentos mineralogicos se persuadirão que tudo era enxofre passando logo perfuntoriamente a participar ao Estado a sua copioza abundancia, comprometendo igualmente logo projectos de se carregar Navios; e he na verdade desta qualidade de terra que hã abundancia. // [fl. 6]

§. 18

Nesta mesma letra gipsosa (§. 17) se encontra quantidade de pedras (huas leves porozas como pomes, e brancas como caramellos (gg)³¹, e outras tãobem brancas pezadas, em laminas solidas, e spatozas (hh))³² em cujos intersticios se observão chrystaes de enxofre puro.

§. 19

A proporção, que este calor (§. 12) se vai extinguindo, tãobem vai cessando a formação do novo enxofre, donde sem duvida se pode concluir ser esta materia, digo Minna aparente, e não consequente e de duração.

§. 20

Pella superficie do terreno daquelles novos montes, e fendas dos seos bancos de lava, se cria em quantidade hua efflorescencia salina vitriolica, que não he outra coiza senão hua verdadeira caparozza (ii)³³, e em all [fl.6v] guas partes com mistura de pedra lume: em o monte da Rainha ha duas sortes deste mesmo vitriolo; hua sai como em espuma pelas fendas da abobeda de lava (§.)³⁴; e outra debaixo da forma de hua terra amarella areenta, humida, principalmente junto aos bancos de pedras.

§. 21

Este mesmo sal (§. 20) se observa em abundancia, pelas paredes interiores das bocas, dos ultimos dois montes novos, Castro, e Maxado, em massas brancas queimadas ou calcinadas pela forsa do fogo subterraneo (ll)³⁵, porem o calor intensissimo, e fumo que de dentro sai, e a pozição das mesmas bocas não o deixão extrahir senão com grande risco de vida.

§. 22

Entre as lavas que forão inundar o sitio da Relva // [fl.7] (§. 5) se encontrão pequenos possos de sal marinho (mm)³⁶ coalhado em grossas massas d'ãgoa do mâr que necessariamente foi expulsada pela forsa do fogo subterraneo na mesma irrupção, e que me fas persuadir da communicação deste vulcano com o mâr.

29 (ee) [fl.5v] Selenites, especie de sal neutro de baze terrea, composto de terra calcarea, e acido fosforico.

30 (ff) N.73, terra gipsosa, que se acha tanto em o monte novo da Rainha, como no extincto vulcano do monte d'Aipo, que fica da parte de L.S.Este do Pico. //

31 (gg) [fl.6] N. H. acha-se misturada esta pedra com a spatoza do (N. hh) supra.

32 (hh) Este spato parece me o que os Mineralogicos chamão *fuzivel*. //

33 (ii) [fl.6v] N. A. Vitriolo verde, ou Romano ou caparozza, que se acha nas fendas da terra. N.B. Vitriolo verde espomozo que cospe das fendas dos bancos de *Lava C* o mesmo com mistura. //

34 Assim no texto.

35 (ll) [fl.7] N. D. Caparozza queimada com mistura de selenites.

36 (mm) N. G. Sal gema, ou marino.

§. 23

Pellas fendas dos canaes subterraneos, e suas cavidades, formados pelas fendas que correrão em os sitios de Domingos Fernandez, e João Martinz (§.)³⁷ se observa hua efflorescência salina branca em farinha de hum sabor orinozo (nn)³⁸ que não he sem duvida outra coiza senão hum sal ammoniacal que pela lenta sublimação se forma naquelles lugares.

§. 24

Esta sublimação (§. 23) se faz naquellas cavidades // [fl.7v] depois de extincto o fogo, que fazia arder toda aquella materia, donde necessariamente esta substancia salina fazia antes parte do total daquella massa ardente, e sendo volatil de sua natureza, não se evaporava; talvez porque os seos principios constitutentes ainda não estavam unidos.

§. 25

Estes principios constituintes (§. 24), todos sabem, são hum acido marino, e hum alkali volatil: he difficil de persuadir-se, que possam existir naquelles volcanos taes substancias, principalmente o alkali volatil: porem o Chimico experimental, o não pode duvidar: porque primeiramente o acido marino he facil de presumir, que venha do Sal commum da agoa do mâr (§.22); em 2º lugar não sem fundamento se pode conjecturar que a modificação, e degeneração do alkali mineral, base do sal marino, pelo acido fosforico do fogo dê origem ao alkali volatil. // [fl.8]

§. 26

Athe aqui he a descripção fisica desta nova irrupção volcanica, com a relação de seos fenomenos e producçõs, resta-me pera o complemento deste discurso, fazer algumas necessarias reflexõs sobre seos productos, mostrando quaes são os inconvenientes que se oppoem a sua utilidade, e quaes sejam finalmente os meios pera de alguma sorte os remediar, a fim de que eles venhão ter a utilidade que he possivel esperar-se.

§. 27

Não necessito lembrar quanta seja hoje a necessidade do enxofre e caparoza, nas manufacturas da polvora, tecidos, tinctoria etc. por ser coiza que todos sabem, como tambem qual¹ seja a vantage dellas, tendo estes seres no proprio pays; não sendo perciso hir mendiga los dos estrangeiros: daqui se vê quanta será a utilidade de hua igual minna sendo propria; na // [fl.8v] verdade estas minnas que aparecerão não são ricas nem se podem pôr em comparação com as grandes e perennes da Italia, e de outros payzes, porem são nossas, e por isso não podem deixar de serem assim mesmo lucrativas, pois estou certo que sendo bem dirigidas por hua mão perita, pagarão quando menos os seos trabalhos, e cobrirão as mesmas despezas que devem fazer na extracção, e conducçõs de seos productos: tal he o meo pensar.

§. 28

He certo que actualmente não ha porção d'enxofre puro, ou virgem coalhado naquellas minnas, por se ter ja colhido, o que foi possivel de extracção; porem he provavel, pelo que se disse no 17º§ que possa fornecer annualmente quantidade sufficiente, não para fazer carregar hum só navio pequeno, como se dezia, porem avultada, que juntamente com a caparoza dê // [fl.9] algum interesse á sua exportação.

§. 29

Para isso seria summamente indispensavel acudir, e remediar os dannonos que actualmente se praticão por ignorancia naquellas minnas, onde a avareza dos que recolhem não dá Lugar pera que a Natureza

³⁷ Assim no texto.

³⁸ (nn) N. F. Sal ammoniaco. //

forme, e coalhe aquelle enxofre em grossas massas, no que está perennemente sublimando emquanto dura o calor subterraneo: antes pelo contrário revolvendo a todo o instante aquelle terreno pera ajuntarem daqui, e dali alguas colheres dos christaes do novo enxofre, fazem perturbar a ordem da mesma formação, e por consequencia jamais estas minnas serão de utilidade vindo em pouco tempo a extinguir-se, sem que se aproveite nem ainda o pouco que ella nos fornece.

§. 30

Penso, e não sem fundamento, que aquella mesma parte // [fl.9v] do enxofre que se perde pella athmosfera (§14) se poderia aproveitar havendo o cuidado de cobrir com pedras aquellas fendas (§13) de maneira que aquelles vapores sublimando-se se apaguem, e se unão nas suas superficies inferiores, isto he emquanto presiste o calor interior pera aquella sublimação, pois que logo que este se extinguir como vai succedendo, não se poderá produzir novo enxofre.

§ 31

He igualmente forsozo pera se fazer hua carregação, que se aproveite toda a qualidade de enxofre que se acha impuro (§§17,18) naquelles montes, pois he certo que nem todo pode ser puro, e a maior parte necessariamente hade ser misturado com terras, e pedras; e nem todo quanto nos vem trazido pelos estrangeiros he recolhido daquela sorte de sua minna: a maior porção he crû, e impurissimo, e assim o levão as suas fabricas da purificação, donde depois sahe // [fl.10] como o vemos no commercio: aquelle mesmo que se acha misturado com o selenites (§17) ali nos novos montes, como em o extincto vulcano do monte d'Aipo (§4) e o que esta imbutido pellas pedras (§18) pode ser aproveitado, pois quando não se queira tomar o trabalho de o mandar purificar, pode servir bellamente unir-se com o alcatrão em utilidade das embarcacoes.

§ 32

Em hua palavra o que tenho dito do enxofre se deve entender do vitriolo Romano (§§20,21), e igualmente militaria com o sal ammoniaco, se ouvesse igual quantidade; porem não quero dizer que seja isto tudo de concequência, sem que se possa esperar vantagens avultadas, pois devo dizer por ultimo que isto he aparente, e imaginario.

§ 33

Ex aqui por concluzão o calculo provavel da // [fl.10v] quantidade destes dois productos, que se tem recolhido neste anno athe o presente e o que pode vir a emportar as suas despezas por quintal athe ser posto em Lisboa. Pella muita extimativa chegaria a colheita do enxofre pouco mais ou menos de 40 – 50 quintaes de toda a qualidade encluido algua porção do puro que pode ser athe 6 quintaes: da Caparoza poder-ha ter colhido pouco mais ou menos de 5 quintaes: he verdade que esta colheita tem sido diminuta não porque não haja quantidade sufficiente della porem foi pelo pouco cuidado que houve nisso: e sem duvida fica toda em risco de se perder se ouver naquelles montes cheias de xuva nestas agoas.

§ 34

Tem estabelecido por quintal de qualquer destes seres, 1280 reis pelo primeiro custo posto em porto da Freguesia dos Mosteiros daqui deve // [fl.11] necessariamente dispender pera ser posto em a Villa por mar 300, adindo-se a despeza que deve fazer em o acondicionar, e embarcar 400, ajuntando-se 1000 de frete pera Lisboa e ali 500 reis das ultimas despezas vem a fazer o total de importância de 3480, não mencionando o que necessariamente deve ser adido pelas dividas commisoens de 25 por sento: Ex aqui o prudente e racionavel calculo que ao presente se pode fazer sobre estes productos athe chegar a Lisboa taes quaes a Natureza aqui offerece.

Dice





B.) fonte de Praia la-
grã
C. baix. de Rui Pr.^a
D. baix. da Salinas
E. baix. do Morro de M^o
F. sete cabeças



S.



Relação dos produtos naturaes da Ilha do Fogo Remetidos na presente expedição para o Real Gabinete do Principe Nosso Senhor em 11 de Agosto de 1786

§60

Caixao 1°

Lavas figuradas lansadas pelas boucas volcanicas e no sitio de Domingos Fernandes e João Martins

Caixao 2°

Lavas tofaceas vermelhas das boucas do vulcano so sitio de Dom.os Fernandes

Caixao 3°

	Lavas tofaceas pretas do sitio de Dom.os Fernandes
N.A	Lava preta dos bancos das queimadas // [fl.1°v] do sitio de João Martins
N. B	Lava que forma as abobedas dos Canaes supterraneos da mesma queimada supra
N. C	Lava escoriforme expummoza que correo pella Superficie da prezedente e formando figuras divercas
N. D	a mesma que do n° C em figuras
N. E	a mesma que formão os bancos daquele vulcano onde se acha o sal ammoniaco

Caixão 4°

N. F	Lavas que formão as abobedas mais superiores dos Canaes do sitio de Domingos Fernandez
N. G	Lavas que constetuem as 2as abobedas que ficão por baixo da prezedente a qual tem corrido e tomado a configuração ondiada etc.
N. H	Pedra derretida que expulsou o monte // [fl.2] do Principe a qual he solida rija pezada preta e vidrenta a maneira de azevixe acha-se asidentalmente
N. I	Lava de bancos n° F em João Martinz he preta escoriforme expummosa pezada etc.
N. L	A mesma que a prezedente mas não em ondas he preta etc.
N. M	Pedra cavernozza tofacea ocracea que se acha na superficie do monte de Castro.
N. N	Lava do n.° L e he do mesmo lugar

Caixão 5°

N.1	Pedra ocracea rija da figura stelectitica
N.2	Pedra ocracea vermelha
N.3	Pedra ocracea mais vermelha e mais fina que a prezedente
N.4	argilloza ocracea com pontos vermelhos dispersos
N.5	a mesma que a prezedente porem mais fina
N.6	Pedra que chamão queimadas //
[fl.2v] N.7	Pedra ferruginosa dura prezedente cuberta de huma terra branca
N.8	Pedra spatoza com talco
N.9	Pedra como a prezedente com pouca defereça
N.10	Cos rude
N.11	Lava do sitio da Garça
N.12	Pedra conglutinada Volcanica vermelha
N.13	queimada deretida
N.14	outra especie preta aspra
N.15	queimada da boca do Guinxo

N.16	tofós da gruta volcânica antiga do monte Diogo
N.17	Pedra cor de xumbo com cristais de baltés diferentes cores que se acha em bancos grossos em toda a Ilha a que chamão pedra de Laegedo
N.18	Pedra vermelha com basaltes pretas
N.19	Stalactites do mar a que chamão refes
N.20	Spató que em grosos bancos constituem os montes // [fl.3] na Ilha Brava e no Portete
N.21	talco do montinho
N.22	Argilla communis do monte João aFonsso
N.23	Saxum nigrum solido com spató pezadissimo que formão os bancos de lava do Pico
N.24	spató fuzivel (?) lançado pello Pico vide nº H
N.25	lava derretida envolvida em ocre ferruginosa

Caixão 6º

N.1	Peso de Pedrinha na Ilha Brava
N.2	Argilla communis impuras com alguns cristais <i>descols</i> ¹ pretos do Portete na Ilha Brava
N.3	Creta do Espilão a que chamão os naturaes cinza e serve para untar os dedos quando fião algodão
N.4	Argilla vermelha impura do Portete
N.5	Argilla amarela impura com pequenos Lapillos embotados do Portete
N.6	Argilla branca impura com Lapiles Portete // [fl.3v]
N.7	Argilla amarela impura com lapiles Portete
N.8	Talco (mica membrancea) do xam doro na mesma Ilha
N.9	o Chamado Salitre da Ilha Brava nas rochas do porto do Anseão
N.10	Urzellas das mesmas rochas
N.11	Greda que serve aos ferreiros para caldearem o ferro he da mesma Ilha
N.12	Roxa terra grossa
N.13	Argilla bolus vermelha grossa e impura
N.14	Terra cinzenta volcânica

1. Palavra sublinhada no texto

N.15	terra ocracea vermelha
N.16	terra ocracea mais clara
N.17	terra ocracea roxa
N.18	terra ocracea cor de tabaco
N.19	terra ocracea argilloza endurecida a maneira de pedra
N.20	Argilla ocracea impura vermelha // [fl.4]
N.21	Argilla ocracea impura
N.22	Argilla ocracea mais pura
N.23	Argilla <i>bolleos</i> ²
N.24	terra ocracea roxa
N.25	humos cor de tabaco
N.26	terra ocracea argilloza impura, e areenta
N.27	terra ocracea argilloza vermelha
N.28	escora de que se forma hum grande banco em hum dos montes do norte da Ilha
N.29	area ferruginosa ou com friavel formando bancos em outros montes
N.30	terra ocracea roxa ferruginosa
N.31	Area ocracea ferruginoza
N.32	ocra vermelha
N.33	ocra vermelha mais carregada
N.34	terra ocracea amarelada
N.35	terra ocracea vermelhada // [fl.4v]
N.36	escora volcanica
N.37	terra ocracea ferruginosa
N.38	terra ocracea amarela
N.39	terra ocracea cor de gema de ovo
N.40	terra ocracea impura vermelha

N.41	terra ocracea impura amarelada
N.42	Terra cor de cobre a gipsosa leve em lamminas do sitio da Comba
N.43	outra da mesma qualidade cor de cinza
N.44	outra da mesma qualidade do mesmo lugar cor de alvayade
N.45	talco do monte de João Fernandes
N.46	terra ferruginosa vermelha conglutinada
N.47	terra da mesma qualidade porem mais fina
N.48	terra ocracea de hum amarello queimado com misturas de escoras pretas
N.50	Escora ferruginosa conglutinada que // [fl.5] constituem bancos de vários montes
N.51	terra cor de cinza volcanica
N.52	Terra ocracea carmezim
N.53	A mesma que a presedente porem mais clara
N.54	terra cretasia cor de tabaco
N.55	terra vermelha
N.56	Escora volcanica
N.57	Terra ocracea vermelha do Vale de Cavaleira
N.58	Outra amarelada que se acha junto a Villa junto a Ribeira de São Joao
N.59	Cor friavel amarelado com mistura de basaltos da mesma Ribeira
N.60	Creda cor de tabaco da mesma Ribeira
N.61	Escora que se acha entre os bancos de cos superiores ad mesma Ribeira
N.62	Escora volcanica ferruginosa azullada // [fl.5v] do monte chamado Santa Glz.(?)
N.64	Cinza volcanica lansada da boca do Pico que constetue a mayor parte do terreno de leste da Ilha onde se chamão Ribeira balea
N.63	Cinza volcanica com pequenos globollos micanos como aljofres he do Sitio da fonte Curral
N.65	Escora preta do Sitio do monte de nhaha Antonia
N.66	Lava que cobre o terreno dos novos montes Volcanicos que mostra a maneira Com que se forma o enxofre na sublimação
N.67	Pedra espatoza branca que forma hum grosso banco de hum dos montes desta Ilha

N.68	Urzella verde
N.69	urzella de roza
N.70	outra espécie de urzella // [fl.6]
N.71	outra especie de urzella
N.72	urzella ordinaria
N.73	terra solenitica amarelada com alguma porsão de Enxofre que constitue a mayor parte do terreno superficial dos montes novos volcânicos principal

Caixão 7°

	Lavas da boca do Guinxo extincto volcano
--	--

Caixão 8°

N.A	Vitriolo verde das fendas dos Montes novos
N.B	Vitriulo verde, que a maneira de Espuma sai das fendas dos Bancos de lava do Monte da Raynha
N.C	Idem misturado com christaes Enxofre
N.D	Idem que se acha pelas Paredes das Bocas Principe e Castro, he branco calsinado, e farinaceo // [fl.6v]
N.E	Idem com alguma mistura de Pedra úme
N.F	Sal amoniaco de João Martins
N.G	Sal Gema do Pico
N.H	Spato fuzivel (?) com Enxofre
N.J	Flor de Enxofre
N.L	Pedra pomes preta
N.M	Escora de que se compõem os Montes novos
N.N	Escora vidrenta preta pezada dos mesmos Montes
N.O	Enxofre virgem dos Tectos das Grutas, e Lapa do Monte da Raynha
N.P	Caparoza com mistura de Pedra úme

N.Q	Lava conglutinada lançada pelo pico
N.R	Enxofre meneralizado com caparoza
N.S	Fungos da terra
N.1	Pimenta de Guine // [fl.7]
N.2	Caccao de Serra Leoa

Plantas

Monadria

sementes

N.1	Palha do bixo	Boerhaavia	1
N.2	Aypo C. V. urgevão	Rosmarinos	2
N.3	-	Justicia	3

Triandria

N.4	Orelha de Rato	Comelina erecta	“
N.5	-	Comelina	“
N.6	Milho de Maneledo		“
N.7	Pé de galinha		11
N.8	Gogo		5
N.9	Rabo de Gato		10
N.10	Pega caya		12
N.11	Gege		“ // [fl.7v]
N.12	Palha chinxirote	Briza	4
N.13	-		-
N.14	Barba de Bode		8
N.15	Sabão de cativo	Mollugo pentaphilla	
N.16	Palha vassoura		

N.17	Pega meya		
N.18	Tona		
N.19	Palha de branco		7
N.20	Pé de Galo		
N.21	Sururu		
N.22	Balanco		
N.23	Finca preta		
N.24	Zagaya de Sanxo		
N.25	Junça	Cyperus	
N.26	Junsinha	Cyperus	
N.27	Chera peixe		
N.28	Alho brabo		
N.29	-		- //
[fl.8]N.30	-		
N.31	-		
N.32	-		

Tetrand

N.33	-	Oldelandia	17
N.34	-	Idem	
N.35	-	Idem	
N.36	-	Plantago Psyllium	
N.37	Velho tezo ou Luculane	Cephalantus	16

Pelandria

N.38	Panasco	Chenopodium	29
N.39	Cossa cossa		
N.40	Funxo		27

N.41	-	Evolvulos	26
N.42	Borrage	Borrago	
N.43	Calbaceira de Porco	Ipomea	23
N.44	Curriola	Convolvulus	24
N.45	Palha Gorgoleta	Heliotropium	18 //
[fl.8v]N.46	Lingoa de vaca	Equium	
N.47	Sapato de Sanxo estreito	Convolvulus	
N.48	Palha corda	Convolvulus	19
N.49	Olho de vaca	Solanum	
N.50	-	Evonimus	
N.51	Banana de finados	Phicalis	20
N.52	Sapato de Sanxo largo	Convolvulus	
N.53		Idem	
N.54	Lantisco	Periploca	
N.55	-	Stacie	
N.56	-		
N.57	Erva dosse		

Decand

N.58	Munduro	Cassia	34
N.59	Matapasto	Aicassia	31
	Munduro maxo	Cassia	
	Sene de palma	Cassia	32
N.62	Abrolho	Tribulus	// [fl.9]

Dodecandria

N.63	Soldinha	Euphorbia	
	Outra espécie	Idem	

Polyand

N.65	Banana de Sanxo	Corchorus	34
N.66	-	Cistus	35

Didinamia

N.67	Morroyo	Chinopodium	36
N.68	Erva sidreira	Thimus	41
N.69	Palhinha de rol do mar	Antirrhinum	38
N.70	-	Lanium	

Tetradinamium

N.71	Pastel	Alyssum	
N.72	-		

Manadelph

N.73	Lolo preto	Sida	43
N.74	Lolo branco	-	44
N.75	Lolo	Melachia concatenata	42 //
[fl.9v]N.76	Guarda caminho		48
N.77	-	Cida crispa	-
N.78	Bassalo	St.Wartia	47

Diadelph

N.80	Maria chingua verde	Hedifarum	64
N.81	Monco de Perum		-
N.82	Forquilha femea		60
N.83	Carrapato		-
N.84	Cheira mal		-

N.85	Caixinha de codornis		50
N.86	Grãos de rato		57
N.87	Maria chingua	Hedifarum	
N.89	Piorro amarelo		
N.90	Feijão de Gallo		
N.91	Piurrinha		62
N.92	Piorro preto		61
N.93	Palha cortumo		//
[fl.10]N.94	Palha forquilha macho		58

Singenesia

N.95	Seta de cão	Bidens	65
N.96	Seta	Bidens	
N.97	Seta de porco	Bidens Subulata	68
N.98	-	Eupatorium	
N.99	-	Idem	
N.100	Loina	Absintium	
N.101	Perpetua	Gnaphalium	
N.102	Marcella	-	67
N.103	Sarralha	-	
N.104	-	Aieratium	
N.105	Marcella branca	-	
N.106	Marcelinha	-	

Monoecia

N.107	Bredus brancos	Amxantus	
N.108	Bredus	Idem	

N.109	Vergonha de homem	Andrachene	//
-------	-------------------	------------	----

Polygamia

[fl.10v]N.110	Rapucaya	-	
---------------	----------	---	--

Cryptogamia

N.111	Nho Tom	Planta nova	
N.112	Fetal de Parede	Polipodium	
N.113	Zaguinha	-	
N.114	Doradinha	Asplenium	
N.115	Ayvenquinha	-	
N.116	Rabo de Capão	Polipodium	
N.117	Ayvenca	Asplenium capilveneris	
N.118	Fetal	Polipodium	
N.119	-	-	

§7 I

Plantas novas

N.120	Balneda	Julca	77
N.121	Alecrim brabo	Castrea	
N.122	-	Fransinea	78
N.123		Joamea	77 //
[fl.11]N.124		Celsia	79

Suplemento de Sementes

	Batata de Arro	Convolvulus	22
	Lasos de finado	Asparagus	21
	Santa Clara preta	Cardios permum alicacabum	30
	Rosmaninhum	Stachis	37

		Teucrium	39
	Cordão de frade	-	40
		Hibiscus	46
	Malvaisco	Sida Asiatica	45
	Begueje	Hibiscus	49
	Tinta femea	Indigofera	59
	Tinta macho	Indigofera	56
	Calbaginha	-	52
	Talga	-	70
	-	Crepis	69
	-	Codrilla	66 //
[fl.11v]	Espinho	Mimoza	70
	Abelão	-	79
	Malpica	-	71
	-	Seline	72
	-	-	74
	Carrepateira	-	75
	Bonge amargo	-	53
	Sururu	-	3
	Bongolim	Phasselus	54
	Orelha de Rato	-	53

Barrica de Peixe

N. 9

	Garopa	Polombeta	
	Bizugo	Corcovada	
	Armador	Sargos	

	Peixe Rey	Castanheta	
	Cherne	Mouro	
	Tambil	Peixe Espinha //	
[fl.12]	Xarrocho	Budiom	
	Velha	Morea	
	Cassão	Sargo penedo	
	Sargo Beado		

Passaros

	Junco	Alcatras	
--	-------	----------	--

- N. E. Idem com alguma mistura de Pedra úme.
N. F. Salamoniaco de João Miz.
N. G. Sal Gema do Pico.
N. H. Spato suzivel. com Enxofre.
N. I. Flor de Enxofre.
N. L. Pedra pomes preta.
N. M. Escora de q' se compram os Montes novos.
N. N. Escora vidrenta preta pezada dos mesmos
Montes.
N. O. Enxofre virgem dos Tectos das Grutas, e La-
pado Monte da Raynha.
N. P. Caparozza com mistura de Pedra úme.
N. Q. Lava conglutinada lançada pelo pico.
N. R. Enxofre mineralizado com Caparozza.
N. S. Fungos da terra.
N. T. Simenta de Guine.

N. 2 Cauai de Serra Leoa

Plantas

Monandria.

N. 1 Talha de Bixo " Boerhaavia . . . 1 ^{Semente}

Diandria

N. 2 Ayppo " C. V. urgevad " Rosmarinos . . . 2

N. 3 - - - - - " Justicia . . . 3

Triandria.

N. 4 Orelha de Rato . . . " Comelina erecta . . . 1

N. 5 - - - - - " Comelina . . . "

N. 6 Milho de Maneledo " - - - - - "

N. 7 Pe de Galinha - - " - - - - - 11

N. 8 Gogo . . . " - - - - - 5

N. 9 Rabo de Gato . . . " - - - - - 10

N. 10 Pigacaya - - - " - - - - - 12

N. 11 Gege - - - - - " - - - - - 4



Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para D. Martinho de Mello e Castro especificando os envios de produtos que remetia para Lisboa, bem como alguns esclarecimentos sobre o “salitre imaginário” da ilha Brava.

Fogo, 17 de agosto de 1786

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Pella Gallera da Sociedade por invocação N. Senhora da Nazareth, capitão Joaquim Roza, que deste porto fica a sahir pera Lisboa, tenho feito embarcar uma barrica de peixes em agoardente, e duas caixas de folha de Flandes, hua com três taboleiros de borboletas, que tenho recolhido em Agoas passadas na Ilha de S. Thiago; a outra leva algumas amostras das producçoens da nova irrupção volcânica desta Ilha, que eu tenho visitado ultimamente por ordem de V. Excelência juntamente as suas relasoens e hum discurso com o titulo de Memoria sobre a mesma irrupção, com o possível calculo sobre o seu enxofre, e caparrosa na forma que V. Excelência fez me a honra ordenar-me pera Julio Matiazzi.

Por esta corveta da mesma Sociedade que he invocada S. Francisco de Paulla, que também daqui parte romo a V. Excelência mais oito caixoens conforme o recibo incluzo do Capitão della, do quais em sete se contem os demais productos pertencentes ao mesmo vulcano, e alguns da Ilha Brava, que igualmente tenho visitado segundo as mesmas ordens de V. Excelência o oitavo caixão he o da Borruma de Inglaterra que trusse com o demais trem, que por me ser desnecessario remeto ao Real Gabinete, pois não me serve por ser feita sem as precisas circunstancias. //

[fl. lv] As relasoens dos produtos destes 7 caixoens vão encluidas nas dos outros, que por não haver tempo não tive lugar pera as copiar, e acompanhar esta, o que V. Excelência me disculpava atendendo, Illustríssimo Senhor, a grande lida que eu tenho sobre mim sem ajuda de outrem.

Ja pella mesma Gallera fis siente a V. Excelência da quimerica idea que se tem feito sobre o imaginario salitre da Ilha Brava: fui aquella Ilha positivamente pera cumprir com as determinasoens de V. Excelência donde não pude obter mais do que a pequena quantidade que nesta occasião Remeto: eu já fis ver a V. Excelência em a minha 2ª carta filozofica dirigida a V. Excelência com a data de Junho de 1783 que em primeiro lugar o que chamavam salitre naquela Ilha não o era, nem o podia ser pelas rezoens chemicas que aleguei, como tãobem ainda que fosse hum verdadeiro Salitre não era coiza de concequencia pela pouquissima quantidade que se acha como efflorescencia na mais perigoza roxa daquela Ilha: se esta minha verdade Illustríssimo Senhor, não deve ainda ser recebida por V. Excelência eu não sei qual deva ser a prova mais suficiente que devo pôr na sua Prezensa que me abone.

Presentemente fico nesta Ilha a fim de formar nestas agoas, o novo herbario, e outra collecção de sementes // [fl. 2] e borboletas conforme as mesmas ordens de V. Excelência por ser este o tempo proprio para isso, e logo que isto fôr concluido devo passar, se ouver embarcação, a S. Nicolao e Santo Antam pera recolher, e fazer remeter os Lagartos, e peixes que me forem possiveis com o mais que for da minha obrigação.

Deos permita Illustríssimo Senhor que todo este meo trabalho seja do agrado de V. Excelência pois só devo assegurar a V. Excelência que busco por cumprir com o meo dever conforme as minhas forsas.

Sobretudo V. Excelência me ordene o que fôr de seu serviço pera conhecer, no complemento das minhas obrigoens. V. Excelência a minha prompta submissão.

Deus Guarde os preciosos dias de V. Excelência de quem sou

Com todo o maior respeito

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

De V. Excelência

O mais obediente subdito e fiel Criado

João da Silva Feijó

Ilha do Fogo, 17 de Agosto de 1786

Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro remetendo-lhe 2 bodes que pareciam especiais ao Naturalista régio João da Silva Feijó.

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde

44, doc. 10

Santiago, 9 de julho de 1787

Illustrissimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro

Por me parecerem especiaes e ao Naturalista João da Silva Feijó dois Bódes, me resolvo a remette los a Prezença de V. Excelência pelo Bargantim Santo Antonio e Sam Fructuozo, os quaes entreguei ao cuidado do Mestre Jozé Vicente de Britto: dezejo que sejão do Agrado de V. Excelência

Deus Guarde a V. Excelência muitos annos

Ilha de Sam Tiago 9 de Julho de 1787

Antonio Machado de F. e Maia

§77

Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro sobre as atividades, recolhas e despesas feitas pelo Naturalista régio João da Silva Feijó. Remete, igualmente, para Lisboa 5 caixotes e as respetivas relações dos produtos recolhidos na ilha do Fogo.

Santiago, 20 de julho de 1787

20 de Julho de 1787

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro

§78

Pela carta que V. Excelência me dirigio em data de 2 de Fevereiro do presente anno, me determina V. Excelência, que pelos Navios Nazareth, e Sam Francisco de Paulla, mande eu todos os Productos Naturaes, que o Naturalista degredado, que aqui se acha, tiver junto para se remeter para essa Corte, entregando-se tudo ao cuidado dos Capitaens dos mencionados Navios; porem não tendo eu recebido outra Ordem algua, relativa ao dito Naturalista, o deixei continuar na Real expedição, a que foi mandado para estas Ilhas, assim e da mesma forma, que V. Excelência me havia determinado Pessoalmente, e pelas Ordens, que V. Excelência tem expedido sobre este assumpto. O dito Naturalista chegou da Ilha do Fogo a esta em 11 do mez de Abril do presente anno, e me apresentou hua Relação das dispezas feitas em todo o tempo, que se demorou naquela Ilha, e na Brava. Por esta occazião remeto a V. Excelência sinco caixotes, como consta da Relação incluza, que levão os Productos Naturaes, que elle trouxe da Ilha do Fogo, e que adquirio nesta Ilha, na qual o fiz visitar mais de dois terços da sua circumferencia, acompanhando-o eu pessoalmente em parte deste trabalho. Ponho na Prezença de V. Excelência a conta de todas as despesas feitas pelo dito Naturalista em todas as Expediçoens, á que o tenho mandado em consequência das Ordens, que V. Excelência me expedio em 23 de Novembro de 1785, e nas que me parecerão mais suficientes. Dezejo que os Productos// [fl. 1v] Naturaes, que agora remeto, sejam do Real Agrado de Sua Magestade, e que as Contas mereção a Sua Real Aprovação. Tenho cuidado, quanto posso, em evitar as despesas desnecessárias, e em ordenar a Expedição sem escandalizar os habitantes destas Ilhas. Nesta não determinei paga aos Homens, que acompanharão ao dito Naturalista na vizita das Prayas, na incerteza de corresponder, o valor dos Productos achados a despeza, que se fizesse; porem uzei de meios, que me parecem não descontentarão os empregados neste trabalho, que todos são Soldados Auxiliares, a cada hum dos quaes não cabia mais que tres, ou quatro dias. Acabada a estação das agoas, quero fazer recolher hua Collecção de Plantas, que me parece sera bastantemente estimavel pela abundancia, diversidade, e raridade. Também pertendo fazer hua boa Collecção de Peixe, que me parece merecera igual estimação: acabada esta, pertendo manda lo as Ilhas de Sam Nicolau, e Santo Antão por conta de certos Lagartos, sobre que lhe escreveo Julio Matthiazzi. Da Ilha de Santo Antão me fez avizo o seo Capitão Mor Luis da Silva Soares de haver noticia de hua Mina de Carvão de Pedra na Ilha de Sam Vicente, sobre o que lhe mandei fazer exactissimas averiguaçoens, lembrando-me, que este Carvão de Pedra, de que fallão, podera ser resto de algum Navio, que fosse fabricar á dita Ilha, como com efeito vão alguns, e não devo informar a V. Excelência sem // [fl. 2] fundamento; digo pois, que tambem o quero mandar a dita Ilha de Sam Vicente, não so pelo motivo referido; mas para recolher nella alguns Productos Naturaes. Devo dizer a V. Excelência, que o dito Naturalista vai servindo a Sua Magestade da mesma forma, que a V. Excelência expliquei em a monção passada; e que depois dos erros, que elle commetteo nas Ilhas de Santo Antão e Sam Nicoláu feitos com pouca consideração, e por poucos annos, não tem vindo a minha presença queixa algua contra elle, e o considero muito digno que Sua Magestade lhe perdoe, e o deixe continuar a servir, sendo do Seu Real Agrado, da mesma forma, e emquanto elle servir bem. Hé o que posso informar a V. Excelência.

Deus Guarde a V. Excelência muitos annos. Ilha de Sam Tiago 20 de Jullho de 1787

Antonio Machado de F^a e Maia

1. Este documento tem uma cópia sob referência 44, doc. 18.

Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro sobre a qualidade das expedições e recolhas realizadas pelo Naturalista régio João da Silva Feijó.

Santiago, Praia, 2 de maio de 1788

Relação do que deve vir pera o Naturalista régio João da Silva Feijó.

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde

44, doc. 55
(2 documentos diferentes)

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Pela presente occazião so posso remeter a V. Excelência hum Barril de Passaros, porque tendo mandado o Naturalista João da Silva Feijó as Ilhas do Barlavento, e este se demora na de Sam Nicolau por falta de Embarcação, e como não sei se haverá outra pera essa Corte este anno, não me parece acertado augmentar despezas, ficando o sobredito Barril. O Naturalista tem feito hua boa Collecção de Peixes, que devia trazer em sua companhia, quando viesse das Ilhas do Barlavento, e para o conduzir lhe tinha eu destinado este mesmo Bargantim, que he o que mandei com Socorro a Ilha da Boavista, donde partio ultimamente em consequencia da Ordem, que dirigi ao Capitão Mór daquela Ilha, para que fizesse logo logo partir o Bargantim, assim que descarregasse o Milho, que carregou em Sam Nicolau, para evitar mais demoras; e esta he a cauza, porque não vai para o Real Muzeo, tudo quanto o Naturalista tem recolhido naquelas Ilhas. Tambem me pareceo, que seria bom mandar algumas Bottelhas de Agoa de hua Fonte, chamada Do Vinagre, que ha na Ilha Brava a qual bebida na mesma Fonte, he verdadeiramente Vinagre, e sendo bem embotelhada a considero de hum gosto excellente para se beber misturada com vinho. Tenho ouvido alguns Extranjeros gaballa muito, comparando-a ás Agoas de Zelt. Porem meu principal objecto porque a remeto he, para que V. Excelência se sirva de a mandar annalizar se for do seu Agrado, porque talvez se venhão a descubrir nella algumas virtudes. Na Ilha de Santo Antão ha outra de que não mando a amostra por esta occazião por se ter perdido a que mandei vir.

Deus Guarde a V. Excelência muitos annos. Ilha de Sant'Iágo 2 de Maio de 1788

Antonio Machado de Faria e Maia

Relação do que deve vir pera o Naturalista régio João da Silva Feijó.

Caixas de Folhas da Flandres com Tabuleiros

Alfinetes

Alcanfor

Papel de Marca grande pera a Collecção das Plantas

Barris pera Peixes com Alcapão

§79

O Secretário João de Deos Friderico

Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro sobre as recolhas de peixe e sal que tem mandado realizar em vários locais das ilhas de Cabo Verde. O Naturalista régio João da Silva Feijó tem estado nas mencionadas recolhas, nomeadamente em Portete, na Ilha de Santiago.

Santiago, 7 de março de 1787

Calculo sobre o produto da experiência do peixe seco, realizado pelo Naturalista régio João da Silva Feijó.

3 de fevereiro de 1789

Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro¹

Francisco Xavier d' Oliveira, Capitão da Escuna Nossa Senhora da Penha de França, em 19 do mez de Dezembro me entregou a Carta de V. Excelência datada em 13 de Novembro proximo passados, pela qual Sua Magestade me mandou recommendar, que eu fizesse proteger a experiencia sobre a pescaria, que mandava tentar nestas Ilhas Antonio Lourenço Marques. Há muito tempo, que eu dezejava promover este Ramo de industria, parecendo-me daria sufficiente utilidade pela boa colheita, que se póde fazer nestes Mares. Eu mesmo dezejei fazer alguas Tentativas por minha conta, á que obstou o temor de que transtornassem a verdadeira cauza do meu trabalho, e da minha despeza. Depois que recebi Carta de V. Excelência tive a mesma vontade, e o mesmo susto, ainda que bem longe da esperança de peccar contra a minha honra, pois que tenho eu hua pequena Embarcação, sómente a empregaria em mandar pescar para fartar a minha Caza, e para navegar o mais para essa Corte.

Logo que chegou o dito Capitão, lhe facilitei todo o auxilio, e os meios proporcionados para utilizar o seo trabalho; porém elle, empregado em liquidar hua piquena Carregação, se demorou nesta Ilha até o dia 10 de Fevereiro, em que partio para a Ilha Brava, aonde não sei o que terá feito; mas certamente não hé o melhor lugar para a Pescaria, e o melhor tempo hé passado.

Vendo eu, que o tal Capitão não podia acudir a tudo, mandei passar o Naturalista João da Silva Feijó ao Portete daqui distante hua legoa, que hé hum Porto sufficiente para pescar; mas não dos mais abundantes. Ali se demorou o Naturalista poucos dias; porque se offereceo oportunidade de o mandar a Ilha de Sam Nicoláu tentar a mesma obra: em tão poucos dias, como V. Excelência verá no seu jornal N.º1, e apesar de ventos furiozos, de ter pouca gente de trabalho, e hua muito piquena Canôa, sempre preparou 223£ de peixe, que eu acho de excellente // [fl.1v] qualidade, e tem sido approvedo por alguns Americanos. Toda ésta factura tem sido á minha custa; porque eu pretendo a seu tempo tambem requerer a Sua Magestade sobre este artigo. Remetto hua Amostra, que vai em hum Caixote, queira V. Excelência mandallo examinar, e declarar-me se chegou bom.

Tenho perguntado, o que há a este respeito em todas estas Ilhas e os mais experientes me informão, que há bastante, principalmente na do Sal, Terrafal de Sam Nicoláu, e em todo o Norte desta Ilha, e do Maio. O Naturalista protesta haver bastante na de Sam Vicente, e na de Santo Antão. Do Fogo e Brava espero informação particular, o que entreguei ao grande cuidado do Capitão Mór desta ultima. Consequentemente so receio o Clima, que não sei se será sadio relativamente ao peixe pela proximidade do Sol, e pela humidade, que aqui se experimenta: a não obstar estas circumstancias, não póde deixar de produzir bom effeito; porque o Sal hé baratto e muito forte, principalmente o do Maio, que se assemelha muito a Nitro, e há bastante gente se quizer empregar-se, principalmente Santo Antão, que formiga de

1. Nota inserida no canto superior direito do documento: "N.4.º"

Habitantes, grande parte sem officio nem beneficio. Os officiaes do Bargantim, e da Chalupa ingleza, que vierão para salvar os Bens do Navio Hartwell, em o mez de Março do anno passado me fizeram presente de hum pouco de Peixe, apanhado na Ilha do Sal, que achei de excellente gosto, e são; depois me mandou hum pouco o Capitão Francourt, que eu julgo pescado em o mez de Junho ou Julho, igualmente gostozo, e são; não obstante termos então o Sol sobre éstas Ilhas, e a vizinhança das agoas, e dos ventos Sués. A unica couza que neste ultimo achei, foi não ter boa figura como o Bacalháo, e algua humidade. Agora cabe a prepozito contar a V. Excelência o que passei com o Capitão João da Costa, que he hum velho estabelecido no Porto, que tem, ou teve alguas Propriedades de Cazas na nova Villa do Algarve, que se estabeleceo para pescar, o qual me segurou, que V. Excelência o conhecia // [fl.2] muito bem de Londres, e de Lisboa, e parece, que hé hum dos que tem tentado este ramo de industria, e hum dos Pretendentes para Sua Magestade haver de Livrar o peixe secco dos Tributos que pagavam: Elle me déo algum Peixe excellente na vista, e melhor beneficiado que certamente excedia o Bacalháo; porém não o achei tão gostozo como o destas Ilhas. Este Capitão sahindo dessa Corte no principio do anno passado, se encostou á Costa de Léste, para fazer a sua experiencia, que não concluiu por muito máo tempo, e por trazer outra Negociação. Como então eu esperava transportar-me para essa Corte, me entregou elle hua Amostra, para levar á Prezença de V. Excelência e a este respeito me tinha dado alguas instruccoens: a incerteza de minha hida ou demora me fez guardar na minha mão o peixe, perdendo a ocasião do Bergantim, que daqui partio a 14 de Maio; e como João da Costa me disse, que não hindo eu, não mandasse a Amostra, por ser muito diminuta; e porque elle fazia conta de tornar aqui na volta, que fizesse das Ilhas d' America, para onde levou Boys por lhe ser muito commodo tentar a mesma obra de caminho. Véio com effeito no fim do anno passado mas sem algua pescaria; por ter encontrado tempo improprio. Este homem pois hé o que tenho conhecido mais capaz, e mais perito para esta casta de obra, pela sua viveza, actividade, e experiencia, e unicamente acho, que podem obstar os seos muitos anos.

Demais, deste artigo informo a V. Excelência que por estas Ilhas passam muitas Baléas para o Sul. Eu as tenho visto muitas vezes dentro deste Porto á terra dos mesmos Navios: muitas vezes vão sahir pelas praias: o anno passado duas na do Fogo, hum Baleote na do Maio, e outras muitas. Os Navios Estrangeiros, que passam para o Cabo d' Orne, e da Boa Esperança, primeiro se esnsáião nestas vizinhanças; e Eu que não desprezo todas as noticias soube, que o anno passado apanharão até 50 pelas Ilhas de Sal, e Sam Vicente; e o Bergantim de Hallifax, invocado Harriet, do Capital Dannel Helly, que ancorou neste porto a 20 de Fevereiro passado, primeiro se entreteve quatro mezes pelas // [fl.2v] Ilhas de Barlavento, colhendo Baléas; pelo que julgo, que este artigo daria grande Lucro aos Entrepredores, que tinham o grande Porto da Ilha de Sam Vicente, para estabelecer a sua Armação, quando não quizessem derreter mesmo no Mar, ou nas mais Ilhas.

Cazo que Sua Magestade hája de approvar a pescaria destas Ilhas, lembro que nellas se póde fazer Peixe para os Navios de Guerra, que ficará muito mais baratto, sendo transportado ou nos mesmos, ou em outros pertencentes a Sua Magestade; Lembro tambem que de caminho pódem fazer Carnes, que nesta Ilha são de hum gosto excellente, e há bastante numero. Não digo, que se poderá exportar hua infinidade de arrobas, sem diminuírem a especie; porém prudentemente calculando, pódem sahir até 300 Bois, ficando a Liberdade aos Criadores de venderem ao Extranjeiro as Cabeças, que ordinariamente se póde calcular de cem até duzentas, os quães eles pagão segundo a sua grandeza, e a qualidade de Navios de dez, doze, quatorze até dezesseis patacas; quero dizer os Navios da India, e alguns de Guerra pagão quatorze e dezesseis patacas; os mais, e principalmente aquelles, que carregão para as Ilhas do Oeste de dez a doze. Isto não poderá fazer-se todos os annos pela inconstancia deste Clima, que em muitos não favorece com agoas bastantes, cauzando não só falta de sustento para o Homem; mas para o Animal, o que prezentemente estamos experimentando, consequencia do que a V. Ex. expressei na Carta de 20 de Setembro do anno passado; tendo ficado razo sem hua febra de feno, ou palha o espaço de Terreno de mais de doze Leguas desde o Porto da Gouvéa, que demora ao OesSudoeste, correndo para o Sul até o

porto de SantIágo a Leste; entrando bastante pela terra dentro; pelo que tem morrido bastante Gado, e consideravelmente emmagrece o outro que para escapar, deve passar para o lugar dos Milhos, e para o Norte; porém o péior hé que, devendo principiarse as Sementearas em Junho próximo futuro, não tem o Gado de que viva, enquanto não cresce a Herva; e néstas Terras costumado o Povo a não executar a Ley, e a atropellar os bons // [fl.3] costumes, em Lugar de coimarem, mattão sem piedade, e sem raciocinio; ainda que o Animal lhe tenha feito bem pouco danno na sua Horta; porque cada hum quer ser hum Rey, ainda que não coma senão Feijão sem Sal, e não tenha maior casa, que hua cova com paredes de pedra solta coberta de palha, cuja entrada se não pode fazer senão de gatinhas; por ter a Porta somente 5 palmos de alto, e 3 de largo: porque o amor do Proximo não hé preceito entre eles; e porque as Camaras são huas Fantasmas occupadas quaze sempre por certos imbecilles, que apenas sabem rabiscar no papel, e são os mais indigentes, quando não são libertos do Cativoiro ainda hontem; não sendo todavia inerteis para o orgulho, vaidade, e soberba: e assim hé que se enche o espirito da Ley em materia de Pilouros; deixando de fora os Homens Bons, e principalmente os Brancos não valendo as minhas recomendaçoens, nem a minha pretendida tirannia, illudida até pelo Ministro, que tanto me ouviu a este respeito e a seu exemplo pelo Prezidente destes grandes Senadores, a que chamão Juiz Ouvidor, o qual hé também o Provedor da Fazenda por pecados.

Se Sua Magestade pois manda fazer carnes, deve vir hum Navio para este fim, e deve passar ao Terrafal aonde o Gado hé excelente; muito e pode comprar-se mais baratto. Devem vir os Barris, Tanoeiros, e algum Homem experiente de salgar: e não seria máo algum bocado de Nitro. Désta forma julgo que 40 dias, pouco mais ou menos, hé bastante para fazer trezentos Bois, que custarão a 3.000 reis, dando huns por outros outo ou nove arrobas de carne com ossos, e seis de carne limpa, tendo primeiro carregado o Sal necessario em qualquer das Ilhas, que o crião, como preferencia o do Maio. Toda ésta obra se fará sem custar hua dôr de cabeça á gente nella empregada, chegando aqui o Navio nos principios de Dezembro.

Para fazer respeitar, animar, e abreviar ésta Comissão, parece muito necessario vir hua Fragatta de Guerra, ainda que seja passando para America, e na minha opinião, como já disse a V. Excelência, para esta Colonia hé o ponto de Salvação ser vizitada por Navios de Guerra. Hé o que posso dizer a V. Excelência sobre este assumpto, que V. Excelência levará á Real Presença de Sua Magestade . Deus Guarde a V. Excelência muitos annos. Ilha de Santiago 7 de Março de 1789²

Antonio Machado de Faria e Maia

§82

2. Na margem inferior esquerda do documento está escrito: “2^a V.^{as}”.

Calculo

Sobre o producto da experiencia do peixe secco que, por ordem do Illustrissímo Governador destas Ilhas fui fazer no Sitio do Portete desta Ilha de S. Thiagoem o dia 3 de Fevereiro do presente anno de 1782

Producto

26	Badejos, depois de seccos, pezarão	£ 68
85	Bicudas	£ 143
32	Bicas	£ 28
143	Soma	£ 239

Despeza

26	Badejos custarão	£ 720
85	Bicudas	£ 2550
32	Bicas	£ 100
	1 1/2 de alqueire de sal	£ 125
	Soma	£ 3.495

Concluzão

As 239 Libras do mencionado peixe sahirão pello primeiro custo, por 3495 Reis; que vem a ser 560 reis a ou a 16 reis a libra

João da Sylva Feijó
Naturalista de Sua Magestade FF. nestas Ilhas
1789

Relação da fatura do Peixe Seco que, o Naturalista régio, João da Silva Feijó foi fazer ao Portete.

1789

Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro sobre as recolhas de peixe e sal que tem mandado realizar em vários locais das ilhas de Cabo Verde. O Naturalista régio João da Silva Feijó tem estado nas mencionadas recolhas, nomeadamente em Portete, na Ilha de Santiago (1ª via).

Santiago, 7 de março de 1787

N.º 1

Relação da factura do Peixe Secco que por
Ordem De Vossa Senhoria foi fazer ao Portete

J. S. Feijó

N. R. nestas Ilhas

1789 //

Illustríssimo Senhor Governador

Na presente relação ponho na presença de Vossa Senhoria o resultado da experiencia da pescaria, e factura do peixe secco, que por positiva Ordem de Vossa Senhoria fui fazer a baia do Portete desta Ilha (distante desta Villa 1 legoa) em o dia 3 do corrente mez de Fevereiro .

As 7 horas da manhã parti pera aquele Sitio, que demora na costa de Cordeas 8^{1/2} cheguei; primeiro os fortes temporaes, que ha dias faz não deixarão, sahir fora do porto a pequena canoa, que se acha ali pera fazer a pescaria, e por consequencia neste dia não ouve peixe algum.

No seguinte dia 4, pela madrugada, que o tempo deu algum jazigo, sahio a canoa, e pelas 8 horas da manhã se recolheo com 12¹ bicudas, e tornando de tarde, veio com 21 badejos, que tudo foi logo con-
// [fl. lv] certado, e posto no Sal.

No dia seguinte 5, apezar de se achar o mâr ainda tempestuoso, pode a canoa sahir pela madrugada; porem a rapidez das correntes embaraçarão a pescaria, recolhendo-se unicamemte com 6 bicudas, que forão logo concertadas: tornou a sahir de tarde, e veio com 16 pequenos peixes, entre eles, 3 meros que se prepararão, e se pozerão no sal.

No seguinte dia 6 sahio a canoa, e porque as correntes ainda se concervavão no mesmo modo que honte, não pescou mais que 19 bicudas, 3 meros pequenos, 1 Doirado, 6 Bicas, e alguas garopas, de que se prepararão 10 bicudas, os 3 meros, Doirado, e as 6 Bicas.

1. Palavra sublinhada no texto

No dia 7 seguinte achava-se o mâr mais socegado, e o vento menos forte, sahio a canoa pela madrugada, e recolheo-se as 10 horas, com 13 bicudas; e tornando a sahir pela tarde, em pouco tempo, que se demorou, pescou 7 bade- // [fl.2] jos, 1 forcado, 5 pequenos meros, e 22 bicas, e alguas garopas: exceto estas, tudo o mais foi concertado, e posto no sal.

No dia seguinte 8, que foi Domingo, não quizerão os pescadores sahir ao mâr, apesar de ja estar o tempo mais bonançozo; e neste dia fis trafegar o peixe recolhido.

No seguinte dia 9 os orizontes, que athe ali se achavão mais encinzeirados, amanhecerão claros; o vento muito mais brando e o mâr socegado; e finalmente as correntes mais serenas: sahio a canoa ao mâr pela madrugada, e recolheo-se pelas 10 horas com 49 bicudas que forão preparadas; e não tendo hua corda pera dar fundo, onde os Naturaes chamão Cálas (lugares no fundo do mâr junto a costa de altura de 40 – 50 e 100 braças onde continuamente ha covas de peixes grandes) não pôde sahir a pescaria de tarde em cuja marê se esperava avultada pesca. //

[fl.2v] No mesmo dia pella meia noite recebi o Avizo de V. Senhoria pera retirar-me no seguinte dia; o que fis partindo pera esta Villa as 7 horas da manhã com todo o rezultado da pescaria que he o seguinte com o calculo de sua despeza.

Peixe	Nº	Pezo	Custo
Bicudas	85	£ 143	2\$550
Badejos	26	£ 68	\$720
Bicas	32	£ 12	\$100
Soma	143	£ 223	3\$370
Adindo-se a importancia de 1 alqueire e $\frac{1}{4}$ de sal			
Soma			

§85

Vem a sahir por a quase 500 pelo primeiro custo, isto he sendo o peixe comprado aos pescadores, por que sendo a pescaria feita por hum certo ajuste, sahirá muito mais comodo².

2. Palavra rasurada no texto

Francisco Xavier de Oliveira, Capitão da Escuna Nossa Senhora da Penha de França, em 19 do mez de Dezembro me entregou a Carta de V. Excelência datada em 13 de Novembro proximo passado, pela qual Sua Magestade me mandou recommendar, que eu fizesse proteger a experiencia sobre a pescaria, que mandava tentar nêstas Ilhas Antonio Lourenço Marques. Há muito tempo, que eu dezejava promover este ramo de industria, parecendo-me daria sufficiente utilidade pela boa Colheita, que se póde fazer nestes Mares. Eu mesmo dezejei fazer algumas tentativas por minha conta, a que obstou o temor de que transtornassem a verdadeira cauza do meu trabalho, e da minha despeza. Depois que recebi Carta de V. Excelência tive a mesma vontade, e o mesmo susto, ainda que bem longe da esperanza de peccar contra a minha honra, pois que tendo eu hua pequena Embarcação, sómente a empregaria em mandar pescar para faltar a minha Caza, e para navegar o mais para essa Corte.

Logo que chegou o dito Capitão, lhe facilitei todo o auxilio, e os meios proporcionados para utilizar o seu trabalho; porém elle, empregado em liquidar hua piquena carregação, se demorou nesta Ilha até ao dia 10 de Fevereiro, em que partio para a Ilha Brava, aonde não sei o que terá feito; mas certamente não hé o melhor lugar para pescaria, e o melhor tempo hé passado.

Vendo eu, que o tal Capitão não podia acudir a tudo, mandei passar o Naturalista João da Silva Feijó ao Portete daqui distante hua Legoa, que hé hum Porto sufficiente para pescar; mas não dos mais abundantes. Ali se demorou o Naturalista poucos dias; porque se offereceo oportunidade de o mandar a Ilha de Sam Nicoláu tentar a mesma obra: comtudo, em tão poucos dias, como V. Excelência verá no seu jornal N.º1, e apesar de ventos furiosos, de ter pouca gente de trabalho, e hua muito piquena Canôa, sempre preparou 223℥ de peixe, que eu acho de excellente qualidade, e tem sido approved por alguns Americanos. // [fl.1v] Toda ésta factura tem sido á minha custa; porque eu pretendo a seu tempo tambem requerer a Sua Magestade sobre este artigo. Remetto hua Amostra, que vai em hum Caixote, queira V. Excelência mandalloexaminar, e declarar-me se chegou bom.

Tenho perguntado, o que há a este respeito em todas estas Ilhas e os mais experientes me informão, que há bastante, principalmente na do Sal, Terrafal de Sam Nicoláu, e em todo o Norte desta Ilha, e do Maio. O Naturalista protesta haver bastante na de Sam Vicente, e na de Santo Antão. Do Fogo e Brava espero informação particular, o que entreguei ao grande cuidado do Capitão Mór desta ultima. Consequentemente so receio o Clima, que não sei se será sadio relativamente ao peixe pela proximidade do Sol, e pela humidade, que aqui se experimenta a não obstar estas circumstancias, não póde deixar de produzir bom effeito; porque o Sal hé baratto, muito forte, principalmente o do Maio, que se assemelha muito a Nitro, e há bastante gente, se quizer empregar-se, principalmente Santo Antão, que formiga de Habitantes, grande parte sem officio nem beneficio. Os officiaes do Bergantim, e da Chalupa ingleza, que vierão para salvar os bens do Navio Hartwell, em o mez de Março do anno passado me fizeram presente de hum pouco de Peixe, apanhado na Ilha de Sal, que achei de excellente gosto, e são; depois me mandou hum pouco o Capitão Francourt, que eu julgo pescado em o mez de Junho ou Julho, igualmente gostoso, e são; não obstante termos então o Sol sobre éstas Ilhas, e a vizinhança das agoas, e dos ventos Sués. A unica couza que neste ultimo achei, foi não ter boa figura como o Bacalháo, e algua humidade.

Agora cabe a prepozito contar a V. Excelência o que passei com o Capitão João da Costa, que he hum velho estabelecido no Porto, que tem, ou teve algumas Propriedades de cazas na nova // [fl.2] Villa do Algarve, que se estabeleceo para pescar, o qual me segurou, que V. Excelência o conhecia muito bem de Londres, e de Lisboa, e parece, que hé hum dos que tem tentado este ramo de industria, e hum dos Pretendentes para Sua Magestade haver de Livrar o peixe secco dos Tributos que pagavã: Elle me déo algum Peixe excellente na vista, e melhor beneficiado que certamente excedia o Bacalháo; porém não o achei tão gostoso como o destas Ilhas. Este Capitão sahindo dessa Corte no principio do anno passado, se encostou

3. Nota inserida no canto superior direito do documento: "N.4"

á Costa de Léste, para fazer a sua experiencia, que não concluiu por muito máo tempo, e por trazer outra Negociação. Como então eu esperava transportar-me para essa Corte, me entregou elle hua Amostra, para levar á Prezença de V. Excelência e a este respeito me tinha dado algumas instruccoens: a incerteza de minha hida ou demora me fez guardar na minha mão o peixe, perdendo a occasião do Bergantim, que daqui partio a 14 de Maio; e como João da Costa me disse, que não hindo eu, não mandasse a Amostra, por ser muito diminuta; e porque elle fazia conta de tornar aqui na volta, que fizesse das Ilhas da America, para onde levou Boys por lhe ser muito commodo tentar a mesma obra de caminho. Véio com effeito no fim do anno passado mas sem alguma pescaria; por ter encontrado tempo improprio. Este homem pois hé o que tenho conhecido mais capaz, e mais perito para esta casta de obra, pela sua viveza, actividade, e experiencia, e unicamente acho, que podem obstar os seos muitos annos.

Demais, deste artigo informo a V. Excelência que por estas Ilhas passam muitas Baléas para o Sul. Eu as tenho visto muitas vezes dentro deste Porto á terra ... dos mesmos Navios: muitas vezes vão sahir pelas praias: o anno passado duas na do Fogo, hum Baleóte na do Maio, e outros muitos. Os Navios Estrangeiros, que passam para o Cabo de Orne, e da Boa Esperança, primeiro se esnsáião nestas Vizinhanças; e Eu que não desprezo todas as noticias soube, que o anno passado apanharão até 50 pelas Ilhas de Sal, e Sam Vicente; e o Bergantim de Hallifax, invocado Harriet, do Capital Dannel Helly, // [fl.2v] que ancorou neste porto a 20 de Fevereiro passado, primeiro se entreteve quatro mezes pelas Ilhas de Barlavento, colhendo Baléas; pelo que julgo, que este artigo daria grande Lucro aos Enterprendores, que têm o grande Porto da Ilha de Sam Vicente, para estabelecer a sua Armação, quando não quizessem derretter mesmo no Mar, ou nas mais Ilhas.

Cazo que Sua Magestade hája de approvar a pescaria destas Ilhas, lembro que nellas se póde fazer Peixe para os Navios de Guerra, que ficará muito mais baratto, sendo transportado ou nos mesmos, ou em outros pertencentes a Sua Magestade; Lembro tambem que de caminho pódem fazer Carnes, que nesta Ilha são de hum excellente gosto, e há bastante numero. Não digo, que se poderá exportar hua infinidade de arrobas, sem diminuírem a especie; porém prudentemente calculando, pódem sahir até 300 Bois, ficando a Liberdade aos Criadores de venderem ao Extrangeiro as Cabeças, que ordinariamente se póde calcular de 100 até 200, os quaés eles pagão segundo a sua grandeza, e a qualidade de Navios de 10, 12, 14 até 16 patacas; quero dizer os Navios de India, e alguns de Guerra pagão 14 e 16 patacas; os mais, e principalmente aquelles, que carregão para as Ilhas do Oeste de 10 a 12. Isto não poderá fazer-se todos os annos pela inconstancia deste Clima, que em muitos não favorece com agoas bastantes, cauzando não só falta de sustento para o Homem; mas para o Animal, o que prezentemente estamos experimentando, consequencia do que a V. Excelência expressei na Carta de 20 de Septembro do anno passado; tendo ficado razo sem hua febra de feno, ou palha o espaço de Terreno de mais de doze Legoas desde o Porto da Gouvéa, que demora ao OesSudoeste, correndo para o Sul até o porto de SanIlágo a Leste; entrando bastante pela terra dentro; pelo que tem morrido bastante Gado, e consideravelmente emmagrece o outro // [fl.3] que para escapar, deve passar para o lugar dos Milhos, e para o Norte; porém o péior hé que, devendo principiar-se as Sementeiras em Junho próximo futuro, não tem o Gado de que viva, emquanto não cresce a Herva; e nestas Terras costumado o Povo a não executar a Ley, e a atropellar os bons costumes, em Lugar de coimarem, mattão sem piedade, e sem raciocinio; ainda que o Animal lhe tenha feito bem pouco danno na sua Horta; porque cada hum quer ser hum Rey, ainda que não coma senão Feijão sem Sal, e não tenha maior Casa, que hua Cova com paredes de pedra solta coberta de palha, cuja entrada se não pode fazer senão de Gatinhas; por ter a porta somente sinco palmos de alto, e tres de largo: porque o amor do Proximo não hé preceito entre eles; e porque as Camaras são huas fantasmas occupadas quase sempre por certos imbecilles, que apenas sabem rabiscar no papel, e são os mais indigentes, quando não são libertos do Cativoiro ainda hontem; não sendo todavia inerteis para o orgulho, vaidade, e soberba: e assim hé que se enche o espirito da Ley em materia de Pilouros; deixando de fora os Homens Bons, e principalmente os Brancos não valendo as minhas recommendaçoes, nem a minha pretendida tirannia, illudida até pelo Ministro, que tanto me ouviu a este respeito e a seu exemplo pelo Presidente destes grandes Senadores, a que chamão Juiz Ouvidor, o qual hé

também o Provedor da Fazenda por pecados.

Se Sua Magestade pois manda fazer carnes, deve vir hum Navio para este fim, e deve passar ao Terrafal aonde o Gado hé excelente; muito e pode comprar-se mais barratto. Devem vir de Barris, Tanoeiros, e algum Homem experiente de salgar: e não seria máo algum bocado de Nitro. Désta forma julgo que 40 dias, pouco mais ou mesmos, hé bastante para fazer 300 Bois, que custarão a 3.000 reis, dando huns por outros nove ou dez arrobas de carne com ossos, e seis de carne limpa, tendo primeiro carregado o Sal necessario em qualquer das Ilhas, que o crião, como preferencia o do Maio. Toda ésta obra se fará sem custar hua dôr de cabeça á gente nella empregada, chegando aqui o Navio nos principios de Dezembro.

Para fazer respeitar, animar, e abreviar ésta Comissão, parece muito necessario vir hua Fragatta de Guerra, ainda que seja passando para // [fl. 3v] America, e na minha opinião, como já disse a V. Excelência, para esta Colonia hé o ponto de Salvação ser vizitada por Navios de Guerra. Hé o que posso dizer a V. Excelência sobre este assumpto, que V. Excelência levará á Real Prezença de Sua Magestade .

Deus Guarde a V. Excelência muitos annos. Ilha de Santiágo 7 de Março de 1789⁴

Antonio Machado de Faria e Maia

§88

4. Na margem inferior esquerda do documento está escrito: “1ª V.”.

Relação dos volumes que se remetem para o Real Gabinete de História Natural pelo Naturalista régio João da Silva Feijó.

12 de março de 1789

Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro sobre as remessas de produtos naturais recolhidas pelo Naturalista régio João da Silva Feijó e que estão prontas para serem enviadas para Lisboa. Relata igualmente a ida do mesmo Naturalista a Santo Antão à Fábrica do Anil.

Santiago, 10 de março de 1789

Informação do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro desculpando-se por não remeter a informação do Naturalista régio João da Silva Feijó sobre o anil, por falta de tempo para passar o texto a limpo

Santiago, 21 de março de 1789

Conhecimento do mestre da Escuna Nossa Senhora da Madre de Deus e São José acusando a recepção de certas remessas de produtos naturais que lhe haviam sido entregues pelo governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia.

Santiago, 20 de março de 1789

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde

45, doc. 15

(4 documentos diferentes)

Relação dos volumes que se remetem para o R. Gabinete da H. Natural No presente anno de 1789

N.1º - 1 Barril grande com 40 peixes de 15 diferentes especies conservados em agoardente

N. 2º - 1 Caixa com 5 taboleiros, cheios de Insectos

Por João da Sylva Feijó

Naturalista de S. Magestade nestas Ilhas de Cabo Verde //

A falta de Chuvas em o Anno passado não so fez que perecessem grande parte dos Vegetaes, nesta Ilha; mas tambem os Insectos, que deles se sustentão, pelo que não vai remessa de Insectos desta Ilha, e somente hum caixote com ...¹ Taboleiros da Ilha de Santo Antão. Vai também hum Barril com os Peixes, que constão da relação junta, que hé tudo, quanto se recolheo o Anno passado depois dos Productos, que se remetterão em o mez de Maio do mesmo anno, e V. Excelência mandou receber do Capitão que os levou; não tendo havido descuido ou ommissão. Tendo eu mandado o Naturalista á Ilha de Santo Antão foi a prepozito visitar a Fabrica de Anil, que aly há, do qual me vierão algumas Amostras, quando era entretido por conta da Sociedade, que nunca se esmerou em a fazer florecer; ao mesmo tempo, que me parece ser aquella Ilha proprissima para a cultura desta Planta, assim como me parece, que o hé esta. Examinou o Naturalista a dita Fabrica, e conhecendo os muitos erros, com que se manufacturava deo as instrucçoens necessarias ao Feitor da Fazenda Real, e aos Homens, que trabalhavão nella conseguindo depois tirar algum, em que se conhecia bem a diferença do trabalho. Vai a Prezença de V. Excelência por esta occazião tudo quanto se extrahio, para que V. Excelência sirva de mandallo ver, e sendo possível, de me mandar alguas instrucçoens sobre este assumpto. A incluza hé a informação, que dá o Naturalista, e juntamente vai o Sangue de Drago, que se recolheo o anno passado na mesma Ilha de Santo Antão.

Todas as remessas, que tenho dirigido a V. Excelência durante quatro Annos, talvez não terão gasto 300 mil reis alem dos Ordenados do Naturalista; porem, vendo eu, que os Productos, que se podem recolher talvez sejam sempre os mesmos, sem maior novidade e raridade, me tem lembrado advertillo a V. Excelência, e que talvez em Guiné se possa fazer hua Colheita mais rica proporcionando-se os meios, e sem se perder de vista a // [fl. 1v] historia destas Ilhas, que todos os dias lembro com particular recomendação a João da Silva Feijó.

Não me tem esquecido remetter alguas Plantas; porem não obstante vizitar a miudo alguns Caixoens, que fiz preparar para este fim, poucos tem escapado, os quaes por outra occazião farei embarcar; então hei-de remetter a V. Excelência a Conta Corrente, e agora novamente repito com a Lista, que acompanhou a remessa do Anno passado dentro da minha Carta de 2 de Maio, do que hé necessario para se enterterem, e conservarem os Productos, que se forem achando. Deus Guarde a V. Excelência muitos annos. Ilha de Sant'Iago 10 de Março de 1789

Antonio Machado de Faria e Maia

1^a via

1. Assim no texto original.

Caixas de Folhas da Flandres com Taboleiros

Alfinetes -----

Alcanfor -----

Papel de Marca grande pera a colecção das Plantas

Barris com alçapão pera Peixes

O Secretário João de Deos Friderico

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Sirva-se V. Excelência de desculpar o não remetter a informação do Naturalista sobre o Anil por não caber no tempo de polla em limpo. Deus Guarde a V. Excelência muitos annos. Ilha de Sant'Iago
21 de Março de 1789

Antonio Machado de Faria e Maia

§ 9 I

Recebi do Illustríssimo Senhor Governador das Ilhas de Cabo Verde a bordo da Escuna N. Senhora Madre de Deus e S. Joze de que sou Mestre , para a Rainha N. Senhora huma Barrica de Peixe de conserva, hum Caixote de Borboletas dois ditos de Anil, hum de Sangue de Drago, e hum de Peixe seco, e hum sacco de Cartão, pera a Secretaria de Estado. Ilha de Sant'Iago de Cabo Verde 20 de Março 1789

Agostinho Joze da Silva

M^{me} Ex^{ma} Sr. Martinho de Mello e Castro.



Indura tem V. Ex.^a a Conta Corrente de todas as despesas, entrando o seu Ordenado, que por minha Ordem se tem feito com a Expedição do Naturalista João da Silva Feijó, desde o mez de Agosto de 1785. até o ultimo de Dezembro proximo passado.

R^o 319 \$ 575, como se vê na Folha n.^o 1.^a, he a somma total dos gastos, que se tem feito com os Productos Naturaes, dos quaes se fizeram ao Real Muséo as diferentes remessas, constantes na Relação junta n.^o 2.^a, cujos gastos foram pagos em dinheiro corrente por minha Ordem na Thesouraria desta, Ilhas, à excepção de R^o 104 \$ 820, que se devem a extinta Sociedade do Commercio, incluídos na primeira somma, como se vê na dita Folha, em cuja somma abatidos os deus por V. Ex.^a, conforme as Condições do Contracto, recebendo se em genero, dá o liquido de R^o 94 \$ 338.

Vencido o dito Naturalista João da Silva Feijó em sette annos, que tiveram principio desde Janeiro de 1783, até o ultimo de Dezembro de 1789, a somma de R^o 2.800 \$ 000, de seus Ordenados de R^o 400 \$ 000 por anno, determinado assim por Carta de V. Ex.^a com data de 3 de Janeiro de 1783, escripta ao meu Antecessor o R^o Bispo D. Fr. Francisco de Lam Simão. Desta somma tenho eu mandado pagar em dinheiro corrente pela Thesouraria desta Ilhas a quantia de R^o 530 \$ 806, os quaes juntamente com R^o 789 \$ 849, que se devem a extinta Sociedade, e R^o 479 \$ 345 de hua Letra, que selhe pagou no anno de 1785, como tudo se declara na Folha n.^o 3.^a assignada pelo Secretario deste Governo João de D. Frederico, faz a somma de R^o 1.800 \$ 000, restando para o vencimento, que tem o dito Naturalista dos seus Ordenados em sette annos a somma de R^o 1.000 \$ 000.

Sirva-se V. Ex.^a de abonar esta Conta, mandando ao Thesoureiro Geral do Erario Sebastião Francisco Bethamio, que satisfaga as Letras, que tenho sacado sobre o Real Erario: a saber da importancia de R^o 1.000 \$ 000, resto dos Ordenados vencidos pelo referido Naturalista, como a prima se declara, e se mostra nas sobreditas Folhas a favor de Jeronimo Gonçalves de Moura, e R^o 884 \$ 187, a favor dos Directores da dita extinta Sociedade; sendo esta ultima somma os já mencionados R^o 789 \$ 849, recebidos pelo Naturalista por conta dos seus Ordenados dos Administradores da Casa da dita Sociedade nesta Ilhas, e R^o 94 \$ 338.

Carta do governador das ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia para D. Martinho de Mello e Castro apresentando a conta corrente das despesas realizadas com a expedição do Naturalista régio João da Silva Feijó.

Santiago, 14 de janeiro de 1790

Lista das despesas realizadas pela Fazenda Real das ilhas de Cabo Verde com o Naturalista régio João da Silva Feijó entre Agosto de 1785 e Dezembro de 1789.

Santiago, 30 de dezembro de 1789

Relação das remessas das amostras das diferentes produções naturais das ilhas de Cabo Verde recolhidas pelo Naturalista régio João da Silva Feijó entre 1786 e 1789.

Santiago, 30 de dezembro de 1789

Illustrissíssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Incluzo tem V. Excelência a Conta Corrente de todas as Despezas, entrando o seu Ordenado, que por minha Ordem se tem feito com a Expedição do Naturalista João da Silva Feijó, desde o mez de Agosto de 1785, até o ultimo de Dezembro proximo passado.

Rs.319\$575: como se vê na Folha nº1, hé a somma total dos gastos, que se tem feito com os Productos Naturaes, dos quaes se fizerão ao Real Muzeo as defferentes remessas, constantes na Relação junta nº2, cujos gastos forão pagos em dinheiro corrente por minha ordem na Thezouraria destas Ilhas, á excepção de Rs.104\$820; que se devem á extincta Sociedade do Commercio, incluidos na primeira somma, como se vê na dita Folha, em cuja somma abatidos os dez por Cento, conforme as Condiçoens do Contracto, recebendo-se em generos, dá o Liquido de Rs 94\$338.

Vencéo o dito Naturalista João da Silva Feijó em sette anos, que tiveram principio desde Janeiro de 1783, até o ultimo de Dezembro de 1789, a somma de Rs. 2:800\$000 de seos Ordenados de Rs. 400\$000 por anno, determinado assim por Carta de V. Excelência com data de 3 de Janeiro de 1783, escripta ao meu Antecessor o Reverendo Bispo D. Fr. Francisco de Sam Simão. Désta somma tenho eu mandado pagar em dinheiro corrente pela Thezouraria destas Ilhas a quantia de Rs. 530\$806 os quaes juntamente com Rs. 789\$849, que se devem á extincta Sociedade, e Rs. 479\$345 de hua Letra, que se lhe pagou no anno de 1785, como tudo se declara na Folha nº3 assignada pello Secretario deste Governo João de Deos Friderico, para a somma de R. 1:800\$000: restando para vencimento, que tem o dito Naturalista dos seos Ordenados em sette anos, a somma de Rs. 1:000\$000.

Sirva-se V. Excelência de abonar esta Conta, mandando ao Thezoureiro Geral do Erario Sebastião Francisco Bettamio, que satisfaça as Letras, que tenho sacado sobre o Real Erario: a saber de importancia de Rs. 1:000\$000: resto dos Ordenados vencidos pelo referido Naturalista como assim se declara, e se mostra nas sobreditas Folhas a favor de Jeronimo Gonçaves de Souza; e Rs.884\$187: a favor dos Directores da dita extincta Sociedade; sendo esta ultima somma os já mencionados Rs.789\$849: recebidos pelo Naturalista por conta dos seos Ordenados dos Administradores da Caza da dita Sociedade nésta Ilha, e Rs.94\$338 // [fl.1v] que elle recebeo em generos necessarios para a Expedição.

Parece-me, que se não pode ter feito com mais economia, e exactidão, tendo eu pessoalmente zelado quanto hé possível, procurando os meios mais proporcionados para diminuir as despesas desta Expedição; o que V. Excelência levará á Real Prezença de Sua Magestade, ficando-me os dezejos de merecer a Seu Real Agrado.

Por força de justiça devo pôr na Prezença de V. Excelência que o Naturalista João da Silva Feijó me tem por vezes requerido em consequencia da sobredita Ordem de 3 de Janeiro de 1783, que lhe mande eu pagar as suas Comedorias, e Cazas, que são independentes dos seos Ordenados; a que eu não tenho deferido por não ter tido ainda resposta sobre a Carta, que dirigi a V. Excelência em consequência de Sua Carta de 23 de Novembro de 1785, devendo persuadir-me que V. Excelência terá compaixão delle, se com effeito pelas remessas no tempo do meu governo merece alguma attenção.

Deus Guarde a V. Excelência muitos annos. Ilha de Sant'Iago 14 de Janeiro de 1790

Antonio Machado de Faria e Maia //

Ilha de S. Tiago

30 de Dezembro de 1789

Despendeo a Fazenda Real das Ilhas de Cabo Verde com o Naturalista João da Silva Feijó no Serviço da Real Expedição das mesmas Ilhas por Ordem do Governador Antonio Machado de Faria e Maia, desde o mez de Agosto de 1785 athe Dezembro do presente de 1789

§94

1785/86	Pella Administraçam da Sociedade destas Ilhas		
	108 Frascos d'agoardente pera conserva de Peixes, e passaros recebidos nesta, e mais Ilhas	51\$600	
	1000 Pregos de galeota pera caixões	2\$000	
	8 Varas de linhagem pera saquinhos pera amostras das Produções Mineralogicas	2\$000	
	26 Taboas pera caixões	10\$000	
	1 Papel d'agulhas de fardo	1\$000	
	4 Cadiados pera as caixas de lata	1\$800	
	6 Miadas de fio de vella	\$300	
	12 Caixas d'alfinetes pera Insectos	3\$600	
	2 Barris pera os Peixes etc.	4\$000	
	1½ Peça de Perical pera os ditos	7\$500	
	1 Faca flamenga	\$120	
	Frete de hua lancha, que conduzio o Trem da Expediçam da Ilha Brava pera a do Fogo	6\$000	

	Dito a outra, que foi aos Ilheos Dezertos apanhar passaros	2\$000	
	Pagamento que se fes, a quem desembarcou o Trem, e o conduzio na Ilha do Fogo	2\$500	
	D.º que se fez a 18 homens que servirão na Ilha Brava	10\$500	104\$820
1787	Pella Fazenda Real em S. Tiago		
11 Maio	24 Frascos d'argoardente pera concerva	7\$200	
8 Junho	24 Ditos da dita dita	7\$200	
24 Julho	24 Peças de chumbo pera caça dos passaros	\$320	
	2 Panos de bretanha pera envolver os ditos etc.	4\$800	
	500 Pregos de galiota pera caixoes	1\$000	
	3 Papeis de agulhas grossas de coser pera Insectos	\$750	
18 Agosto	24 Frascos d'argoardente pera concerva	7\$200	
4 Setembro	24 Alugeis de bestas na Expediçam desta Ilha	17\$860	
12 Novembro	48 Frascos d'argoardente pera renovar a concerva	14\$400	
1 Dezembro	2 Barricas pera os Peixes etc.	6\$000	66\$730
	Segue		171\$55 //
[fl. 1v] 1788	Na mesma Ilha e Adjacentes		
8 Janeiro	1 Peça de Perical pera envolver os peixes etc.	3\$600	
	20 Peças de chumbo pera caça	1\$600	
	100 Pregos de galiota pera caixões	2\$000	
30 Abril	12 Frascos d'argoardente pera concerva	3\$600	
2 Junho	13 Ditos da dita dita	3\$900	
	6 Taboas de casqueira pera caixoes	4\$500	
6 Abril	Despendeo a Feitoria da Ilha de S.º Antam no frete de hua lancha que por duas vezes foi mandada ás Dezertas apanhar passaros e Lagartos.	10\$850	

30 Dezembro	Despendeo a Feitoria da Ilha de S. Nicolau em Agoardente pera concerva dos peixes, passaros etc.; 12 taboas pera caixoes, 4 barris; custo dos Peixes; despeza com hum lambote que foi mandado ás Dezertas; jornaes de carpinteiros; frete a hua lancha que foi levar huns barriz a bordo do Bargantim S. João Baptista; como mais particularmente se declara na Rellaçam das Remessas feitas pera o Real Muzeo, e apresentada ao Governador destas Ilhas pelo mesmo Naturalista	61\$225	91\$275
1789	Item Nesta e mais Ilhas adjacentes etc.		
16 Fevereiro	22 Frascos d'argoardente pera concerva dos peixes etc.	6\$000	
2 Abril	30 ditos da dita Portuguesa dita dita	12\$000	
2 Março	14 Galoes d'argoardente Americana dita dita	7\$000	
	3 Varas de Linhagem pera lacrar os caixões de Insectos	\$750	
5 Agosto	6 Frascos d'argoardente recebida na Feitoria da Ilha de S. Nicolau pera conserva de passaros etc.	3\$000	
27 Dezembro	10 Ditos da Dita pera o mesmo recebida nesta Ilha	4\$000	
30 Dezembro	15 Ditos da Dita pera renovar a concerva dos passaros;	6\$000	
	Pagamento que se fez pelo frete ao Capitam do Bargantim S. João Baptista Joze Falcão, do transporte da ultima digreção do dito Naturalista pelas Ilhas	18\$000	56\$750
	Soma		319\$575
	Recebi a sobredita quantia de trezentos e dezanove mil, quinhentos e setenta e cinco reis, nas parcelas mencionadas. Ilha de S. Tiago era supra João da Sylva Feijó //		
[fl.2] Nº2	Ilha de S. Tiago 30 de Dezembro de 1789 Rellaçam das Remessas das amostras das diferentes producções naturaes das Ilhas de Cabo Verde, recolhidas pelo Naturalista João da S. Feijó desde o anno de 1786 athe o de 1789, dirigidas as Real Muzeo da Ajuda pello Governador das mesmas Ilhas Antonio Machado de Faria e Maia, na qual se declarão as respectivas despezas a cada Remessa.		

1786	1a Remessa feita da Ilha do Fogo em o mez de Agosto pella Gallera a Farinheira		
Nº1	1 Barril com peixes, passaros e outros animaes em agoardente		
Nº2	1 Caixa de folha com Hervolario da mesma Ilha, e diffentes amostras das producções volcanicas da ultima errupçam de 1785		
	Despendeo		
	1 Barril d'arcos de ferro	3\$000	
	82 Frascos d'agoardente pera a concerva dos peixes etc.	40\$500	
	19 Ditos da dita que se quebrarão	7\$600	
	1½ Peça de Perical pera envolver os peixes, etc.	7\$500	
	Frete a hua lancha, que foi aos Ilheos da Brava apanhar os passaros	2\$000	
	1 Cadiado pera a caixa da folha	\$450	61\$050

1786	2a Remessa feita da mesma Ilha em o mesmo mez pella Curveta S. Francisco de Paula		
Nº3	7 Caixoes com as amostras das producções naturaes da Ilha Brava, e volcanicas do Pico da do Fogo da ultima errupção de 1785		
	Despendeo		
	26 Taboas de casqueira pera os caixoes	10\$400	
	35 Pregos de galiota pera os ditos	\$700	
	8 Varas de Linhage pera saquinhos que servirão pera guardar os saes enxofre etc.	2\$000	
	Fio de vella pera coser os ditos	\$100	
	Jornal do carpinteiro	2\$200	
	Frete a hua lancha que transportou o trem da Expediçam da Ilha Brava pera a do Fogo	6\$400	//
[fl.2v]	Soma e segue		61\$050
	Vem da Lauda retro	15\$400	
	Jornal a quem na Ilha do Fogo desembarcou o trem e o conduzio	2\$500	

	Dinheiro que se pagou na Ilha Brava a quem trabalhou na Expedicam daquela Ilha, que forão 18 homens	10\$000	33\$900
1787	3a Remessa Feita na Ilha de S. Tiago		
	N.º 4 – 1 Barril com peixes etc.		
	N.º 5 – 1 Caixa com Insectos		
	N.º 6 – 1 Dito com alguns taboleiros com os ditos e varias Gorgoneas etc.		
	N.º 7 – 1 Dito grande com Hervolario da Ilha de S. Tiago, sementes etc.; 4 frascos em outro pes.º vollume com varios Musgos marinhos, e animaes em agoardente		
	Despenseo		
	1 Barril	1\$000	
	31 Frascos dagoardente pera concervar os peixes etc.	10\$700	
	4 Vaias de bertanha pera os envolver	1\$600	
	4 Peças de chumbo pera a caça dos pássaros	\$320	
	4 Frascos pera varios musgos etc.	\$960	
	4 Cartas de alfinetes pera os Insectos	1\$200	
	1 Papel de agulhas de cozer pera pregar alguns dos ditos	\$250	
	3 Cadiados pera as 3 caixas de folha	1\$350	
	A hum Tanoeiro pera concertar o barril sobredito	\$360	
	Alugueis de bestas, que servirão no exercicio da Expedicam desta Ilha de S. Tiago	17\$860	35\$600

1788	4a Remessa Feita pelo Bargantim S. João Baptista, de S. Tiago em o mez de Junho		
	N.º 8 – 1 Barril com flamengos, e carboeiros em agoardente		
	N.º 9 e 10 – 2 Ditos com peixes, Lagartos das Dezertas, etc. em agoardente		
	Despenseo		
	1 Barril com Flamengos etc.	3\$000	

	87 Frascos dagoardente pera conserva dos ditos	26\$875	
	8 Frascos de chumbo pera a caça dos ditos	\$640	
	Conduções deste Barril em Boa Vista	\$700	31\$215 //
[fl.3]	Soma e segue		130\$550
	Vem da folha retro	31\$215	
	2 Barris que forão com os peixes e Lagartos	2\$800	
	115 Frascos dagoardente pera a concerva dos ditos	39\$405	
	8 Varas de Bertanha, que se despenderão em involver alguns Flamengos, e Peixes	3\$200	
	Custo do Peixe ¹	4\$4001	
	Despeza que se fez com hum lambote que foi mandado ás Dezertas apanhar lagartos e que se perdeo	10\$335	
	Dita de frete de hua lancha da Ilha de S. Antam, que foi ás mesmas Dezertas pera o mesmo	10\$850	
	Dita do dito de frete a outro que foi levar os barris a bordo do Bargantim	\$600	71\$630
	Soma		102\$845
1789	5a Remessa Feita por hua Escuna da Ilha da Boa Vista		
	N.º 11 – 1 Barril com peixes em agoardente		
	N.º 12 – 1 Caixa com tableiros com Insectos N.º 13 – 1 Dita dita dita		
	Despeneo		
	1 Barril	3\$000	
	76 Frascos dagoardente pera os peixes	25\$200	
	Custo do peixe	3\$800	
	Perical pera envolver alguns dos ditos	1\$000	
	12 Taboas p. as caixas com tableiros	6\$300	
	200 Pregos pera os ditos	\$400	

§99

1. Este montante encontra-se rasurado no texto

§ 100

	Jornal do carpinteiro	1\$845	
	5 Cartas dalfinetes pera os ditos Insectos	1\$500	
	8 Varas de Linhagem pera lacrar as caixas	\$750	43\$795
	6a Remessa Prompta pera sêr remetida		
	N.º 14 – 1 Barril com passaros etc. em agoardente		
	N.º 15 – 1 Caixa com taboleiros com Insectos N.16 – 1 Dita ditos ditos		
	Despendeo		
	1 Barril	1\$500	
	42 Frascos dagoardente	15\$400	
	3 Cartas dalfinetes e agulhas que se trocarão por alfinetes	1\$150	
	6 Taboas peras as caixas	1\$800	
	200 Pregos peras as ditas	\$400	
	Jornal do carpinteiros	\$900	
	4 Peças de chumbo pera a caça dos passaros	\$320	21\$470
[fl.3v]	Soma e Segue		298\$660 //
	Pagamento que se fez ao Capitam Joze Falcão pelo frete das ultimas passagens do dito Naturalista pera as Ilhas adjacentes	18\$000	
	Soma		316\$660
	Recebeo como consta da folha das Despezas por elle assignada a quantia de trezentos, e dezanove mil, quinhentos, e setenta e cinco reis		319\$575
	Deve	2\$915	

[fl.4]Nº 3	Ilha de S. Tiago 30 de Dezembro de 1789
	Despeza que fez a Real Fazenda destas Ilhas de Cabo Verde, por Ordens dos Governadores das mesmas, com o Naturalista João da Silva Feijó, a conta de seos Ordenados de quatrocentos mil reis, que vence annualmente segundo as Reaes Ordens

1783 athe 1785

Administraçam da Sociedade	Recebeo da mesma Administraçam da Sociedade por ordem do Governo Interino, de cuja quantidade se passou Letra pera o Real Erario de Lisboa pelo Governador Antonio Machado de Faria e Maia	479\$345
----------------------------	--	----------

1785 athe 1787

Administraçam da Sociedade	Recebeo da mesma Administraçam, por comedorias, e outras despezas, segundo as Ordens do Governador Antonio Machado de Faria e Maia, desde o mez de Agosto de 1785, athe Março de 1787	789\$849
----------------------------	---	----------

1787 athe 1789

Fazenda Real	Recebeo do Tizoureiro da Fazenda Real nesta Ilha, e dos Feitores das Adjacentes, pora comedorias, desde o mez de Abril de 1787, athe Dezembro de 1789 que são 33 mezes por ordem do mesmo Governador	330\$000
	Dito mais do dito Tizoureiro, e Feitores, pera alugueis de cazas, e outras despezas	200\$806
	Soma	1.800\$000
	Tem vencido o dito Naturalista, desde o mez de Janeiro de 1783 athe o fim de Dezembro de 1789, sete anos	2.800\$000
	Deve	1.000\$00

§ IOI


João de Deos Friderico

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó a D. Martinho de Mello e Castro solicitando-lhe que lhe permita regressar ao Reino, depois de 7 anos de trabalho intenso nas ilhas de Cabo Verde.

Santiago, 24 de janeiro de 1790

1790

M. e C. M.



Mais a situação, em que me contemplo depois de sete
 annos de trabalhos e desgostos em um pays tam terrivel
 como le este p.^o onde foi V. Ex.^{ta} servido mandarme, me
 obriga novamente a ser importuno na Presença de V. Ex.^{ta} re-
 quando-me se digna por commiseracão Lembre-se de mim
 de luma pobre mother e de luma inoç.^{ta} e infeliz filha de q.^{ta}
 foy a maior parte de seus infortunios: Tanto Ex.^{ta} me
 buscado todos os meios de cumprir com os meus deveres, ou
 medem sido possível apores de não ter a fortuna de me-
 recer a sua beneplacito, contudo os excessivos despejos no
 a certo de meus deveres, junto com o q.^{ta} se explicasseis incomo-
 edigabores que tanto soffido p.^o tanto tempo servio
 V. Ex.^{ta} sufficientes motivos p.^o merecer a compaixão de
 V. Ex.^{ta} e estas razões junto com o exemplo da fidelid.^e
 que V. Ex.^{ta} tem gesto aos outros meus compan.^{es} que se
 levas despachados nomaymo tempo, me foyr esperar q.^{ta}
 V. Ex.^{ta} dignar-se-la valer-me concedendo-me algum
 emprego ou nella Cidade ou na Patria p.^o civil, ou
 em pessa mother ad de fortuna, pois que a terra onde
 em que se acha um filha que tanto esta ja a reger
 de mim a cuidado de sua educacão, e como a p.^o de
 by, ca-lhe se V. Ex.^{ta} Ex.^{ta} não se compadece
 dem.^{ta} Situação! Quize ser omdoer-se de toy, inje-
 luy que proytado na Pres.^{ta} de V. Ex.^{ta} aucto.^{ta} em
 gloria o seu Patrocínio, e que sempre se na espe-
 ranca de serem favorecido p.^o la Bond.^e de V. Ex.^{ta}
 segundo a promessa, que por vezes se dignou V. Ex.^{ta} fazer
 me quando fui expedido p.^o estas Ilhas.

Não preturo certam.^{te} noque
 imploro, o utilidade de as obigacões de q.^{ta} V. Ex.^{ta} se dignou me
 carregar-me, e com que importam.^{te} me lerra, ante q.^{ta}
 na esperanza de que V. Ex.^{ta} informando-se do q.^{ta} Govern.
 der desta Ilha, p.^o a Mão de de Serra e Mello sobre

A triste situação em que me contemplo depois de sete anos de trabalhos, e desgostos em hum pays tam terrível como he este pera onde foi V. Excelência servido mandar-me, me obriga novamente a ser importuno na Presença de V. Excelência rogando-lhe se digne por comizeração Lembrar-se de mim de hua pobre molher, e de hum inocente, e infelix filho de quem fosse a maior parte de seos infortunios. Tenho Excelentíssimo Senhor buscado todos os meios de cumprir com os meos deveres, o quanto me tem sido possível apesar de não ter a fortuna de merecer o seu beneplacito, contudo os excessivos desejos no acerto de meos deveres, junto com os explicaveis incomodos e dissabores que tenho soffrido por tanto tempo serão Senhor, suficientes motivos pera merecer a compaixão de V. Excelência e estas rezoas juntas com o exemplo da felicidade que V. Excelência tem feito aos outros meos companheiros que sahirão despachados no mesmo tempo, me fazem esperar que V. Excelência dignar-se-ha valler-me, concedendo-me algum emprego ou nessa cidade ou na minha Patria, pelo qual Senhor eu possa melhorar de fortuna, pois que a tenra idade em que se acha hum filho que tenho esta ja a exigir de mim o cuidado de sua educação; e como a poderei buscar-lhe se V. Excelência Excelentíssimo Senhor, não se compadecer de minha situação! Queira Senhor condoer-se de três infelizes que prostrados na Prezença de V. Excelência ansiosamente implorão o seu Patrocinio, e que sempre viverão na esperança de serem favorecidos pela Bondade de V. Excelência segundo a promessa, que por vezes se dignou V. Excelência fazer-me quando fui expedido pera estas Ilhas.

Não procuro certamente no que imploro, o subtrahir-me as obrigações, de que V. Excelência se dignou a encarregar-me, e com que infinitamente me honra, antes fico na esperança de que V. Excelência informando-se do Exmo Governador destas Ilhas Antonio Machado de Faria e Maia sobre // [fl.1v] meu zelo e não haver por estas Ilhas mais coiza alguma digna de attenção, dando-me por concluidas as suas observações, fazer que eu seja removido pera outra qualquer parte onde possa dar provas do quanto dezejo agradar a V. Excelência.

Ao mesmo Excelentíssimo Governador eu tive a satisfação de dar as minhas contas, segundo elle informara a V. Excelência e ella mesmo me passou hua Letra pera o Real Erario sobre hum conto de reis que se me deve de meos ordenados, cuja soma vivo na esperança de que V. Excelência se servira fazer-me a Mercê de mandar que seja satisfeita.

Ao mesmo Excelentíssimo Governador requeri mandar-se pagar-me a quantia de seis contos e treze mil reis, que tanto se me tem tirado de meos ordenados pera comedorias, e alugueis de minha residencia, desde o anno de 1785 athe o prezente, os quais segundo o espirito da Ordem de V. Excelência dirigida em 3 de Janeiro de 1783 ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo D. Frei Francisco de S. Simão, devia eu receber da Fazenda Real como V. Excelência mesmo mo significou pera Julio Mattiazi, porem o dito Excelentíssimo Governador respondeo me por hum despacho que requiere-se e recorre-se immediatamente a Sua Magestade, pelo que ponho na Prezença de V. Excelência pera que achando ser justo mandar que se me paguem.

Deus Guarde a V. Excelência. S. Tiago 24 de Janeiro de 1790

Sou com o maior respeito
Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

*De V. Excelência
O mais atento e fiel Criado
João da Sylva Feijó
1790*

Carta do governador Francisco José Teixeira Carneiro a D. Martinho de Mello e Castro sobre a pessoa e o trabalho do Naturalista régio João da Silva Feijó, que lhe fora apresentada pelo seu antecessor, António Machado de Faria e Maia.

Santiago, 20 de fevereiro de 1790

Relação dos volumes que se remetam a partir das ilhas de Cabo Verde para o Real Gabinete de História Natural

Santiago, 15 de janeiro de 1790

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Dou parte a Vossa Excelência que logo depois que tomei posse deste Governo se me deu a noticia de haver falecido João de Melo, Sargento Mór Commandante da Ilha do Fogo oito dias depois da sua posse, para que Vossa Excelência queira dignar-se pôr na Real presença de Sua Magestade a fim de dar as providencias que for servida, e entretanto farei dar aquellas que as circunstancias o poderem pera o bom sucego daquelles Insolanos.

Entre as encinuacoens que por ordem de S. Magestade e de Vossa Excelência aqui me deu o meu Antecesor foi tãobem o apresentar-me o Naturalista João da S. Feijó, e as ordens que sobre elle foi Vossa Excelência servido derejir a este Governo; Seguro a Vossa Excelência que tomarei a meu particular cuidado, o faze-lo trabalhar o quanto for possível pera agradar mor a Vossa Excelência; e penso que não ser-me-há muito custozo pella boa endole que lhe observe, e pelas boas informacoens que sobre a sua prezente conduta me deu o dito meu Antecesor, // [fl.1v] Elle me entrega dois caixoens de insectos, e hum pequeno Barril com passaros como consta da Relação incluza o que remeto a Vossa Excelência pello prezente Bregatim conforme o conhecimento junto. Taobem participo a Vossa Excelência que tendose nas ultimas conferencias que houveram em Junta da Real Fazenda assentado pelas representacoens do Escrivao della o dever-se cuidar no aumento e perfeição de hua Fabrica Real de Anil, que ha em a Ilha de S. Antão, e ser o ditto Naturalista o unico capaz que ha para isto pellos conhecimentos que tem desta materia, e já ter hido á dez anos aquella Ilha a fazer suas esperiencias sobre o mesmo objecto por ordem de meu Antecesor cujas amostras elle remetteo a Vossa Excelência em o anno proximo passado, tenho determinado que o ditto passe aquella Ilha com este fim de cujos resultados participarey a Vossa Excelência como devo. E por esso deverá taobem ao mesmo tempo fazer as amostras do peche, e carnes secas que se pedem pello Real Erario, e elle ter para // [fl.2] isso segundo me dizem intelligencia, quizera que Vossa Excelência fosse servido lembrar-se de fazer enviar para esta Ilha sincoenta athe sessenta homens que tivessem alguns officios, pois he ... sentir-se e nao haver hum so pedreiro, e hum so carpinteiro com notavel prejuizo do publico, he o que posso prezentemente partecepar a Vossa Excelência quem Deus Guarde muitos anos.

Ilha de S. Thiago de Cabo Verde 20 de Fevereiro 1790

Francisco Joze Teixeira Carneiro

Ilha de S. Thiago 15 de Janeiro de 1790

Relação dos volumes que se remetem para o Real Gabinete da História Natural, os quais contem animais recolhidos pello Naturalista João da Silva Feijó.

2 Caixoes com taboleiros de diversos Insectos da Ilha de Santo Antam, e da de S. Thiago

1 Barril com passaros em agoardente

Carta do governador Francisco José Teixeira Carneiro a D. Martinho de Mello e Castro explicando que os volumes das remessas recolhidas pelo Naturalista régio João da Silva Feijó não seguiam para Lisboa por falta de espaço a bordo.

Santiago, 25 de abril de 1790

A.H.U., C.U., cx de Cabo Verde

46, doc. 11

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Querendo fazer embarcar na presente Chalupa os volumes da Expediçam que me entregou o Naturalista com tenho participado a V. Excelência não me foi possível por me dizer o Mestre della que não tinha Lugar a Bordo para os receber o que participo a V. Excelência assegurando lhe que os farei a remeter na primeira ocasião que se ofereça.

Deus Guarde a V. Excelência. Ilha de Sant'Iago de Cabo Verde 25 de Abril de 1790

Francisco Joze Teixeira Carneiro

§ 105

Carta do governador Francisco José Teixeira Carneiro a D. Martinho de Mello e Castro informando-o das entregas que lhe haviam sido feitas pelo Naturalista régio João da Silva Feijó e que seguiam para Lisboa na Chalupa do Contrato da Urzela.

Santiago, 3 de setembro de 1793

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

O Naturalista João da Silva Feijó me entregou para remetter a V. Excelência hum caixão de Arvores marinhas, hum Casal de huma exquisita especie de cabras annãas, e huma Gazella com outras producçoens naturaes, que vão no mesmo caixão, como melhor consta pela rellação inclusa feita pelo mesmo Natutalista, que tudo tenho entregado a Narcizo Martins Mestre da Chalupa da Urzella para fazer entregar a quem V. Excelência determinar. Este pobre Naturalista, que ja se acha aqui a dez pera onze annos se tem comportado em todo o tempo do meu Governo, digno de que V. Excelência o attenda, ou felicite. V. Excelência pelos estímulos de humanidade, de que he dotado, queira lembrar se da sua infeliz situação attendendo as suas rogativas.

Deus guarde a Pessoa de V. Excelência por muitos annos. Ilha de S. Thiago de Cabo Verde 3 de Setembro de 1793

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro

Francisco Joze Teixeira Carneiro

§106

Rellação das Producoens Naturaes que
remete para o Real Muzeo do Princepe
Nosso Senhor pela Secretaria dos Negocios
Ultramarinos João da Sylva Feijó Naturalista
encarregado do exame e Historia Natural das
Ilhas de Cabo Verde

Hum Caixote com o seguinte:

	1° Arvore Madrepora vermelha
	2° Diversas conxas
	3° Tres espécies de Gorgoneas
	Hum casal de cabras anans nascidas na Ilha de Boa Vista
Não vai por falta de comodidade a bordo	Hua Gazella da Costa do Senegal

§ 107

Ilha de S. Tiago 20 de Setembro de 1793
João da Sylva Feijó

Carta de Francisco da Silva e de João de Andrade a D. Martinho de Mello e Castro sobre o deficiente desempenho e o comportamento desadequado do Naturalista régio João da Silva Feijó nas ilhas de Cabo Verde, bem como da sua apropriação do officio de Juiz dos Orfãos.

Santiago, 5 de dezembro de 1795

Requerimento do Naturalista régio João da Silva Feijó solicitando o adiamento do seu regresso para Lisboa, de forma a conseguir recolher os bens que tinha nas ilhas de Cabo Verde.

Cópia de uma carta de D. Martinho de Mello e Castro para o Governador de Cabo Verde, António Machado Faria e Maia, em resposta à carta enviada por este, datada de 29 de agosto de 1785. D. Martinho de Mello e Castro informa o governador da sua insatisfação relativamente às remessas enviadas por João da Silva Feijó.

Queluz, 23 de novembro de 1785

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

§ 108

Pello Mestre do Hiate, invocado Senhor Jezus de Boa Morte, nos foi entregue hua Carta de V. Excelência de trinta de Junho proximo passado, pela qual Sua Magestade foi servida conceder ao Naturalista João da Silva Feijó Licença para se retirar para a Companhia de sua Mulher, o que logo intimamos ao dito, e mandamos pôr-lhe Ponto no seo Ordenado no dia desta intimação.

Ora Excelentíssimo Senhor, permitta-nos V. Excelência de pôr na Sua Presença o que ha a respeito do dito Naturalista. A Ordem ou Licença para elle se retirar, o livrou de alguma que poderia experimentar; porque justamente ao tempo que a recebemos nos vimos consternados com Requerimentos contra elle, em que huns se queixavam de oppressoens, que lhes fazia no emprego de Juiz dos Orfaons em que illegitimamente se tinha introduzido, officio este incompativel ao seo destino a que veio a estas Ilhas, e outros de aleivozias e intrigas, que vergonhozamente fomentava ja contra este, ja contra aquelle. Elle veio a estas Ilhas no anno de mil setecentos outenta e dois, sendo Governador em Chefe o Bispo D. Fr. Francisco de Sam Simão, para debaixo das suas Ordens cumprir com os seos deveres, que com effeito cumprio ate ao falecimento deste Prelado, que // [fl.1v] se seguio logo a dez de Agosto de mil setecentos outenta e três; depois disto não fez mais do que V. Excelência verá pela Carta, que vai por Copia, do Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro, até que no anno de outenta e sinco veio o Governador, que o reprimio, e obrigou a trabalhar, porem logo que este foi rendido no anno de mil setecentos e noventa, se soube introduzir com seo Sucessor, a quem pela sua summa bondade e frouxidão enganava de forma que desde então para ca nunca mais cuidou em outra couza que não fossem os seos interesses proprios, para promover os quaes praticou mil absurdos, que ommittimos, como tambem as particularidades da sua conducta, e character pessoal, para não fazer mais extença esta Conta que unicamente damos por persuadi-mo-nos ser da nossa indispensavel obrigação faze-lo. As nenhuas remessas por elle feitas desde o anno de noventa athe agora são as mais efficazes Testemunhas, que accuzão o mão uzo que tem feito do seo tempo.

Elle nos fez o Requerimento incluzo e por nos parecer justo lhe concedemos ficar ate a primeira occazião que se offerecer depois desta. Hé o que se nos oferece expor a V. Excelência // [fl.2] a respeito

do Naturalista. Deos Guarde a V. Excelência muitos annos. Ilha de Sant'Iago aos 5 de Dezembro de 1795

Francisco da Silva Pereira

João Freyre d' Andrade

Ilustríssimos Senhores Governadores

Representa a Vossas Senhorias João da Sylva Feijó Naturalista de Sua Magestade nestas Ilhas que sendo por Vossas Senhorias intimado para se apromptar afim de se transportar pera a cidade de Lisboa em vista de hum Avizo da Secretaria d'Estado, e como do presente não deixará o Representante de soffrer grave prejuízo pelo piqueno prazo que tem pera se preparar, em rezão de ter seus bens de que dispor, e apurar, como a VossaS Senhorias he competente nestes termos implora o Requerente a Vossas Senhorias que por equidade se dignem diffirir a sua viagem pera a outra primeira monção pera entretanto poder sem maior prejuízo dispor de seos bens, no que receberá o Representante de Vossas Senhorias hua muito grande e especial Mercê.

João da Sylva Feijó

Recebi a Carta de Vossa Mercê com data de vinte e nove de Agosto do presente anno que trata do Naturalista João da Silva Feijó, e da Remessa, que elle mandou para o Real Muzeum. A dita Remessa, que tinha pelo numero dos volumes, de que se compunha, promettia grandes couzas, se achou não conter nada do que se esperava; consistindo a maior parte em pedras as mais ordinarias, e em outras producçoens da Natureza que não tem singularidade alguas, porque merecão ser guardadas; bastando hua similhante Remessa, para dar a conhecer o máo uzo, que o dito Naturalista ahi tem feito do seo tempo: mas alem desta certeza aqui se sabe, que elle, com o pretexto da diligencia de que foi encarregado, se tem inculcado aos pobres, habitantes dessas Ilhas com hum homem de autoridade e importancia, e os tem vexado, e opprimido por diversos modos = Isto que aqui se sabe o podera Vossa Mercê ahi descobrir muito facilmente se se informasse do que elle fez, antes de lhe mandar entregar a consideravel somma de dinheiro, que elle pedio como gasto na expedição, a qual se lhe não devia pagar sem primeiro se examinar em que se tinha feito esta grande despeza, e qual era o fructo que della se tinha tirado. Para remediar para o futuro esta desordem deve Vossa Mercê mandar entregar ao dito Naturalista unicamente dez mil reis cada mez, para as suas Commedorias, que devem sahir do seo Ordenado, o resto do qual se deve reservar para o mais, que lhe for preciso, e hir-se-lhe dando á proporção do que elle necessitar; regulando-se porem estas despezas de forma que lhe possa sobejar algua couza para socorrer hua pobre Mulher, com quem elle hé cazado, como fui informado depois da sua partida, e que aqui ficou com hum Filho sem meios alguns de subsistir = Para que Vossa Mercê possa melhor conhecer o Character do dito Naturalista hé preciso saber, que partindo elle daqui com o Bispo, que foi dessa Diocese, o fez este Prelado hir examinar duas dessas Ilhas, das quaes remetteo varias producçoens em duas remessas, que aqui se acharão excellentes, assim pella raridade dellas, como pello arranjamento, e Ordem com que as empacquetou: isto succedeo porém emquanto o dito Bispo viveo, e que o respeito, e temor // [fl.lv] fez com que o referido Naturalista cumprisse com as suas obrigaçoens, e fizesse uzo dos conhecimentos e capacidade, que tem para bem servir. Logo que aquelle Prelado faltou, passou o tal Naturalista para a Ilha de Sam Nicolau, onde, debaixo do pretexto de molestias não cuidou mais em couza algua, que era da sua obrigação, e se precipitou nos escandalozos absurdos, latrocinios, e iniquidades que o Ouvidor dessas Ilhas ahi foi descobrir, e de que ja aqui havia sufficientes noçoens pelas quaes já o dito Naturalista se teria mandado vir prezo para as Cadéas do Limoeiro, e se proceder contra elle com a severidade, que merece, se por hum excesso de Commizeração se não differisse ainda o justíssimo castigo, que o espera,

na unica idéia de que com a chegada de Vossa Mercê a esse Governo poderá elle ter alguma emenda: E nesta intelligencia deve Vossa Mercê ter entendido, primeiramente que lhe não deve confiar dinheiro algum, e que os seus Ordenados os deve distribuir na forma assim indicada: Que o deve mandar logo examinar outra vez a Ilha do Fogo onde houve ultimamente a erupção de hum Vulcano, o qual deve ser explorado, e examinado pello dito Naturalista com particular attenção ao artigo do Enxofre, de que aqui se remetteo hua Amostra pellos Administradores da Sociedade do Cabo Verde, que se achou de excellente qualidade, e deve-se examinar os meios e modos de extrahir aquelle genero, de sorte que faça conta: Deve o mesmo Naturalista passar da Ilha do Fogo ás outras Ilhas, e examinallas novamente, e todas as suas producções, com particular attenção ao Senne, Goma arábica, Anil, Algodão e outros Generos, que essas Ilhas produzem, e de que se pode tirar consideravel utilidade: Deve examinar nas mesmas Ilhas as Plantas de que não tem remettido couza alguma, as conchas, e Arbustos do Mar em que tem tido a maior negligencia, os Peixes de que tem mandado de differentes qualidades, e todos raros, e estimaveis, com a indisculpavel ignorância de os remetter mettidos em Sal, para chegarem todos podres, e incapazes, quando devião ser mettidos em Barriz ou Vazilhas de Agoardente, da qual ha bastante nessa Ilha, e na forma que Julio Mathiazzi, Director do Jardim Botanico lhe explica na Carta, que remeto incluza, a qual V. Mercê lerá antes de lha entregar, para que se observe tudo o que // [fl.2] nella se aponta. Para os referidos trabalhos não deve o dito Naturalista hir só, nem confiar-se couza alguma de sua particular disposição; mas deve hir sempre acompanhado de pessoa zelosa e activa que o faça trabalhar e assistir-lhe com o que for necessario para as Remessas do que se for recolhendo; e quando o dito Naturalista não cumprir com as suas obrigações, ou fizer a menor repugnancia, servindo-se de cavilozos pretextos de que hé bem socorrido, para não cumprir com ellas, deve logo ser prezo, e remettido ás Cadéas do Limoeiro desta Corte, como deixo assim indicado. A pessoa que me parece mais propria, e mais efficaz para acompanhar o dito Naturalista, e o fazer executar tudo o que deixo assim referido, hé o Coronel José Maria Cardozo, ao qual Vossa Mercê incumbirá de minha parte da sobredita diligencia, e lhe louvará muito a Remessa, que ultimamente fez para o Real Muzeum, que toda foi excellente, e muito bem ordenada. = Vossa Mercê me dirá o que se pode tirar dos Ordenados do sobredito Naturalista, para aqui se dar a sua Mulher e Filho, e sobre o mais que deixo assim indicado Vossa Mercê me informará com toda a individuação e clareza, tendo entendido, que não há couza mais perniciososa para o Real Serviço, que a conservação do dito Naturalista com o reprovado e criminozo comportamento com que se tem conduzido depois do fallecimento do Bispo que foi dessa Diocese, e que sem hua total emenda, que se deve conhecer pelos effeitos, que aqui apparecerem, não deve haver com elle, nem pode esperar algum género de commiserção, e isto mesmo lhe deve V. Mercê declarar bem claro, e distintamente para que conheca, que o seu bem, e a sua Ruina depende inteiramente delle. = Deos Guarde a Vossa mercê. Palacio de Queluz em vinte e tres de Novembro de mil setecentos outenta e sinco.

Martinho de Mello e Castro = Senhor Antonio Machado de Faria e Maia

Conforme o original

O Secretario do Governo de Cabo Verde

João de Deos Friderico¹

1. Na margem superior esquerda está a seguinte anotação: “Copia”

Relação de Documentação a publicar no Vol. 2

Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal: Reservados, Códice 12847

Rellação das ilhas de Cabo Verde Disposto pelo methodo epistolar dirigidas ao Ill.mo e Ex.mo Senhor Martinho de Melo e Castro Pelo Naturalista Régio das mesmas ilhas João da Sylva Feijó, 1783 (53 fls.)

Documentação do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

Cartas

- 1.** CN/F-1 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 24 de abril de 1783
- 2.** CN/F-2 Carta do Naturalista régio João da silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santo Antão em 9 de maio de 1785
- 3.** CN/F-3 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha Brava em 24 de maio de 1783
- 4.** CN/F- 4 Publica forma de uma carta de João da Silva Feijó aos Administradores Gerais da sociedade Exclusiva de Cabo Verde, da ilha do Fogo em 16 de setembro de 1783
- 5.** CN/F-5 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha do Fogo em 16 de fevereiro de 1784
- 6.** CN/F-6 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 29 de fevereiro de 1784
- 7.** CN/F-7 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 28 de março de 1784
- 8.** CN/F-8 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de São Nicolau em 19 de abril de 1784
- 9.** CN/F-9 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de São Nicolau em 30 de maio de 1784
- 10.** CN/F-10 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santo Antão de 10 de Maio de 1785
- 11.** CN/F-11 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 21 de agosto 1785
- 12.** CN/F-12 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 22 de agosto 1785 (muito mau estado)

§ III

13. CN/F-13 Cópia da carta de Júlio Mattiazi para o Naturalista régio João da Silva Feijó em 25 de novembro de 1785
14. CN/F-14 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha do Fogo de 1 de Agosto de 1786
15. CN/F-15 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha do Fogo de 15 de Agosto de 1786
16. CN/F-16 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de São Nicolau em 21 de março (?) de 1788
17. CN/F-17 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 12 de março de 1789
18. CN/F-18 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 25 de abril de 1790
19. CN/F-19 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 6 de julho 1794
20. CN/F-20 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 26 de janeiro de 1796
21. CN/F-21 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Domingos Vandelli, de Lisboa em 23 de Setembro de 1796
22. CN/F-22 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, sem local e sem data.

Remessas

1. N°558 a – Lista da primeira Remessa da Real Expedição à ilha de São Nicolau feita em 1784
2. N°558 b – Lista da segunda Remessa da Real Expedição à ilha de São Nicolau feita em 1784
3. N°558 c – Lista das produções da ilha de Santa Luzia e ilhéus Branco e Raso remetida para o Real Gabinete em 1784
4. N°558 d – Lista das Remessas da Real Expedição à ilha de Santo Antão remetida para o Real Gabinete em 16 de Junho de 1785
5. N°558 e – Lista das Remessas da Real Expedição à ilha de São Vicente remetida para o Real Gabinete em 12 de Julho de 1785
6. N°558 f – Lista das Remessas da Real Expedição à ilha do Fogo remetida para o Real Gabinete em 28 de janeiro de 1784
7. N° 559 - Lista das Remessas da Real Expedição à ilha de São Nicolau remetida para o Real Gabinete em 1784
8. N°560 – Calculo Geral sobre as despesas da extração do enxofre do vulcão da ilha do Fogo até ao embarque para Lisboa, 20 de agosto de 1786
9. N°561 - Relação da Remessas de produtos naturais feita ao Real Museu em 26 de julho de 1787
10. N° 562 – Explicação sobre o modo de fazer a tinta azul com que se costuma tingir os panos em Cabo Verde

Anexo 1

Ligações pessoais de João da Silva Feijó no âmbito da Expedição Naturalista a Cabo Verde (1783-1796)

Martinho de Mello e Castro (1716-1795)

Diplomata e político português que desempenhou cargos de relevo nos reinados de D. José e D. Maria I. Exerceu as funções de secretário de Estado da Marinha e do Ultramar entre 1770 e 1795.

Domingos Vandelli (Pádua, 8 de Julho de 1735, Lisboa, 27 de Junho de 1816)

Estudou medicina na Universidade de Pádua e em 1764 foi contratado para ensinar ciências químico-naturais em Lisboa no Colégio dos Nobres, mas dado que este ensino nunca chegou a ser implementado regressou a Pádua. Em 1768 foi-lhe atribuída a incumbência de criar o Jardim Botânico da Ajuda e em setembro de 1772 foi nomeado lente de História Natural e Química da Universidade de Coimbra onde fundou o Jardim Botânico.

Dirigiu as expedições filosóficas portuguesas de finais do século XVIII levadas a cabo por vários alunos seus da Universidade de Coimbra e foi o diretor do Laboratório Químico do Museu Machado Castro de Coimbra.

§ I I 3

Júlio Mattiazzi

Auxiliar de Domingos Vandelli na organização e receção das remessas das expedições filosóficas portuguesas de finais do século XVIII, foi o primeiro jardineiro do Horto Botânico de Pádua e diretor do Jardim Botânico da Ajuda

Bispo D. Frei Francisco de São Simão (Abril a Agosto de 1783)

Foi o Bispo D. Frei Francisco São Simão que recebeu João da Silva Feijó em São Nicolau, e o levou em sua companhia até Santiago, dando-lhe as primeiras instruções não só quanto às suas expedições científicas como também relativamente à forma de se relacionar com a elite local. Quando o Naturalista chegou à ilha de Santiago em abril de 1783, a Câmara dava posse ao bispo D. Frei Francisco de São Simão, enquanto governador. Todavia, o governo do Bispo durou pouco mais de 3 meses pois este veio a falecer a 10 de agosto de 1783.

Coronel João Freire de Andrade (1783- abril de 1785)

Entre a morte do Bispo e a chegada do novo governador em 1785, o governo das ilhas esteve entregue ao coronel João Freire de Andrade, que tal como na vacância anterior, dado que era o coronel de patente mais antiga, tomou nas suas mãos a direção do governo interino.

A sua relação com o Naturalista João da Silva Feijó foi muito conflituosa chegando este a afirmar “ Não sei que mal tenho feito a este Senhor que aqui governa que não faz mais do que me ultrajar e diz que se há de vingar de mim” (AHU, CU, Cabo Verde, Cx. 42, doc,13)

António Machado de Faria e Maia (abril de 1785-janeiro de 1790)

Chegou a Santiago a 1 de abril de 1785 e não podendo contar com o apoio do ouvidor-geral com quem estava em permanente conflito e tendo de enfrentar os constantes entraves colocados à sua ação governativa pelo coronel João Freire de Andrade e seus correligionários, o governador António Machado de Faria e Maia viu-se obrigado a exercer o poder com grande autoridade e firmeza. Teve, no entanto, uma relação de grande cordialidade com João da Silva Feijó, facilitando-lhe sempre o trabalho, elogiando-o e interessando-se ele próprio pelas recolhas naturalistas.

Francisco José Teixeira Carneiro (janeiro de 1790- março de 1795)

Tendo tomado posse em 21 de janeiro de 1790, Francisco José Teixeira Carneiro deixou-se manobrar pelo coronel Freire de Andrade que aproveitando-se da sua fraqueza, revitalizou o seu partido e procurou colocar os seus correligionários em postos civis e militares de chefia. No entanto, à semelhança do seu antecessor teve também uma relação extremamente cordial com João da Silva Feijó, chegando a interceder várias vezes a seu favor junto das autoridades do Reino, no sentido de lhe permitir o regresso a Lisboa.

Francisco José Teixeira Carneiro foi substituído pelo governador José da Silva Maldonado de Eça em 19 de junho de 1795 que apenas governou perto de três meses, tendo falecido a 10 de setembro do mesmo ano da supradita doença da terra.

Anexo 2

De Ilha em Ilha: Treze anos de percursos de João da Silva Feijó pelas ilhas de Cabo Verde (1783-1796)

Data	Percursos e Permanências	Cota
1783, fevereiro 3	Saída de Lisboa	AHMHN, CN/F -1
	Viagem de Lisboa para São Nicolau	
1783, fevereiro 28	Chegada a São Nicolau vindo de Lisboa	AHU, CU, CV, 41, 33 AHMHN, CN/F -1
1783, fevereiro 28 a 1783, abril 3	Permanência em São Nicolau	
1783, abril 3 / abril 11	Passagem pela ilha de Maio e pela ilha do Sal	AHU, CU, CV, 41, 33 AHMHN, CN/F -1
1783, abril, 12	Chegada à ilha de Santiago	AHU, CU, CV, 41, 33 AHMHN, CN/F -1
1783, abril, 3 a 1783 meados de maio	Permanência em Santiago (c. de 1 mês e meio)	
1783, maio 21	Chegada à ilha Brava ido de Santiago Início da expedição científica na ilha Brava	AHMHN, CN/F -3 AHU, CU, CV, 41, 35
1783, maio 21 a 1783, junho 20	Permanência na ilha Brava (c. de 1 mês)	
1783, junho 20	Chegada à ilha do Fogo, ido da ilha Brava Início da expedição científica na ilha do Fogo	AHU, CU, CV, 41, 57
1783, junho 20 a 1784, fevereiro 15	Permanência na ilha do Fogo (c. de 8 meses)	AHMHN, CN/F -4 e 5
1784, fevereiro 20	Chegada à ilha de Santiago ido da ilha do Fogo	AHU, CU, CV, 42, 8
1784, fevereiro, 20 a 1784, meados de abril	Permanência na ilha de Santiago (c. de 2 meses) Sofreu de um forte ataque de “doença da terra” em Santiago	AHU, CU, CV, 42, 13 AHMHN, CN/F -7

§ I I 6

1784, abril 19	Chegada a São Nicolau ido da ilha de Santiago Início da expedição científica na ilha de São Nicolau	AHU, CU, CV, 42, 28 AHU, CU, CV, 43, 53 A AHMHN, CN/F -8 e 9
1784, abril 19 a 1785 abril	Permanência na ilha de São Nicolau com expedições pontuais a outras ilhas do Barlavento (c. de 1 ano)	AHMHN, CN/F -2
	Expedições à ilha de Santa Luzia e ilhéus adjacentes, à ilha da Boavista e à ilha do Sal	AHMHN, CN/F -2
1785, abril	Chegada á ilha de Santo Antão Início da expedição científica na ilha de santo Antão	AHMHN, CN/F -2 AHMHN, CN/F -10
1785, abril a 1785 agosto	Permanência na ilha de Santo Antão (c. de 4 meses)	
1785, agosto	Chegada à ilha de Santiago	AHMHN, CN/F -11
1785, agosto a 1786 março	Permanência na ilha de Santiago (c. de 7 meses)	
	Segunda expedição científica à ilha Brava	AHMHN, CN/F -14 AHU, CU, CV, 43, 53 A
	Permanência na ilha Brava	
1786, abril 26	Chegada á ilha do Fogo ido da ilha Brava Início da expedição científica referente á recolha de produtos naturais procedentes da erupção vulcânica do ano anterior.	AHMHN, CN/F -14 e 15 AHU, CU, CV, 43, 53 A
1786, abril 26 a 1787 início de abril	Permanência na ilha do Fogo (c. de 1 ano)	
1787, abril 11	Chegada á ilha de Santiago ido da ilha do Fogo	AHU, CU, CV, 45, 7
1787, abril 11 a 1788 maio	Permanência na ilha de Santiago (c. de 1 ano)	
1788, maio	Chegada à ilha de São Nicolau	AHMHN, CN/F -16

1788, maio a 1789, janeiro	Permanência na ilha de São Nicolau com idas a Santo Antão (c. de 7 meses)	AHU, CU, CV, 45, 15
1789, janeiro	Chegada à ilha de Santiago	AHU, CU, CV, 45, 15 AHMHN, CN/F -17
1789, janeiro / meados de fevereiro	Permanência na ilha de Santiago	AHU, CU, CV, 45,7
1789, meados de fevereiro	Ida à ilha de S. Nicolau	AHU, CU, CV, 45,7
1789, fevereiro a 1796, setembro	Regresso à ilha de Santiago e permanência nesta ilha (c. de 7 anos)	AHU, CU, CV, 46,5 AHU, CU, CV, 46,7 AHU, CU, CV, 48,82 AHMHN, CN/F -18, 18 e 20
1796, setembro	Chegada a Lisboa vindo da ilha de Santiago	AHMHN, CN/F -22

Anexo 3

Listas e remessas enviadas por João da Silva Feijó das ilhas de Cabo Verde para Lisboa (1784-1793)

Data	Designação	Cota
1784, janeiro/fevereiro	Envio das remessas da expedição à ilha do Fogo e da Brava	AHU, CU, CV, 42, 8
1784, abril	Envio de um casal de falcões da ilha de Santiago	AHU, CU, CV, 42, 8
1784, maio	Envio das 1ª e 2ª remessas da expedição á ilha de São Nicolau	AHMHN, Remessas 558 a, 558 b, 559 AHU, CU, CV, 43, 53 A
1784, maio	Envio da lista das produções da ilha de Santa Luzia e ilhéus adjacentes	AHMHN, Remessas 558 c
1785, junho 16	Envio das remessas da expedição á ilha de Santo Antão	AHMHN, Remessas 558 d
1785, julho 12	Envio das remessas da expedição á ilha de São Vicente	AHMHN, Remessas 558 e
1786, agosto	Envio das remessas da 2ª expedição à ilha do Fogo	AHU, CU, CV, 43, 62
1786 agosto 20	Envio do calculo da despesa da extração do enxofre do vulcão do Fogo até ser embarcado para Lisboa	AHMHN, Remessas 560
1787 março	Envio do calculo sobre o produto da experiencia do peixe seco de Santiago	AHU, CU, CV, 45,7
1788 julho	Envio de 2 bodes da ilha de Santiago	AHU, CU, CV, 44, 10
1789 março	Envio das remessas da expedição à ilha de Santo Antão	AHMHN, Remessas 562
1790, janeiro	Envio de remessas de diferentes ilhas de Cabo Verde	AHU, CU, CV, 46,7
1793, setembro	Envio de remessas de produções naturais da ilha de Santiago	AHU, CU, CV, 46,7

Anexo 4

Textos de João da Silva Feijó já publicados

Ensaio político sobre as ilhas de Cabo Verde para servir de plano à história filosófica das mesmas – 1797”, publicado no Jornal Literário *O Patriota*, Rio de Janeiro, tomo III, nº5, Novembro de 1813, e in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, 1815 e também publicado por António Carreira (apresentação e comentários), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, 1986, pp.1-26

Memória tirada do Ensaio Filosófico e Político sobre as Ilhas de Cabo Verde” (acrescento do texto anterior com os capítulos sobre “ Do número e configuração das ilhas”, “Da grandeza e altura das suas montanhas”, “Do clima, ventos e etc”, “Das produções” “ Dos vegetais”, “Dos minerais”, “Dos animais”), Manuscrito do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Secção Administração, Caixa nº721, Pacotilha nº2, doc.57, publicado por António Carreira (apresentação e comentários), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, 1986, pp.27-33.

Memória sobre Urzela de Cabo Verde”, publicado in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, 1815, pp.145-154 e publicado por António Carreira (apresentação e comentários), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, 1986, pp.35-43.

Memória sobre a Fábrica Real do anil da Ilha de Santo Antão”, publicado in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo I, 1815 e publicado por António Carreira (apresentação e comentários), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, 1986, pp. 45-56.

Memória sobre a última erupção do pico da Ilha do Fogo de Cabo Verde” publicado no Jornal Literário *O Patriota*, Rio de Janeiro, Tomo III, nº5 e Orlando Ribeiro, *A Ilha do Fogo e as suas erupções*, Lisboa, A.G. U, 1954; CNPCDP, 1997, pp.217-230.

Ficha técnica

Título:

De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e Remessas Científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796). Vol. I - Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino

Coordenação:

Ana Cristina Roque e Maria Manuel Torrão

Transcrição de manuscritos:

Lívia Ferrão

Revisão de textos:

Ana Cristina Roque, Lívia Ferrão e Maria Manuel Torrão

Editor:

Instituto de Investigação Científica Tropical

Produção: Projeto FCT 0075/2009 Conhecimento e Reconhecimento em Espaços de Influência Portuguesa: registos escritos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e Insulíndia

Design gráfico e paginação:

Tiago Ribeiro

Impressão: Aos Papéis

1ª Edição

Tiragem: 300 exemplares

Copyright:

Instituto de Investigação Científica Tropical

ISBN: 978-989-742-012-2

Agradecimentos

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

MUHNAC – Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

Apoio

Fundação para a Ciência e Tecnologia

Projeto FCT 0075/2009 Conhecimento e Reconhecimento em Espaços de Influência Portuguesa: registos escritos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e Insulíndia





FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

